

PRÓLOGO

Mesmo concordando com a observação de Albert Camus que defende que “um homem é muito mais homem pelas coisas que cala do que pelas coisas que diz”, julguei necessário fazer uma ressalva, por compreender que a pesquisa extrapola as formas e normas do que é usual numa dissertação de Mestrado em Filosofia. Fiz citações e contrapontos com a arte e esta é a proposta inicial do meu trabalho, haja vista que pretendi observar as possibilidades da obra de arte enquanto resistência política. Porém, o que é atípico é o fato de, em alguns trechos, pautar-me em uma arte talvez mais distante de Camus, como é o caso da citação de Manuel Bandeira e da música composta por Toquinho e Belchior.

Gostaria de evidenciar que senti essa necessidade, não só por apreciar outras áreas de conhecimento, (o que é inerente à maioria das pessoas que busca o conhecimento filosófico) mas, principalmente, por ter me sentido instigada pelo autor estudado. Camus é um pensador que valoriza a arte/estética enquanto mote para a sua filosofia. Contudo, tem um ponto que é ressoante em Camus, a questão da valorização das origens. Afinal, é notório o quanto ele preza a Argélia, a família, sobretudo na figura da mãe, é evidente o quanto o sol, o mar argelino e, principalmente, a natureza intensa de sua terra é importante para a formação e construção de seu pensamento. Desta feita, enviei-me por uma escrita mais ‘alternativa’, porque, ao ler Camus, me senti estimulada a sair dos parâmetros e percebi o quanto ele próprio se permite e nos permite isso.

Assim, por se tratar de um trabalho em que a arte é um dos pontos discutidos, optei por citar não só os artistas e filósofos reconhecidos e aceitos pela academia, mas decidi mencionar também poetas, escritores e artistas reconhecidos pela sua arte, inclusive, estudados academicamente, porém pouco mencionados filosoficamente. Isto porque considero, tal qual Camus, que a sabedoria extrapola limites geográficos e áreas de conhecimento. Entendo que o rigor deve ser respeitado e em nenhum momento quis abster-me disso; porém senti-me à vontade para citar, por exemplo, Guimarães Rosa, que tem um jeito e uma linguagem própria, mas que discute muito a condição humana. Camus (1913-1960) e Guimarães (1908-1967) são contemporâneos. Tenho consciência que eles não dialogam, e que talvez não tenham tomado conhecimento da obra um do outro, porém, há algumas características marcantes que não pude desconsiderar. Por exemplo, se compararmos *A Queda*, obra de Camus, com *Grande Sertão: Veredas*, de

Guimarães, é possível notar uma característica em comum entre as obras, a princípio, ambas são monólogos.

Em *Grande Sertão: Veredas*, o autor brasileiro apresenta o diálogo entre Riobaldo, personagem central da trama, e um interlocutor que não se manifesta diretamente. Portanto, só é possível identificá-lo e caracterizá-lo por meio dos próprios comentários feitos por Riobaldo. Do mesmo modo, Albert Camus, permite que a personagem, Jean-Baptiste Clamence, protagonista de *A Queda*, discuta temas importantes com um interlocutor que não se interpõe no texto. Ademais, ambos os autores valorizam muito suas origens. Assim, permiti-me tecer paralelos entre Albert Camus e Guimarães Rosa.

Caio Fernando de Abreu, também com seus contos, poesias e reflexões apontou para uma aproximação com o pensamento camusiano. Por isso, percebi que poderia citá-lo com certa segurança e liberdade, justamente porque discute, por meio da arte, problemas de seu tempo.

Talvez, esse meu posicionamento fuja às regras. Todavia, se conduzisse minha pesquisa de modo diferente e me aproximasse mais do cânone acadêmico, não corresponderia ao que absorvi da obra camusiana, que propõe uma fuga dos limites e uma busca que está próximo, pois o esteio de sua filosofia é o homem rompendo seus limites e criando possibilidades. E, num desdobramento, a arte, que é um modo de agir, porquanto o fato de que “Todos se esforçam por imitar, ensaiar e recriar a realidade que é sua. Acabamos por ter o rosto de nossas verdades”. Albert Camus ainda afirma que esse homem absurdo não tem por objetivo maior “explicar” ou “resolver” questões que ele próprio não consegue respostas; menos ainda, confirmações, pois explicar é algo que, de fato, extrapola a capacidade humana. Por isso Camus exige do homem apenas o que pode ser sentido e o que lhe é possível descrever. Isto está no âmbito da arte e em todas as suas possibilidades.

Há outro ponto relevante que desejo salientar, que é o fato de ter considerado as diversas obras do autor e a importância inerente de cada trabalho, respeitando isso, tomei a decisão de seguir, fundamentalmente, a mesma estrutura do argumento camusiano em *O Homem Revoltado*. Isso para mim foi importante, pois esta obra retrata o lado mais político de Albert Camus e, em minha opinião, pouco explorado aqui no Brasil.

Tânia Elías de Jesus

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar, por meio da filosofia camusiana, a estética¹ como resistência política. Afinal, a arte sempre esteve presente na história da humanidade. Entretanto apenas recentemente foi tomada como objeto de denúncia e de questionamento.

Grandes artistas tiveram a chance de manifestar seu pensamento por meio da arte, e nesse movimento denunciaram, protestaram ou simplesmente demonstraram sua dor e a dor do *outro*. Assim, pode-se perceber que esse recurso é muito mais do que um instrumento de fruição. Ao contrário, sob alguns aspectos, pode causar a estranheza e desencadear novos modos de pensar e compreender a vida. A arte se mostra como uma possibilidade de abertura e de problematização da vida e do mundo circundante. Em linhas gerais, uma problematização filosófica.

Ademais, e, sobretudo, a arte pode ser utilizada como um instrumento de resistência política, especialmente por apresentar esse caráter de denúncia. De onde poderemos aferir que a Estética propicia a possibilidade de mudança na percepção que se tem de algo, de uma situação, em especial no âmbito do político. Além de se mostrar como um modo de reivindicação ao direito de viver — direito esse que se expande em todas as direções.

Sob esse aspecto, a filosofia camusiana se apresenta como uma fonte segura, pois o pensamento de Albert Camus transita com intimidade entre uma linha de conhecimento e outra, uma vez que sua filosofia é pautada no ensaio, no romance e na dramaturgia, o que faz de sua filosofia um *apport* estético/político, especialmente presente em *O Homem Revoltado*. A obra de Albert Camus é marcada pelo seu

¹ Estética: do grego *aisthesis*, que significa ‘faculdade de sentir’ ou ‘compreender pelos sentidos’. Esse termo foi utilizado pela primeira vez em 1750, pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten. A arte torna-se dessa maneira uma nova área de conhecimento e instrumento filosófico. Para Baumgarten a Estética é uma possibilidade segura de conhecimento, pois faz uma junção entre sensibilidade, sentimento e racionalidade.

posicionamento estético-político, porquanto tem um modo autêntico e objetivo de se colocar frente aos impasses de seu tempo.

Ora, Camus apresenta-se como suporte para mostrar que alguns eventos operam determinada ruptura em relação aos eventos históricos que os constituíram. Ao analisar o sentido da política e sua intrínseca relação com a condição humana, aponta para as teorias totalitárias, para as práticas de terror e terrorismo de Estado, não os circunscrevendo aos eventos datados da história da humanidade, mas, isto sim, demonstrando que tais eventos soerguem-se como um problema filosófico contemporâneo, que trazem consigo a minimização da *condição humana*. Nesse contexto, Albert Camus empreende um estudo minucioso da arte engajada², e percebe na atitude estética uma relação intrínseca com a reflexão do âmbito político. Sob esse aspecto a arte oferece uma condição consciente de criação e resistência.

Desta maneira, Camus se mostra um questionador consciencioso, permitindo expressar seu pensamento de diferentes maneiras. Contudo, sua filosofia não se dá em um patamar para fora do ‘homem-no-mundo’; antes, se situa no âmbito da *práxis*. Ou seja, tem em vista não uma ética ou moral particular, mas um determinado *Êthos*³. Desta feita, embasa sua filosofia em vivências, experiências e em análises feitas a partir de suas observações. À vista disso, dois problemas humanos, que convergem e se antagonizam, tornam-se presentes em sua obra, os quais desembocarão naquilo que Camus denominou de *Revolta*. São eles: *vida* e *morte*. Ambos, à luz do sentimento do *absurdo* – conceito caro a Camus – devem ser analisados frente à finitude do homem e da consequente desrazão de ser no Mundo. Desrazão esta que, em um primeiro

² *Engagement*, no sentido lato, pois que essa expressão durante a segunda metade do século XX, teve como propósito aquele artista/escritor *engagé*, que se referia a todo e qualquer intelectual que tivesse uma participação mais ativa na vida política do seu país. Bastava, para tanto, escrever qualquer peça literária contra o regime em vigor, ou produzir qualquer arte mais arrojada, que tivesse um princípio de resistência para conquistar tal rótulo. Deste modo, o *engagement* aprisionava o escritor a uma forma de compromisso sem saída, pois fazia com que ele perdesse a liberdade que lhe era intrínseca e individual, comprometendo assim, a escolha do próprio caminho. Ora, deste modo, sua arte e obra produzida eram aprisionadas a uma coletividade política e superior, que nem sempre era o propósito do artista. Isto seria para Camus o *embarqué*, conceito camusiano que se refere à impossibilidade de escolha. Já o engajamento é um ato voluntário. Aqui o que é importante salientar é que, para Camus, a arte tem o propósito de resistência e é uma decisão do artista usá-la como meio para se comprometer ou não com as causas políticas.

³ No uso do termo *Êthos* e não *Éthos*, pressuponho que haja no pensamento de Albert Camus algo que se difere de uma ciência teórica, isto é, de uma Metafísica ou Física; de fato, percebo a inserção de um pensamento da *práxis*, isto é, uma teoria cujo objeto é a ação humana, e pela qual se investiga aquilo que, de certo modo, constitui uma forma de política. Não há, portanto, sinonímia (por mais que haja uma identificação de certo modo) com a dimensão do costume, uso ou maneira; antes há com o do próprio caráter.

momento, faz com que o pensador argelino empreenda uma busca acerca do verdadeiro sentido da Filosofia. Para ele, então, só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. “Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia”⁴. Afinal, o ‘estar-do-homem-no-mundo’ implica a compreensão do divórcio entre este mesmo homem e este mesmo mundo, a falta de sentido da existência humana e do desconhecimento de qualquer sentido *a priori*. A determinação dessa questão implicará outras conclusões, como o assassinato, pena de morte e diferentes questões éticas.

Camus perpassa diversas possibilidades no âmbito ético-político e estético em suas obras anteriores, mas é com *O Homem Revoltado* que expõe sua indignação de forma mais estruturada. Neste texto, analisa seriamente as bases das diferentes transformações da revolta ao longo dos diferentes momentos históricos. Ademais, observa como os pensamentos influentes, de cada época, interferiram e determinaram os diversos pensamentos revoltados, bem como os deturparam, propondo questões para serem discutidas.

O filósofo argelino analisa as particularidades dos pensadores mais importantes e que contribuíram, cada um ao seu modo, para a estruturação da revolta e do pensamento revoltado, mostrando, para além das contribuições, a superficialidade e equívocos de alguns destes, bem como as consequências históricas e éticas de tais posturas filosóficas. Camus é severo em sua abordagem. É um crítico de certo modelo de pensamento que desemboca, igualmente, na violência e no totalitarismo, os quais, em sua opinião, minimizam a vida humana.

O pensamento de Albert Camus é singular e inusitado, além de ser extremamente contemporâneo. O que se observa é que seu raciocínio acontece de um modo muito consistente. No entanto, apesar da severidade, é possível notar uma leveza quando trata de assuntos polêmicos, como o caso do regime totalitarista. Afinal, sua escrita é o ensaio.

É importante frisar que esse filósofo parte de suas vivências e da sensibilidade que lhe é inerente para definir suas ideias. Concomitantemente, mostra-se simples, pois defende que o desfecho da vida ocorre nas pequenas facetas do cotidiano. Viver, para

⁴ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Tradução Urbano Tavares Rodrigues; Ana de Freitas. Lisboa: Edição Livros do Brasil, [s.d]. p 13.

ele, é algo visceral, mantendo-se presente no mundo; não há fugas. Logo, percebe-se que apesar de sua construção, por vezes despretensiosa, seu pensamento recobre-se com nuances de complexidades, porque estabelece sua filosofia justamente no viver do dia a dia.

É preciso uma acuidade singular para perceber essa complexidade, pois em muitos momentos, seu modo de escrever beira ao despretensioso, e para um observador mais desavisado pode parecer um raciocínio pueril. Camus constrói sua filosofia tendo como mote a vida. Nada é mais importante para esse pensador do que viver a vida em sua integralidade, tanto que afirma: “Eu amo a vida, eis a minha verdadeira fraqueza. Amo-a tanto que não tenho nenhuma imaginação para o que não for vida”⁵. Estas palavras ditas por Jean-Baptiste Clamence, personagem da obra *A Queda*, pode dar uma noção clara do que é o viver para Camus⁶ e o *porquê* de sua construção filosófica estar intrinsecamente ligada com o viver e com prazeres simples que compõem o discorrer da vida.

Ora, não lhe é possível pensar uma filosofia desconsiderando suas origens. Nota-se que em seus conceitos estão presentes na observação do corriqueiro, pois para Camus, homem/vida/mundo são componentes do todo. Logo, qualquer questionamento de caráter filosófico não pode abster-se da vida e do mundo, mas é fundamental incluir o homem como objeto central da discussão. É ele, o homem, o fio condutor de sua construção. Assim, em Camus, vida, obra e filosofia se entrelaçam de maneira inteligente e envolvente, o que torna a pesquisa de sua obra uma atividade bastante prazerosa e uma doce descoberta e uma viagem emocionante. E, ao final, é possível perceber a grandiosidade de seu pensamento e o quanto é instigante o seu modo de fazer filosofia. Estudar Camus obriga-nos a abrir outras vertentes, pois trata-se de um filósofo que observa a vida em todas as suas possibilidades e promessas. Ele transita tanto pela dor, limitação, guerra, quanto pela sensualidade, o brilho do sol e a cobrança pela força da vida. Camus, que se apresenta a mim como um titã questionador, interroga, vive, ama, se banha no mar, permite que o sol lhe queime o corpo e lhe cegue a visão, mas também permite que este mesmo sol ilumine seu raciocínio. É um pensador intenso, como sua filosofia; por vezes despretensioso em seu modo de filosofar, noutros

⁵ CAMUS, Albert. *A Queda*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Bestbolso, 111p. 2007, p 58.

⁶ Sabe-se que personagem e autor são entidades distintas; porém, em Camus é possível notar um entrelaçamento da sua maneira de pensar e viver e o modo como representa suas personagens.

momentos, se mostra arrogante na defesa de seus argumentos. É incisivo, mas, sobretudo, Camus é original e fiel às suas convicções. A ele não interessa falar das categorias de um provável mundo metafísico ou de qualquer outro problema filosófico, sem antes tratar da relevância da vida, sem discutir a importância do homem. Depois que se fizer isso, poderá se travar outras discussões.

Esta Dissertação foi estruturada em quatro capítulos, organizados do seguinte modo:

No primeiro capítulo, intitulado *Suporte Conceitual da Filosofia Camusiana*, viso explicar o modo como Albert Camus estrutura seu pensamento e seus conceitos. Meu objetivo foi esclarecer melhor e justificar a pesquisa, discorrendo acerca dos conceitos principais adotados pelo autor, em especial, a ideia de ‘Felicidade’, ‘Absurdo’ e ‘Revolta’. O escopo dessa iniciativa é mostrar que Camus desenvolve linearmente, de maneira coerente, cada um dos conceitos, a fim de entrelaçá-los em cada nova obra, sem, contudo deixá-los perder a essência conceitual, mesmo que sejam abordados sob perspectivas diferentes⁷. Assim, distinta e separadamente, trato dos conceitos de *Felicidade*, *Absurdo* e, por fim, proponho-me desenvolver o conceito de *Revolta*.

No segundo capítulo, intitulado *Revolta Metafísica e Histórica: paralelos*, procurei elucidar o modo como Camus analisa o movimento da revolta, e nesta análise, distingo, para um melhor entendimento, o que esse filósofo compreende por revolta metafísica e revolta histórica. Basicamente o que ocorre é que alguns pensadores se tornaram revoltados, mas a revolta era contra a morte, contra Deus e a inexplicabilidade da existência. Esta talvez seja para Camus a revolta mais próxima de sua essência. Num segundo momento, Camus trata da revolta histórica e mostra como esta corrompe a revolta em sua essência, roubando-lhe o caráter justo que lhe é inerente. O filósofo argelino entende que esse processo, tanto metafísico quanto histórico, confere à revolta

⁷ O que pode ser bem observado em *A morte feliz*. Nesta composição de juventude já se percebe a coerência filosófica e estética do pensamento de Camus, as quais perduram por toda a sua vida. As ideias de absurdo e de revolta, fundamentais na obra camusiana, já estão insinuadas e apontadas neste romance, cujo tema principal é a morte e a necessidade de uma vida plena, pautada em uma *felicidade sensível*.

uma condição de revolução, ao que Camus contesta. Logo no primeiro subtítulo, *Preâmbulo Analítico da Revolta: considerações camusianas*, falo um pouco sobre como esses conceitos são tratados em suas obras, especialmente, em *O Mito de Sísifo* e o no *Estrangeiro*, desdobrando o problema para *O Homem Revoltado*. No segundo Subtítulo, *Contribuições para a Compreensão da Revolta: de Epicuro a Lucrecio*, faço uma análise do pensamento de Camus a partir de seu/meu olhar epicurista e dos filósofos ditos menores que contribuíram para a formação do pensamento de muitos outros ditos grandes pensadores; e, dentre eles, o próprio Camus. Já no terceiro subtítulo, *Revolta Metafísica*, discorro mais detalhadamente sobre um modelo de revolta que se mostra como uma frustração pelo criador, apontando para o fato de Camus evidenciar como vários pensadores se manifestaram nesse sentido. O quarto subtítulo trata do outro lado da revolta, sob a perspectiva camusiana, isto é, a *Revolta Histórica: revolução versus revolta*. Acompanhando o desfecho e o modo como foi conduzido esse processo por parte daqueles pensadores que tinham por objetivo deificar a história com a proposta de chegarem definitivamente à unidade, porém tomando o caminho da totalidade, neste ponto do trabalho visio entender os desdobramentos dados por Albert Camus acerca desta questão. No último subtítulo, *Influências Marxistas sobre Revolta Histórica* abordo, separadamente, as ideias de Marx, isto porque Camus as considera absolutamente teóricas. O Filósofo argelino alerta que Marx, sob qualquer aspecto filosófico, será sempre tratado por ele como um profeta, isto é, não sopesa, de fato, seu pensamento na prática. Por isso, de acordo com suas considerações, a influência marxista é meramente metafísica.

No terceiro capítulo, que se intitula o *Terror como Síntese da Revolta Niilista*, pondero sobre como a revolta, em sua evolução, desembocou no totalitarismo, tornando-se um instrumento de força capaz de reduzir o homem à condição de coisa. No primeiro subtítulo, *Totalitarismo: uma configuração do terror?*, procuro mostrar o quanto a concentração de poder desconsidera valores e leis e, conseqüentemente, impede e cerceia a liberdade humana. Discute-se aí as ações hitleristas e o quanto o Nazismo usurpou da condição humana. Já no segundo subtítulo, *Terror e Suicídio: dois modos de se ver o niilismo*, avento as influências do niilismo para a formação da condição de terror que foi o totalitarismo em suas mais diversas possibilidades, especialmente na Alemanha Nazista.

Por fim, no quarto capítulo, *A Estética como Resistência Política*, trato da arte como instrumento de criação e de revolta. Entendendo-a, nos moldes de Camus, como capaz de identificar e lidar com o absurdo da existência. É um capítulo que tem em vista compreender este ponto como a síntese do pensamento camusiano. Afinal, esse filósofo acredita que a verdadeira revolta e resistência ocorrem por meio das expressões artísticas. Assim, no primeiro subtítulo, *As Diversas Possibilidades de Criar e Resistir*, ressalto a definição do papel da arte, o estranhamento produzido por ela, que é capaz de gerar questionamentos que incidirão na ação. Por ser possuidora de linguagem própria, a arte apresenta contingências incomuns às demais possibilidades de manifestação. Por isso, no segundo subtítulo, *A Arte como possibilidade de resistência*, proponho mostrar que, por mais que haja particularidades, a arte deve se ater à alteridade, que é uma das expressões da unidade, pois a fragmentação poderá afastá-la de seu objetivo maior que é a resistência e a restauração. E isso apontando para a preservação da condição humana, que se dará sempre por meio da revolta pura e consciente. No terceiro subtítulo, *O Romanesco como Revolta e Criação*, apresento a importância do romance como uma das modalidades de arte revoltada.

CAPÍTULO I

SUPORTE CONCEITUAL DA FILOSOFIA CAMUSIANA

1.1. Estruturação Conceitual

Quando se usa a expressão ‘construção filosófica’ para se referir a Albert Camus, isso soa absolutamente coerente, pois Camus não expõe os seus conceitos mais importantes de uma só vez. São postos em partes e desenvolvidos de acordo com o tempo, na medida em que o pensador vai nos familiarizando com eles. Camus não tem pressa, suas questões surgem e ele as expõe em um texto, e no subsequente volta a discutir o assunto acrescentando outros novos questionamentos. Assim, uma ideia se articula com a outra, permitindo uma minúcia e coerência filosófica que é perceptível no fragmento, mas que se completa na visão holística. Deste modo, pode se afirmar que há sempre um lugar de encontro entre uma obra e outra na tríade ‘ensaio-romance-peça’, cujo objetivo é discutir a importância da vida e do homem.

Nesta articulação, Camus apresenta conceitos importantes. Como o de ‘Felicidade’ presente em *o Averso e o Direito*, uma de suas obras iniciais, mas este conceito permeará toda a obra literária e filosófica do pensador. Já os conceitos de ‘Absurdo’ e ‘Revolta’ surgem em obras como *Estrangeiro* e *Mito de Sísifo*, embora seja possível identificá-los em *A Morte Feliz*, e observar que eles se solidificam em *O Homem Revoltado*. O mote de sua discussão é sempre a condição humana, a

possibilidade de ser feliz apesar da falta de sentido da vida e, sobretudo, a revolta como resistência e exigência ao direito de viver.

Para compreender com mais clareza o posicionamento e as ideias camusianas é fundamental explicar esses três importantes conceitos, já pontuados: ‘Felicidade’, ‘Absurdo’ e ‘Revolta’. É relevante lembrar que por vezes estes podem nos parecer antagônicos; e, sob certo aspecto, são. Entretanto, Camus os entende como correlatos; isto é, para ele, estes conceitos estão intrinsecamente ligados e um justifica o outro. Ora, a busca pela compreensão existencial coloca Camus frente a tais conceitos e sua explicação é a fundamentação de sua filosofia. Afinal, ao se deparar com a atrocidade dos fatos que ocorrem na vida, o filósofo argelino percebe quão grandes e equívocas são algumas discussões filosóficas propostas até aquele momento. Momento esse pautado pela brutalidade e agressão contra a vida humana. Diante do comportamento ofensivo contra a vida humana, qual a importância de uma explicação de um além-mundo? Qual a relevância de se entender *ontologicamente* uma questão? Para desenvolver seu raciocínio filosófico e discutir conceitualmente tais questões, Camus decide se amparar em uma filosofia da existência, que não é uma filosofia existencialista.

Camus [...] tem em vista não uma ética ou moral particular, mas, isto sim, um determinado *Ethôs*. E isso de modo a compreender as razões pelas quais os homens, diante da constatação do absurdo da existência, e frente a situações absurdas concretas, optam por caminhos diferentes. [...] frente ao vácuo moral criado pelo absurdo da existência, o qual, apresentando-se como uma forma de revolta, não é capaz de fazer os homens distinguirem o auto-sacrifício de mistificação [...] a partir de uma caracterização do absurdo [...], Camus se apresenta, como Descartes outrora, em busca de um método, e não de uma doutrina, [...]. Seu método [...] “confessa o sentimento de que todo conhecimento verdadeiro é impossível. Só as aparências podem enumerar-se e o clima fazer-se sentir”. [...] como alude Arendt, Camus aparece como um pensador da *Existenz* e não como um existencialista, tal qual Sartre. Afinal, para o pensador argelino, as relações entre homem e mundo se dão na constatação deste ser desarrazoado para o homem. Porém, mesmo sendo o mundo desarrazoado, o homem almeja sempre uma coerência⁸.

⁸ AMITRANO, Georgia Cristina, *Ecos de Razão e Recusa: Uma Filosofia da Revolta de Homens em Tempos Sombrios*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Filosofia, 2007, pp. 126-127.

Donde podemos entender a razão pela qual Camus põe em suspeição muitas afirmações filosóficas, dogmas, fé e tantos outros preceitos tidos como fundamentais. E o perfilhamento desse raciocínio é a base sólida para o estranhamento, que se mostra tão necessário para a compreensão de sua existência e do momento em que vive.

1.2 *Felicidade*: um ‘conceito’ que não cabe em conceitos

Como esses conceitos são construídos e definidos de acordo com o amadurecimento filosófico de Camus; num primeiro momento, o que se pode perceber é que ele toma consciência da felicidade por meio da força da vida, da exuberância inerente do sol, do mar e na força da Argélia. Há um entrosamento entre ele, o desejo, a sapiência desse desejo e a comunhão com a natureza. Para Camus, a languidez do toque e a “libertinagem da natureza e do mar”⁹ são prementes a qualquer outra situação, tanto que afirma que deixará a discussão da ordem e da medida para outros. A ele, neste momento, interessa a intensidade do viver, essa felicidade, presente em *Núpcias*, é uma felicidade sensível, pautada numa relação de harmonia entre o homem e o mundo.

Respiro a única felicidade que sou capaz – uma consciência atenciosa e cordial. Passeio o dia todo [...] cada ser que encontro, cada cheiro dessa rua, tudo é pretexto para amar sem medida. Jovens mulheres supervisionam uma colônia de férias, a trombeta do vendedor de sorvetes, as barracas de frutas, melancias vermelhas com caroços negros, uvas translúcidas e meladas – tantos apoios para quem não sabe ser só¹⁰.

Nesta etapa da construção filosófica de Camus, a Felicidade se apresenta como um caminho para a liberdade. Entretanto, num desdobramento presente em *O Mito de Sísifo*, a questão evolui para o ‘como’ ser feliz perante a absurdidade, como é possível ser feliz depois de se tomar consciência da existência absurda? Mesmo diante da certeza da morte e da inexplicabilidade da existência é possível considerar a felicidade? Camus entende que na medida em que a felicidade vai se manifestando, o homem consciente a percebe, apesar da constatação do incongruente. Essa percepção, de certa maneira, permite-nos dar nossas respostas para questões presentes na existência individual, isto é,

⁹ CAMUS, Albert. *Núpcias, o Verão*. Tradução Vera Queiroz da Costa e Silva. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1979, p. 03.

¹⁰ *O avesso e o direito*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: 109 p. Record.1995, p 87.

marcar nossa vida com nosso selo. Tanto que Camus considera o mundo uma promessa de felicidade.

Ou seja, o mundo do modo como se mostra, mesmo com as limitações inerentes, é um lugar que se permite ser feliz. E é por causa disso que o homem não suporta imaginar que toda a beleza que aqui existe terminará em algum momento para ele. Quando o sujeito decide pelo suicídio não é tão somente por não querer ficar neste mundo, mas por não compreender a felicidade do modo como se mostra. Afinal, “os homens não são mais ou menos tempo felizes. São felizes ou não, só isso. E a morte não impede nada, é um acidente da felicidade nesse caso”¹¹. O que é evidente é que a vida é limitada pela morte e o tempo que se tem para viver não é determinando por nós mesmos, mas pela absurdidade que move a existência. Existência esta que terminará cedo ou tarde com ou sem a nossa anuência. A vida será ceifada, sem justificativas nem aviso prévio. Porque mesmo ante a doença, uma pessoa não tem certeza do momento exato em que ocorrerá sua morte.

Manoel Bandeira, que foi diagnosticado com tuberculose aos dezoito anos, esperou a morte eminente até os oitenta anos. Passou a vida toda esperando para morrer, tanto que retrata isso em seus poemas, especialmente, em pneumotórax:

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido o que não foi
Tosse, tosse, tosse...
Mandou chamar o médico:
Diga trinta e três
Trinta e três, trinta e três, trinta e três
Respire.
O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito
está infiltrado.
Então, doutor, não é possível tentar um pneumotórax?
Não. A coisa a fazer é tocar um tango argentino¹².

Para Camus, o não viver de Bandeira já é morte. Ele próprio foi tuberculoso. E por mais que tenha padecido por um período de introspecção e sofrimento, decidiu não esperar para morrer, ao contrário, permitiu-se viver e aproveitar o sol, as mulheres, o amor, a vida e foi pego de surpresa pela morte. Ele não esperava morrer naquele momento, tanto que ainda tinha muitos projetos inacabados, como o livro *O Primeiro*

¹¹ CAMUS, Albert. *A Morte Feliz*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997, p 123.

¹² BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem – Pneumotórax* – Editora Petrópolis, 19 p. 1925, p 03. <http://ebookbrowse.com/poemas-libertinagem-manuel-bandeira-pdf-d379553869>

Homem ¹³. Isto para Camus é resistência, ou seja, não aceitar as limitações impostas pela existência é um modo de afrontar e confrontar a vida, buscar viver mesmo que haja a promessa constante da morte. Não abrir mão da vida é felicidade. Gozar da força do mundo, do sol, do mar, do amor, é fruição e é um direito do homem, sem dúvida, usufruir da felicidade. Camus identifica isso como sendo vida, além do quê, valoriza o mundo-natureza, já que é nesse mundo que se vive com intensidade. Ele declara seu amor pelo mundo e sua paixão pela vida.

Caminhamos ao encontro do amor e do desejo. Não buscamos lições, nem a amarga filosofia que se exige da grandeza. Além do sol, dos beijos e dos perfumes selvagens, tudo o mais nos parece fútil. Quanto a mim, não procuro estar sozinho nesse lugar. Muitas vezes estive aqui com aqueles que amava, e discernia nos seus traços o claro sorriso que neles tomava a face do amor. Deixo a outros a ordem e a medida. Domina-me por completo a grande libertinagem da natureza e do mar ¹⁴.

Núpcias é anterior ao *Mito de Sísifo*; portanto, o conceito de felicidade foi percebido antes que o absurdo, e a felicidade aqui, tem uma conotação diferente daquela discutida e proposta em obras posteriores, especialmente em *O Mito de Sísifo*. Deste modo, a concepção de felicidade para esse pensador aparece de uma maneira mais intensa e embrionária nesta obra e se encadeia nas obras subsequentes, adquirindo mais clareza e, talvez, um novo sentido mais amplo e abrangente. Ao longo de sua escrita, esse pensador deixa claro que a força vibrante da natureza é algo fundamental. Declara mais de uma vez que o mundo é um objeto de amor, e dessa relação nasce o desejo de felicidade. Consequentemente, a vontade de ser feliz está irremediavelmente atrelada à natureza. Assim, a existência humana é caracterizada pela paixão que se tem pela vida.

Penso agora em flores, sorrisos, desejo de mulher, e compreendo que todo o meu horror de morrer está contido em meu ciúme de vida. Sinto ciúmes daqueles que virão e para os quais as flores e o desejo de mulher terão todo o sentido de carne e de sangue. Sou invejoso, porque amo demais a vida para não ser egoísta... Quero suportar minha lucidez até o fim e contemplar minha morte com toda a exuberância de meu ciúme e de meu horror ¹⁵.

¹³Camus trabalhava nesta obra *O Primeiro homem*, por ocasião do acidente que lhe tirou a vida em 1960. A obra retrata a Argélia e a infância do autor, além de voltar a temas como o absurdo da morte, o artista nômade e o eterno estrangeiro. Camus retrata sua história na personagem de Jacques Cormery, um menino que teve uma vida regrada, na pobreza, tal qual a história de Camus.

¹⁴ CAMUS, Albert. *Núpcias, o verão*, p. 03.

¹⁵ Ibid., p. 08.

Camus resume essa felicidade em circunstâncias corriqueiras do dia a dia. Não se prende a ocorrências mirabolantes para justificar seu desejo de permanecer existindo. Viver para ele é algo relativamente simples, é preciso apenas observar as sutilezas que se mostram na correria do cotidiano. É o absorver cada momento. Como no relato de Mersault, quando diz que “antes de deixar o escritório para almoçar, lavei as mãos. Ao meio dia, gosto sempre de o fazer. À tarde, não tanto, porque a toalha rolante já está muito úmida” ¹⁶. Ora, esse ato poderia ser um gesto mecânico, podendo passar despercebido à maioria das pessoas; entretanto, é o prazer ressaltado por Camus. É uma ação simples, aparentemente sem valor; todavia, quando observada à distância é possível ter uma noção clara do que é a felicidade em sua forma mais sensível. O prazer é ato. Fatos aparentemente ingênuos dão mostras do que seja a felicidade. E demonstra também o que é a filosofia para Camus, conforme coloca no *Mito de Sísifo*, quando diz que:

Só há um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida é responder uma questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. Trata-se de jogos; é preciso primeiro responder. [...] São evidências sensíveis ao coração, mas é preciso ir mais fundo até torná-las claras para o espírito ¹⁷.

Quando Mersault, personagem principal do romance *Estrangeiro*, sente prazer nas coisas corriqueiras da vida, o que se apresenta é um Camus que aponta para a existência humana mundana como algo que é mais importante que a procura por um Ser do homem. De fato, alguns filósofos prezam por definir quantas dimensões existem, quantas categorias compõem o espírito, e não se apercebem das sutilezas e do concreto que é intrínseco à vida.

Quando Camus aponta para o prazer em secar as mãos em uma toalha limpa, pode parecer, aos olhos desavisados, um pensamento pueril e romanesco, mas o que ele faz é mostrar o *valor* inerente a cada sentimento, a cada pequena ação humana, pois que compreende que o homem é o fator mais importante nesta altercação. A percepção do desenrolar da vida mostra a sua importância; como nesta outra situação corriqueira, que

¹⁶ CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Tradução Antônio Quadros. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1972, p. 38.

¹⁷ *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 13.

é também relatada por Mersault, e que retrata bem o que é a *felicidade sensível*, a felicidade no mundo natureza.

Quando nos vestimos na praia, Marie olhava-me com olhos brilhantes. Beijei-a. A partir desse momento, não falamos mais. Apertei-a contra mim, e tivemos pressa de encontrar um ônibus, de voltar, de ir para minha casa e de nos atirmos na minha cama. Tinha deixado a janela aberta, e era bom sentir a noite de verão escorrer por nossos corpos bronzeados ¹⁸.

Camus é pragmático naquilo que tange a vida humana, pois que apesar de todo o despojamento encontrado em sua obra, seu objetivo filosófico é direto e claro, porquanto para ele, sobre todas as coisas existentes, está a vida humana e a felicidade do sujeito. Tem lucidez para ponderar a dinâmica da existência, pois, por mais que tenha paixão pela vida e pelo mundo, não é um romântico no sentido pejorativo dado ao hedonista. Ele embasa seu pensamento sempre nas experiências já vividas. É uma filosofia da *práxis*, que não cria situações hipotéticas, mas conduz suas ponderações à partir daquilo que inerente à vida. Tanto que afirma ser necessário o recurso financeiro para se ter uma existência digna e, conseqüentemente, a felicidade consistente. Não é possível ser feliz, se não houver o necessário para sobreviver, de tal maneira faz a seguinte afirmação:

Tenho certeza [...] de que não é possível ser feliz sem dinheiro. Só isso. Não gosto nem da facilidade, nem do romantismo. Gosto de compreender. Pois bem, reparei que em certas pessoas da elite há uma espécie de esnobismo espiritual em acreditar que o dinheiro não é necessário à felicidade. É bobagem, está errado e, de certa forma, é covardia ¹⁹.

Ora, a vida para ser explorada em sua integralidade precisa ser composta daquilo que exige a existência. Onde Camus assumir que, por ter características absurdas, o viver não é necessariamente ruim. De fato, a vida se mostra dessa forma por conta das possibilidades que oferece e que deixamos passar. Desta feita, para Camus, a felicidade está no mundo, não sendo necessário transcender a existência para ter a plenitude. Tudo

¹⁸ CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*, p. 32.

¹⁹ CAMUS, Albert. *A Morte Feliz*, p. 22.

o que o homem deseja está aqui. E esta vida, da maneira como se apresenta, é digna de ser vivida, e é única. Salienta também que a esperança em possibilidades metafísicas, é algo ilusório. Nesta perspectiva, mostra os equívocos do niilismo, porquanto este apregoa que ‘ou se tem tudo ou é melhor não se ter nada’. Para o filósofo argelino, o pouco que se tem é de muito valor, mesmo que a absurdidade da existência seja gritante, o existir por si só já é magnífico. Perfeito seria existir com a suplência de todas as necessidades humanas.

Camus reflete sobre o mundo e a beleza perecível, mas, sobretudo, acerca da contingência de todas as coisas,

Todo ser belo tem orgulho natural de sua beleza, e o mundo, hoje, deixa seu orgulho destilar por todos os poros. Diante dele, porque haveria de negar a alegria de viver... Não há vergonha alguma em ser feliz²⁰.

Portanto, o ideal é que o homem se porte sempre como um revoltado, como aquele que diz não a tudo que o oprima e o minimize, e lute pela sua felicidade, mesmo que não haja nenhuma esperança em um mundo; para ele é evidente que há um tempo para viver, um tempo para testemunhar as vivências e outro tempo para criar, e que em todo esse processo o que prevalece é a beleza do ser e do existir. Assim, Camus insiste que todo ser é belo. E isso também ocorre com o mundo, que é belo e destila sua beleza pelos seus poros. Desta maneira, não há porque negar a alegria de viver. Essa alegria é a ferramenta que o homem tem para responder ao mundo. *A busca da felicidade é então empreendida pela sensibilidade, não no mundo abstrato da inteligência, mas na vida concreta em que é possível vivenciar, de fato, todas as emoções, possibilidades e experiências.* Sob essa égide, a inteligência serve para clarificar os dados da sensibilidade. Visto que é por meio do sensível que se chega ao conhecimento e a verdade. Isso acontece de um modo muito simples, ver é igual a crer. Logo, não é possível negar o que se pode tocar. O que é palpável é, de certo modo, inegável.

A felicidade sensível - mais discutida na *Morte Feliz* - exige o outro como objeto de amor, consequentemente os homens se aproximam no contato com o mundo. É possível perceber isso quando Camus afirma que o homem cumpre seu papel neste mundo ao ser feliz. Assim, a felicidade é um dever e a natureza é um ponto de

²⁰ CAMUS, Albert. *Núpcias, o verão*, p.12.

referência. Isto é um modo de resistência frente ao absurdo. Ademais, para o homem revoltado qualquer busca deve acontecer no mundo natural, se houver qualquer desdobramento metafísico perde-se a coerência. Isto é fundamental, haja vista que na natureza não há máscaras. Sendo assim, o sujeito pode ser ele mesmo, sem se corromper; no trecho que se segue é possível perceber essa clareza e um apontamento para a felicidade que mais tarde toma a conotação de resistência.

Não quero descer essa ladeira tão perigosa. É verdade que olho, uma última vez, para a baía e suas luzes, que o que sobe, então, e chega a mim não é mais a esperança de dias melhores, mas uma indiferença serena e primitiva, a tudo e a mim mesmo, mas é preciso quebrar esta curva suave demais. E preciso de minha lucidez. Sim tudo é simples. São os homens que complicam as coisas ²¹.

Amitrano observa que Camus ao discorrer sobre o conceito de *Felicidade* percebe que além de ser uma possibilidade simples, suscita raciocínios que o faz ter consciência que a morte é inerente à vida, conforme acreditavam os epicuristas. Assim, o medo constante do fim é que promove a infelicidade:

A felicidade sensível pertence às coisas do mundo, do experimentado, do sensual. É um sentimento simples, capaz de suscitar uma vontade de contentamento e de contemplação da vida. Pois, é precisamente nas vicissitudes impostas por este universo desarrazoado, na instabilidade natural do mundo, que a vida se realiza em sua forma mais plena. A morte é apenas um dos lados da tão referida moeda, ela é o avesso de um tempo finito, que, todavia, não impede o prazer de se estar vivo ²².

Para que isso aconteça, é preciso aprender pacientemente, e esta não é uma tarefa fácil, deve ser construída. Exige coragem para se perceber e se acertar, sobretudo, se aceitar e admitir a verdade sobre si mesmo. Sob esse aspecto não há ilusão, o único obstáculo à felicidade humana é a morte, a doença, a velhice e a solidão, que são também formas de morte. Ela que trás em si o seu próprio fim.

Em o *Avesso e Direito*, Camus mostra os dois lados da mesma moeda, pois a vida é considerada por ele como sendo o direito, mas carrega em si o seu avesso, que é a

²¹ CAMUS, Albert. *O Avesso e o Direito*, p. 72.

²² AMITRANO, Georgia Cristina. *Camus e a Condição Humana*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) f 18– Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

solidão, a velhice e a morte. Essa antinomia que começa ser desenhada nessa obra, se aprofunda nas subsequentes. Apesar de já se encontrar a ideia de absurdo e de revolta nestas obras iniciais, estes conceitos ainda não se apresentam tão desenvolvidos, mas mostram-se como possibilidades. Nesse ponto de seu entendimento, a beleza é apreendida por Camus como uma contraposição à morte, o encanto do existir caracteriza o absurdo que o homem revoltado percebe, mas não se submete, resiste. Camus salienta esse aspecto quando fala da cidade de Djamila ²³ que é o símbolo da morte, já que é uma cidade em ruínas e geograficamente é um local sem continuidade, um espaço onde todos os caminhos terminam; tal qual o fim de uma existência humana. Porém, se não há promessas, a racionalidade manda observar a juventude e Camus a classifica como o deleite do animal que ama. Consequentemente, é preciso viver com dignidade, enquanto há vida. Quando se espera outra existência, se furta à beleza desta. Há um Nietzsche, como que o anão e Zarathustra, gritando no ouvido de Camus, pois ter esperança é o mesmo que resignar-se, e resignação é renúncia e não recusa por uma vida.

Que ninguém queira nada de diferente nem no passado nem no futuro nem por toda a eternidade. Não suportar a necessidade somente e muito menos dissimulá-la – todo idealismo é mentira diante da necessidade – mas amá-la ²⁴.

Camus entende que o ideal é se esforçar para ser feliz. Para tanto, o homem, nietzscheanamente falando, deve negar uma possível divindade e assumir sua condição de homem perecível. E dentro desse contexto, explorar da existência a sua plenitude. Consciente desse processo, a felicidade se mostrará como algo possível, haja vista que é o homem o responsável pela busca. Mas é fundamental evitar o pensamento da transcendência, pois admitir uma explicação dessa natureza seria o retorno à conformação. Essa talvez seja a felicidade mais presente em *O Mito de Sísifo*, uma felicidade que se recusa conformar, que é consciente das dores, mas insiste em estar presente na vida e no mundo.

Camus quer a vida, não a eternidade. É primordial entender essa questão, posto que o que ele exige é *viver sua vida*, e não *viver eternamente*. O fim dessa vida guiada

²³ Djamila é uma cidade da qual Camus faz um retrato literário em *O Averso e o Direito*.

²⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala. 123 p. [S/D], p. 53.

pelo sol e pela natureza não justifica a promessa de uma vida sublime. Consequentemente, a consciência da morte coloca o absurdo em evidência e permite experimentar o avesso da plenitude física. Desta feita, Camus propõe uma união definitiva com o cotidiano, como um matrimônio. Ora, isto é o que se pode chamar de núpcias entre o homem e o mundo. Paradoxalmente, o homem ama e deseja o mesmo mundo onde é prisioneiro. Mas o ponto essencial é que o sujeito consciente não espera uma libertação, mas sim a afirmação da sua condição humana. Espera viver de acordo com as exigências do momento, superando-se a cada instante. Deste modo, poderá, indiscutivelmente, alcançar a felicidade, e conclui que,

O que é a felicidade senão a simples harmonia entre um ser e a sua própria existência? E que harmonia mais legítima pode unir o homem à vida do que a dupla consciência de seu desejo de duração e de seu destino de morte? ²⁵

Essa consciência tranquila permite ao homem viver a vida em sua integralidade. Para que isso aconteça de maneira mais equilibrada, isto é, em todas as vertentes da vida, é preciso evitar medos ou esperanças no *além-mundo*. Ou seja, o correto é entregar-se aos prazeres da existência, não permitindo que o medo de não alcançar salvação numa vida futura comprometa a felicidade nesta vida palpável. Esse pensamento caracteriza Camus como um homem do seu tempo, que entende toda a movimentação histórica, e que compreende que a ação só é possível no momento presente. Como uma fênix ²⁶ renasce das cinzas e mais forte, pronto para se portar como o verdadeiro homem revoltado.

1.3. Absurdo: um sentimento a nos esbofetear

Camus sabe e compreende que o ser humano está condenado à morte. Isto é irrevogável. É uma premissa maior, não há discussão em relação a esse fato. Com essa certeza, o objetivo principal é buscar um significado para a existência. Qual o sentido de existir, se não há justificativa? A composição de Toquinho e Belchior representa bem essa inexplicabilidade da existência:

²⁵ CAMUS, Albert. *Núpcias, o verão*, p. 19.

²⁶ O mito grego da Fênix refere-se a um pássaro que no momento de sua morte entra em combustão e depois de algum tempo renasce das próprias cinzas. Uma de suas características, além de seu poder renascer da dor, é a força. Segundo a lenda, era capaz de transportar cargas muito pesadas.

Era um cidadão comum como esses que se vê na rua
Falava de negócios, ria, via show de mulher nua
Vivia o dia, não o sol, a noite e não lua
Acordava sempre cedo (era passarinho urbano)
Embarcava no metrô, o nosso metropolitano...
Era homem de bons modos:
“com licença; - Foi engano”
Era feito aquela gente honesta, boa e comovida
Caminhava para a morte, pensando em vencer na vida [...]
Acreditava em Deus e em outras coisas invisíveis
Dizia sempre sim aos seus senhores infalíveis
Pois é; tendo dinheiro não há coisas impossíveis.
Mas o anjo do senhor (de quem nos fala o Livro Santo)
Desceu do céu para uma cerveja, junto dele, no seu canto
E a morte o carregou, feito um pacote, no seu manto ²⁷.

Todo o desencadear de uma vida e um final sem nenhum nexo plausível. Isso é o Absurdo, ao que Camus observa que com esse comportamento,

Os homens também segregam algo de inumano. Em certas horas de lucidez, os aspectos mecânicos dos seus gestos, a sua pantomina privada de sentido torna estúpido tudo o que os rodeia. Um homem fala ao telefone por detrás de uma divisória de vidro; não o ouvimos, mas vemos a sua mímica sem alcance: perguntamos a nós próprios porque ele vive ²⁸.

Camus compreende esse comportamento e o desfecho natural de uma história levada nestas circunstâncias. Todavia, este comportamento nada traz de felicidade. Para nosso argelino — que é apaixonando pela vida, criado nos mares azuis e em meio à natureza da Argélia, e que sempre sentira a força que vinha do sol e da natureza — não há uma incongruência nesta ação, pois para ele só há essa vida, e esta deve ser levada até as últimas consequências. Assim, depois do sentimento de *Felicidade* e a exigência de se viver a vida, o ponto de partida para sua filosofia é esse sentimento antagônico, perturbador e sempre presente, que é o *Absurdo*.

Tentar compreender a existência e qual o seu sentido é algo primitivo na história da humanidade. As mitologias já tentavam explicar o fim e a razão da existência humana. Contudo, essa tarefa sempre se mostrou deveras complexa e por mais que as explicações — cada uma à sua época — tenham se esforçado para plainar dentro da razoabilidade, a verdade é que nunca houve uma explicação que elucidasse o

²⁷ *Pequeno Perfil de um Pequeno Cidadão Comum*, 1978, composição de Toquinho e Belchior.

²⁸ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 27.

transcendente. Camus considera que há raciocínios coerentes e até plausíveis, que tem um início bem fundamentado e um bom desenvolvimento, porém no momento em que é finalizado, algo acaba por se perder em explicações metafísicas. Assim faz uma breve análise de alguns pensadores observados por ele que discutiram o absurdo, tais como Heidegger, que em sua opinião, não passa de um “professor de filosofia” e que prioriza a finitude da existência, desconsiderando a importância do homem e não separa a consciência do absurdo. Camus defende que Heidegger assinala a existência do absurdo, porém não faz maiores desdobramentos sobre o assunto, se perdendo num torvelinho que não acrescenta ao homem que busca um caminho para sua condição finita. Em sua análise, afirma que Jaspers se perde em um desespero e, de certo modo, remete-se ao metafísico, deificando o absurdo e retirando-o da existência humana.

Chestov, por sua vez, considera o absurdo como algo posto, logo não pode ser mudado, restando sempre a esperança numa liberdade transcendente. Ora, Camus adverte que o absurdo se caracteriza justamente na busca da não conformação, assim viver é tomar consciência de sua condição sem esperar uma saída gloriosa. Porém, há de se viver de forma gloriosa apesar do que está posto. Kierkegaard é acatado por Camus como um dos mais coerentes, pois além de perceber o absurdo insere-o minimamente em sua vida e não tenta definir a existência, apenas vivê-la. Porém comete um erro crucial, pois acaba sucumbindo à irracionalidade e tentando explicar a inexplicabilidade do absurdo por meio da fé. Ao seu tempo, Husserl com o seu método fenomenológico desenvolve um pensamento que parece contemplar o absurdo, porém se perde numa tentativa de esclarecer o que foi descrito e percebido. Husserl, na opinião de Camus, perde-se tentando explicar o que não tem explicação, pois busca elucidar a intuição da essência e as regiões do ser, além de afirmar que a representação não produz o ente, mas o ser-objeto de um ente. Quando parte para essa questão do eidos, ou essência do objeto, Camus compreende que houve uma fuga da discussão central e, novamente, uma busca que desemboca numa racionalidade que foge do absurdo. Todavia, apesar de todas as contradições, esses pensadores contribuíram para a mudança da discussão existencialista, pois foi no último século que o drama existencial tornou-se retumbante, porquanto a morte se posta de um modo diferente. Isto ocorre porque houve um avanço da ciência e as explicações metafísicas já não corroboram as repostas dadas até então.

O *Absurdo*, assim, emerge da constatação e da insatisfação daquilo que é oferecido pelo mundo. Entretanto, a partir deste momento de confrontação, esse conceito toma, de fato, um caráter filosófico. Todavia, é importante demarcar que antes de o absurdo precipitar como conceito, este se apresenta como um sentimento de ruptura com a vida cotidiana. Camus salienta que “viver, naturalmente, nunca é fácil. Continuamos a fazer os gestos que a existência ordena, por muitas razões, a primeira das quais é o hábito”²⁹. Explica que o hábito de pensar é adquirido depois do hábito de viver. Quando o rompimento com essa passividade acontece, é a hora em que o sujeito sai da condição de ‘pequeno cidadão comum’. Camus esclarece essa circunstância com o exemplo dado sobre a decisão de suicídio de um gerente de prédios de rendimento que perdera a filha³⁰. O filósofo constata que essa perda causa uma angústia, que o leva à tristeza; mas, sobretudo, à reflexão da inutilidade que é viver. É um despertar interno.

Analogamente falando, há uma semente em latência na escuridão. Chega um tempo que esta semente germina. Todavia, no período de latência não há clareza do fato em si, isto é, há uma percepção do desajuste da existência, mas não a perceptibilidade do absurdo. Às vezes um fato isolado, talvez de importância menor, termina em eclosão. Ao chegar nesse patamar, percebe-se que viver não tem explicação e que, de repente, a dor “consome” o sujeito, *consumir* é uma palavra chave nesse caso, pois é o mesmo que ser absorvido pela situação, porquanto:

Começar a pensar é começar a ser consumido. A sociedade não tem grande coisa a ver com estes princípios. O veneno está no coração do homem. É aí que ele deve ser procurado. Esse jogo mortal, que vai da lucidez perante a existência à evasão fora da luz, é preciso segui-lo e compreendê-lo³¹.

Há um estranhamento que tem sua origem em uma situação inusitada, pode-se perceber que isto ocorre num momento de epifania³² – *epifhanéia* – às avessas. Mesmo assim, ainda é uma grande revelação, “o mundo foge-nos, porque se transforma nele

²⁹ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 16.

³⁰ Exemplo citado em *O Mito de Sísifo*. Camus salienta que o suicídio é sempre tratado como um fenômeno social. Decide fazer uma abordagem filosófica sobre o assunto. Observa que não é a reflexão filosófica que desencadeia uma crise que provoca o suicídio, normalmente é ‘desgosto íntimo’, ou outras causas de ordem pessoal. Todavia o filósofo argelino constata também que, normalmente, essa decisão tem um início por um motivo qualquer, e vai sendo maturada com o tempo até a decisão final.

³¹ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 15.

³² Poder-se-ia aqui usar Clarice Lispector como referência, mas isso é coisa para outro trabalho. Fica apenas a alusão.

próprio, esses cenários mascarados pelo hábito se tornam aquilo que são. Afastam-se de nós”³³. Esse momento é pontual na constatação feita pelo sujeito. A vista conformada pela rotina e pelo costume se assombra com algo. É a tomada de consciência. Clarifica o seu nada significar e, em dado momento assusta-se com a minúcia de um lugar estranho. A partir daí é como estar avulso no deserto. *Esse sujeito acreditou o tempo todo que pertencia ao mundo; entretanto, ele constata que “está no mundo”, mas não há pertencimento, e ainda assim continua a desejar sua permanência neste mundo. Esta é a face do absurdo.* O homem é retirado do seu ambiente que antes era absolutamente familiar, para ser largado no desamparo e no estranhamento. Camus ressalta a sutileza desse processo, quando esclarece que o absurdo por ele mesmo não está no homem, que deseja desesperadamente pertencer ao mundo, e nem no mundo com a sua indiferença, mas sim, na coexistência, ou seja, na simultaneidade que se dá entre essa presença robusta do mundo e a fragilidade da vida humana.

A comparação desse fato gera o que Camus chama de *divórcio*. É um rompimento consciente com a passividade da vida, com a repetição dos mesmos atos. Ele rescinde com a alienação. Apesar da crueza dessa constatação, não há necessidade de criar um mundo fora desse, pois um mundo fictício de continuação é uma forma de mascarar a verdade. Então, o que se precisa fazer é amar esse mesmo mundo de forma consciente. Enquanto continuar a repetir atos automáticos e irrefletidos o homem vive meio que na inumanidade, uma vez que não compreende verdadeiramente o sentido da vida. Esse processo de inconsciência faz com que fique concentrado em si mesmo, não há um olhar verdadeiro para o outro, para as coisas que o rodeiam. A sua vida é o centro. As relações se desencadeiam a partir de si, como gestos maquinais. Ainda que haja intercorrências, há também certa previsibilidade, uma repetição do outro e do modelo oferecido. Há no viver inconsciente uma ocupação exacerbada com as coisas corriqueiras, que estão ligadas à ordem social e à manutenção dessa ordem. Desta feita, viver é um fim em si mesmo. Isto só é mudado com a percepção do que é o hábito e, em seguida, com a inquisição de qual motivo se tem para viver. Tal percepção possibilita o despertar da sensibilidade absurda.

Estabelecida a consciência, a insensibilidade se desfaz e o sujeito toma conhecimento do outro. Percebe que o seu semelhante está na mesma condição que ele,

³³ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 26.

por mais que haja diversas diferenças, inclusive sociais. A verdade é que estão todos abandonados à mesma sorte. Ora, diante de tal constatação, não é possível compreender a insensibilidade de um homem para com outro. Quando o homem usa a razão como fundamento de suas ações maléficas, comete os crimes lógicos. Isso é um contrassenso, segundo as observações de Camus,

Todos aqueles que, direta ou indiretamente, aprovam princípios deste tipo devem se considerar como assassinos e admitir que até o momento eles agiram como assassinos, indiretamente, e por vezes diretamente ³⁴.

Camus conclui: “*não se pensa mal porque se é um criminoso, se é um criminoso porque se pensa mal*” ³⁵. É a sina do “crime lógico” que ocupará o teor de *O Homem Revoltado* em que Camus prenuncia aqui: “Se o mundo é conduzido por falsos princípios se produz matematicamente o crime e o assassinato” ³⁶.

Bem, o homem está condenado à morte. Esse é o ponto de partida para essa reflexão. E nesse ponto de partida está presente o absurdo, que não é um estado permanente. Em um primeiro momento, tudo é permitido, já que diante da morte não há pecados nem culpas. Todavia, constatar um fato não significa concordar com ele. Tal qual o *pied noir*, compreende-se que caso o indivíduo chegue nesse patamar da reflexão absurda, este estagna e faz do absurdo uma regra de vida. Desta maneira, ocorre uma continuação da situação anterior e o desespero ou a desesperança passa a ser o mote da vida. Camus ressalta que a continuação é “um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Sendo que depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento” ³⁷. A angústia gerada por essa constatação irá permanecer; todavia o sujeito deve estar sempre consciente da certeza da morte. Olhar para a morte sem disfarce é uma atitude relevante e de coragem, ato absurdo que compõe as ações do homem revoltado. Tentar compreendê-la é questionar sobre a vida humana e sua falta de sentido.

Sob esse aspecto, o ato de morrer é algo fora do controle e da vontade do homem, aí está a essência do absurdo. Camus constata que há apenas dois caminhos

³⁴ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, I –II. Gallimard, 2006, p.681.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

³⁷ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 25.

plausíveis para o homem que toma consciência da absurdidade da existência, a saber: o suicídio ou o restabelecimento. Ora, se optar pelo suicídio, deixa claro que não acredita que a vida vale a pena ser vivida; em contrapartida, se permitir o restabelecimento, também não há garantias, porém não nega a vida absurda.

Matar-se, em certo sentido, é como no melodrama, é confessar. Confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos. Mas não prossigamos nestas analogias e voltemos às palavras correntes. Trata-se apenas de confessar que isso “não vale a pena”. Viver, naturalmente, nunca é fácil. Continuamos fazendo gestos que a existência impõe por muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume. Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento ³⁸.

Para Camus, o homem está condenado, haja vista que tudo o que lhe é externo não pode ser compreendido dentro de sua existência; entretanto, é no existir e na vivência que todas as coisas são compreendidas. Isto se justifica, pois o homem é um ser em desenvolvimento, porém está fadado ao fim, e não é pertencente ao mundo. Contudo, mesmo com esses limites impostos, esse homem se faz presente neste mundo. E é característica do homem tentar romper com os limites impostos e, ao seu modo, superá-los. Camus entende que é esse o caminho para o homem, sempre manter-se alerta, mesmo diante da constatação irrevogável que é o absurdo. Além disso, mesmo diante desta situação, o homem deve buscar a felicidade, pois este é, indiscutivelmente, o sentido da vida. Daí surge a *Revolta*.

³⁸ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 16.

1.4. *Revolta*: Um ‘não’ afirmativo da vida e da condição humana

Em Camus, os conceitos soam de forma dicotômica, inexplicáveis, por vezes. No entanto, é como se o mesmo conceito representasse os dois lados de uma mesma questão, seu *avesso* e *direito*. Com a Revolta não acontece diferente. Tanto que Camus adverte que o homem revoltado é um homem que diz não. Todavia, salienta que esta recusa não tem a significância de renúncia. É possível notar que a proposta de Camus é, a partir da condição humana, estabelecer atitudes éticas de acordo com a justiça e os direitos, livres da tirania. Porquanto a verdadeira revolta se desdobra no outro. Há de se considerar que, para o filósofo argelino, os interesses particulares são importantes; porém, a coletividade é fundamental. Entretanto, esse modo de se posicionar não o aproxima dos pensamentos e valores marxistas, menos ainda dos valores cristãos. Porque o propósito camusiano é pautado na revolta, não na caridade.

Para Camus, há valores dignos e importantes que não acarretam a revolta, porém, toda revolta invoca silenciosamente um valor. Diante disso, afirma “que uma tomada de consciência nasce do movimento de revolta: a percepção”³⁹. Quando a resignação é posta de lado, inicia-se o um movimento contrário. Ora, quando o escravo recusa seguir a ordem de seu superior, ele está recusando automaticamente a sua condição de escravo. Analogamente acontece isso com a revolta. É importante compreender esse processo. Afinal, por não se tratar de uma simples recusa, o que ocorre é um posicionamento contrário e a favor. Contrário porque rejeita seguir ordens; e a favor porque passa a observar sua condição de homem, não de escravo. A importância da revolta está justamente aí, em deixar de ser uma recusa inconsciente.

No caso do escravo, o que acontece é a conscientização de que ele, escravo, possui uma singularidade tal qual a do senhor. Sob esse aspecto não é maior ou menor. Disso deriva uma tomada de consciência, na qual a sua singularidade não está sendo respeitada. Isto advém, em primeiro lugar, pela falta de conscientização ocorrida até então, cujo resultado foi a aceitação como renúncia de sua condição.

³⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Tradução Valerie Rumjanek, 8ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2010, p. 26.

A recusa há de se frisar, não desencadeia, por ela mesma, todo esse processo. Contudo, a recusa consciente demonstra para o escravo sua singularidade, desencadeando, assim, sua negação frente à minimização de sua condição. É a revolta que o faz transcender a circunstância em que se encontra. Portanto pode-se pensar em um duplo processo, na recusa como resistência e na revolta como transcendência. Causando assim um “tudo ou nada”, antes “morrer de pé, do que viver de joelhos” ⁴⁰.

“O que é um homem revoltado?” ⁴¹ É um homem que diz *não*, recusando-se ser dominado, sem renunciar seus propósitos, sejam eles quais forem. *É um homem que diz não desde o seu primeiro movimento. A revolta se dá a partir do sentimento que se tem razão* ⁴². O escravo, ao dizer ‘não’ ao seu senhor, coloca limite àquilo que rouba sua integridade; pois sua negação é um ‘sim’, uma afirmação da sua existência. Deste modo, o que se vê é o sujeito que diz ‘não’ à minimização de sua condição, para dizer ‘sim’ à sua liberdade de existir. Calar-se é deixar ao mundo a mensagem: é preferível acomodar-se na inércia, ou acovardar-se numa vida plena. Isto é cômodo porque é uma forma de evitar o contato com o desespero, posto que a inquietude mostra como o absurdo julga e deseja tudo e nada ao mesmo tempo.

“A análise da revolta nos leva a suspeitar que haja uma natureza humana como pensavam os gregos e contraditoriamente ao pensamento contemporâneo” ⁴³. Assim é possível compreender que quando o escravo toma consciência e se revolta, ele está tomando consciência do todo. Ele compreende que na sua condição não é melhor, tampouco tem mais direitos que o feitor. Não é isso. Ele compreende que ambos, escravo e feitor, têm os mesmos direitos de ser. Quando esse direito é negado a ele, o é também a todos, inclusive ao carrasco.

Outro ponto importante é que o movimento de revolta não é egoísta, mesmo que suas determinações o sejam. Ao se revoltar o sujeito coloca tudo em jogo, ele exige para si um respeito que se estende aos demais. Neste ponto Camus tece uma comparação entre o *ressentimento* que é um conceito usado por Nietzsche.

Para Nietzsche, o ressentimento soa como uma negação da vida, e, por consequência, pode impedir a existência plena. O filósofo das marteladas afirma que um

⁴⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 27.

⁴¹ Ibid., p. 25.

⁴² Ibid., p. 25.

⁴³ Ibid., p. 28.

modo seguro para lidar com essa circunstância é o esquecimento, porquanto é uma força que desencadeia a possibilidade de viver melhor. Seu entendimento é que um indivíduo que decide ressentir-se não consegue esquecer. Isso impede que sua existência seja íntegra, uma vez que o sujeito nesta condição espera sempre uma reparação ou vingança. Nietzsche explica:

O ressentimento, que é um grau prejudicial ao doente, está-lhe contra indicado: infelizmente é a sua indicação mais natural. O conceito é de Buda, fisiologista profundo. A sua 'religião', que antes devia chamar-se 'higiene', para não a confundir com coisa tão lamentável como é o cristianismo. Libertar a alma do ressentimento é o primeiro passo para cura ⁴⁴.

A revolta difere completamente do ressentimento. O ressentimento é interno, sendo algo que corrói e suga do homem sua energia, visto que não é usado como combustível para se estabelecer no mundo. Pode-se pensar que, nesta condição, o sujeito deixa de ser agente para se tornar um reagente. Reage, enquanto ressentido. Quer que sua verdade seja imposta aos demais, não aceitando as outras interpretações. Isto, de certo modo, é um veneno, pois são sentimentos que carcomem internamente, como uma bomba potente que em vez de explodir, implode causando um desgaste e um prejuízo interno. Ora, o ressentimento dedica-se ao sentimento de possessão, soa como exigir o que não se tem. É uma vontade não satisfeita que cobra, mas nem sempre se acha merecedor. A revolta, ao contrário, é externa. É exigente, porque sabe que algo lhe pertence. Sua reivindicação é daquilo que lhe concerne e, sobretudo, do que o sujeito é em toda sua extensão. Enquanto o ressentimento é, antes de qualquer coisa, uma intoxicação que tem o poder de consumir e só trazer prejuízos. A Revolta, por sua vez, permite transcender o momento e a situação, pois é ampla e saudável. O homem revoltado não admite que se toque naquilo que ele é. Sua luta é para manter a sua integridade, pelo todo que lhe pertence. Ele não se propõe conquistas, mas a imposição do que já é.

Camus concorda com Nietzsche ao defender que o revoltado não se apraz sequer com o castigo do fogo do inferno, já que a revolta limita-se a recusar a circunscrição, sem exigí-la aos outros. Não há na revolta um direito parcial, isto é, não se espera que um indivíduo seja condenado ao fogo do inferno, enquanto outro se refestela no céu.

⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*, p. 29.

Percebe-se que o revoltado até aceita o sofrimento, desde que não haja um desrespeito à integralidade. Sob esse aspecto, o senso de justiça de Camus é muito claro e íntegro, pois entende que é possível haver e aceitar o sofrimento, mas não se pode tolerar o desrespeito. Igualmente, o que não é permitido a um, também não o é ao outro.

Dostoievski em *Os irmãos Karamazov*⁴⁵, mostra que Ivan tem amor demais sem objeto. Camus entende que Ivan Karamazov é um bom representante do homem revoltado; todavia o movimento da revolta não se elege em um ideal abstrato, esse sentimento não pode se limitar a uma ideia. Sob esse aspecto a revolta transcende o ressentimento. Este que nada cria! A revolta é sempre positiva, pois revela tudo o que deve ser defendido no homem, e ainda, explica parte dos excessos cometidos no decorrer do tempo e da história. Para melhor elucidar a questão, Camus avalia a história e diz que ela nada mais é do que a narrativa do orgulho europeu. Todos os excessos cometidos e a certeza da superioridade europeia em relação às demais nações, isto que foi alicerçado pelo niilismo. É possível perceber essas sutilezas na história europeia, e esse pensamento é ressaltado com a instauração do positivismo, uma vez que, a Europa, segundo essa concepção, é o modelo a ser alcançado. Todas as nações tendem à evolução e o modelo central é o europeu. Diante de tais constatações, Camus afirma que “Há necessidade de ser consciente, porque a inconsciência significará perda de tempo, no curto espaço de tempo que nos é dado para viver.”⁴⁶ Assim, para se ter noção do que é o *absurdo*, a *felicidade* e a *revolta*, é necessário, primordialmente, ser racional.

A revolta explica em parte o rumo e os excessos de nosso tempo. O homem é a única criatura que se recusa a ser o que é. Diante desta constatação, resta saber se ao recusar, o sujeito impinge sobre os outros a destruição; e mais, se esta recusa pode provocar a destruição de si próprio. E ainda, se a verdadeira vida seria a negação do humano. É necessário avaliar se o homem consegue ser feliz e viver plenamente, se for assim, então esta felicidade deve ocorrer apesar de todas as contradições terrenas. Conclui-se que buscar a paixão pela vida em qualquer esfera ‘meta’, ‘supra’ ou ‘para

⁴⁵ *Os Irmãos Karamázov* é uma obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski, escrita em 1879. Drama de uma família que tem que lidar com a incerteza de qual dos irmãos matou o pai. Fato que desencadeia diversos questionamentos, inclusive filosóficos, como por exemplo, o abandono, os valores religiosos, a desesperança, dentre outros. Ivan Karamazov, um dos quatro filhos, é o que melhor representa o modo de pensar de Dostoiévski.

⁴⁶ ESPÍNOLA, Maria Christina de Oliveira. *Albert Camus: para uma estética da solidariedade*. Londrina. Editora UEL (Universidade Estadual de Londrina), [s.d] p. 24.

além do homem’ — isto é, na religião, na ciência como entidade absoluta ou em uma ideologia — se caracteriza numa negação da condição humana.

Devemos lembrar que Camus foi um homem do sol, que reagiu contra as construções intelectuais que tentavam ampliar o mundo.

O leitmotiv ⁴⁷ do pensamento de Albert Camus é o “Absurdo” e o “Sol” ⁴⁸ como paroxismos da realidade existencial do homem no mundo. A interpretação e o entendimento do absurdo em suas obras só são possíveis se for inserido o Sol do Mediterrâneo como fundamento ontológico. Metonímia do absurdo, o sol penetra nas entranhas dos seus personagens e, ao invés de causar *pathos* diante do real, estupora-os e deixa-os a mercê do acaso. Com efeito, a “natureza” e “condição humana” se fundem em uma única realidade, imprimindo no homem uma identidade que estivera almejada, mas que a racionalidade toupeira, como denomina Camus, em Núpcias, houvera estilizado ⁴⁹.

As noções de pecado e inferno para quem pratica o pecado não fazem sentido algum. Não há limite para a sensualidade humana, o que não implica somente o sexo. Camus aprova a sensualidade, porquanto lhe aproxima da vida, a mesma vida que é instigada pelo sol. Entretanto, é consciente das armadilhas e do absurdo que antecede a revolta, pois sabe que depois de um dia com sol, fatalmente, chegará a noite; diante dessa dicotomia, só resta a revolta. A beleza da vida está na exuberância. Então, o homem, enquanto ente humano não deve se envergonhar em viver e gozar a felicidade. Ter plenitude, sem hipocrisias. Ora, a moralidade é pré-cristã.

Alguns críticos, como Hebert R. Lottman ⁵⁰ veem em Camus uma tendência neo-pagã. Entretanto, esse pensamento é destoante no que tange a teoria camusiana. É certo que Camus se rebela contra a ideia de Deus e contra as incongruências da vida. Porém, não há nada consistente em seus escritos que o coloque nesta situação. É mais

⁴⁷ Leitmotiv – ideia que reaparece de modo constante em obra literária, discurso publicitário ou político, com valor simbólico e para explicar uma preocupação dominante. Cf : LEITE, Lourenço. Albert Camus: ética do absurdo. 2004. Cf. Repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5582/1/ETICA%20DO%20ABSURDO-2012.pdf

⁴⁸ Fundamento ontológico – SOL – base metafísica de todo pensamento camusiano; realidade material que, além de representar a natureza, transmuta-se em realidade primordial do destino humano; princípio (arché) movedor do desejo humano sem culpa, personificação da tragicidade grega na contemporaneidade de Camus.

⁴⁹ LEITE, Lourenço. Albert Camus: ética do absurdo. 2004. Cf: Repositório. ufba.br/ri/bitstream/ri/5582/1/ETICA%20DO%20ABSURDO-2012.pdf

⁵⁰ Herbert R. Lottman nasceu em Nova York em 1927. Em 1956 mudou-se pra Paris, onde desenvolveu uma carreira como correspondente. É autor de célebres biografias de personalidades francesas, com Flaubert, Camus, Colette, entre outros. É especialista no período entre guerras na Europa, construiu com suas obras um importante painel histórico da época.

um blasfemo que um ateu. É certo que ele entende que a secularização da sociedade é algo importante para que o sujeito deixe de ser dependente de uma religião que, ao final, é sempre agregadora, coercitiva e castradora. Obrigando o homem a viver segundo moldes determinados. Consequentemente, nesta condição, a religião é a porta voz de Deus; e como tal, cerceia a liberdade humana.

A ideia de pecado está muito mais presente no homem ocidental (europeu). Essa maneira de acreditar é o que separa o homem do mundo; ou seja, tira o sujeito da realidade. Assim acontece porque, normalmente, ele abdica das possibilidades dessa vida, logrando uma felicidade metafísica, ou pelo menos evitando um sofrimento maior numa vida posterior. Esse modo de pensar é absolutamente cristão, pois dá uma ideia de linearidade, ou seja, é uma ascensão. Camus demonstra que isso não acontece com o pensamento grego, que é construído em termos de ciclicidade não agregando a noção de limite. Fora isso, o pensamento grego tenta manter o antagonismo da existência, sem querer conciliá-los, enquanto o pensamento europeu rompe com o equilíbrio homem/natureza. Apesar de nutrir essa simpatia pelo pensamento grego, e de embasar parte de seu raciocínio em Epicuro e Lucrécio, conforme consta em *Homem Revoltado*, não há em seu modo de pensar apontamentos que o determine um neopagão. Camus considera a revolta sob duas perspectivas: a Revolta metafísica e a Revolta histórica.

Essa diferenciação será feita no capítulo subsequente, haja vista, que o pensador trata de cada modalidade em separado, e ao se empreender o estudo percebe-se que realmente são dois processos distintos. Apesar de culminarem sempre na desvalorização da vida e da condição humana, seu início e propósito são bem diferentes.

CAPÍTULO II

REVOLTA METAFÍSICA E HISTÓRICA: PARALELOS

2.1. Preâmbulo Analítico da *Revolta*: considerações camusianas

2.1.1. Do *Absurdo* à *Revolta*

Camus parte do princípio de que para compreender o momento de tragédia absoluta, é preciso antes saber o que determina o direito que alguns homens arrogam sobre os demais, inclusive o de matar o outro; ou antes, interroga-se e interroga-nos acerca do fato de haver um direito de se consentir que um homem seja morto. Afirma que “não poderemos agir antes de saber se, e por que, devemos ocasionar a morte”⁵¹.

Camus entende que no tempo da negação foi útil examinar a questão do suicídio para se compreender o mais essencial – o modo pelo qual devemos nos conduzir no mundo. Para isso, analisa a questão da condição humana, tema discutido em *O Mito de Sísifo*. Nesta obra, Camus descreve a existência como absurda, posto que o homem é obrigado a viver entre paradoxos fundamentais, tais como o desejo pela vida e a finitude da existência. Diante desse contrassenso, Camus parte do princípio de que o conhecimento profundo das coisas deve ser negado, e opta pela descrição das aparências. Esse modo de conduzir seu método tem como ponto nevrálgico a fuga do raciocínio metafísico, tanto que sua proposta maior é a análise, não o conhecimento. Seu objetivo é enviesar-se por um caminho sólido. Não pretende dar um salto para o inexplicável, como tantos outros pensadores que constatarem o absurdo, supracitados.

Para tanto, coloca sua atenção na valoração e valorização deste mundo, do real e do palpável. O que é aparente não é conhecimento. Sustenta não ser possível abarcar todo o conhecimento, porquanto este se mostra inatingível. Sendo assim, afirma que “o

⁵¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 14.

método aqui definido confessa a sensação de que todo conhecimento verdadeiro é impossível. Só se pode enumerar as aparências e se fazer sentir o clima”⁵².

O que é primordial para esse pensador é definir a importância da vida, com todas as suas agruras e limitações. De tal maneira, o ‘raciocínio absurdo’ torna-se o mote para discutir seriamente a questão do suicídio. Nesta conjuntura, sem fazer definições, trata da condição absurda da vida humana e da existência do homem.

“O mundo foge-nos, porque se transforma nele próprio. Esses cenários mascarados pelo hábito e tornam-se aquilo que são. Afastam-se de nós”⁵³. Nessa constatação absurda, ao tomar consciência, percebe-se que efetivamente nada muda; ora, o mundo não perde sua característica, e o que fica claro para a consciência absurda é um afastamento. Isso leva Camus a analisar como os costumes são imperativos na vida dos seres humanos. Até mesmo o viver, segundo ele, é apenas um *ramerrão inconsciente*. À vista disso, quando o sujeito se decide pelo suicídio, mostra que ele tomou consciência e percebeu o vazio absurdo que é passar pela vida; é quando percebe a falta de propósito que é existir.

Esse mal-estar ante a inumanidade do próprio homem, essa queda incalculável ante a imagem daquilo que somos, essa “náusea”, como lhe chama um autor dos nossos dias, é também o absurdo⁵⁴.

Este despertar pode ser ilustrado com o texto de Caio Fernando Abreu quando afirma:

Porque você não pode voltar atrás no que vê. Você pode se recusar a ver, o tempo que quiser: até o fim de sua maldita vida, você pode recusar, sem necessidade de rever seus mitos ou movimentar-se de seu lugarzinho confortável. Mas a partir do momento que você vê, mesmo involuntariamente, você está perdido: as coisas não voltarão a ser mais as mesmas e você próprio já não será o mesmo⁵⁵.

⁵² CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 24.

⁵³ Ibid., p. 26.

⁵⁴ Ibid., p. 27.

⁵⁵ ABREU, Caio Fernando. *O Ovo Apunhalado*. Porto Alegre: L & PM, 2001, p. 33-34. Disponível em: www.lpm.com.br.

Camus constata que a existência humana é guiada pela incoerência. E que, na mesma proporção em que o sujeito percebe que deseja a vida, o conhecimento e o controle da existência, ele também é obrigado a processar a ausência de justificativa do mundo, sua distância e inexplicabilidade. Notadamente, o que tem como certeza é a morte; essa cruel realidade que é posta soberana e altaneira frente à fragilidade da vida. É a morte que impede qualquer sentido e valor que se queira dar à vida e à existência. Entretanto, em *O Mito de Sísifo*, o pensador abaliza seguramente que quando o sujeito opta pelo suicídio, ele está negando a si mesmo. Nega a sua condição de ser humano, ao que Manoel da Costa Pinto observa que o homem, segundo Camus, tem o direito em prosseguir e exigir a plenitude da existência, pois,

Estrategicamente, esse raciocínio é fundamental para a concepção trágica da vida e para recusa do suicídio por Camus. Pois definir o homem *pelo* absurdo significa dizer que o suicídio não soluciona um revés pessoal, já que ele é uma *condição* que entrevemos no fundo de nossa infelicidade e, sobretudo, na plenitude sem porvir de nossa felicidade. Ao mesmo tempo, “o absurdo como todas as coisas, termina com a morte”, ou seja, o absurdo não tem como dedução lógica a morte voluntária, pois a morte elimina a contradição da qual nasce o absurdo e só na qual ele pode existir ⁵⁶.

Camus, de fato, questiona se o sujeito ao concluir a absurdidade da existência possui um fator determinante para o suicídio. Conforme evidencia Manuel da Costa Pinto, Camus acredita que não. Esta circunstância exige revolta, afirmando que “a conclusão última do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo” ⁵⁷.

Em sua análise, Albert Camus afirma que vivemos o tempo das ideologias; e, como tal, esse é um tempo de segregação. O domínio está nas mãos daqueles que detêm o poder, e a ideologia é, por si, um instrumento de dominação ⁵⁸. Portanto, não cabe mais ficar preso apenas à negação, é preciso encarar os fatos e analisar o assassinato, que é preponderante no momento. Há um salto qualitativo do *absurdo* para a *Revolta*.

⁵⁶ PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus: um elogio do ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998, p. 152.

⁵⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 14.

⁵⁸ Mesmo não sendo o mote deste trabalho, percebemos que Albert Camus aponta para questões cruciais acerca das relações de poder que mais tarde serão trabalhadas por Michel Foucault. Tal análise comparativa não cabe neste trabalho, mas pode ser desenvolvida posteriormente.

Ora, é preciso lembrar que Camus entende que se o assassinato tiver suas razões lógico-filosóficas, então não há o que ser aventado, visto que isto explicaria todas as ações e acontecimentos decorridos em períodos críticos da humanidade, como o Nazismo e o Stalinismo. Bem como todas as suas consequências. Todavia, adverte o argelino, em uma observação criteriosa, que caso não seja encontrada essa justificativa, o que nos resta é definir nosso tempo como insano; a única explicação é a loucura diante da minimização absoluta da condição humana.

À vista disto, Camus, buscando cartesianamente um método de suspensão de juízos, constrói sua análise. Sua intenção é ser criterioso e imparcial ⁵⁹, de tal modo intenta avaliar o tempo em que vive e determinar se o assassinato, do modo como vem sendo cometido, pode de fato ser pautado com razões *a priori*.

Camus aponta, portanto, para o desenrolar da noção de *absurdo*; afinal, ao constatar que o suicídio é a negação do sujeito, também constata que, na permissão do assassinato, há a negação do *outro*. Isto é, enquanto o suicídio é negação no âmbito particular, o assassinato é a mesma negação no coletivo.

Ressalta então que, segundo o seu ponto de vista, de acordo com os conceitos de ‘absurdo’ e ‘revolta’ não se justifica tirar a própria vida; e se isto não é coerente no particular, tampouco o será no universal. Portanto, não se justifica tirar a vida do outro e negar a alteridade. Ainda esclarece que se for tolerado o suicídio, há de se tolerar o assassinato. Ora, “o sentimento do absurdo, quando dele se pretende, em primeiro lugar, tirar uma regra de ação, torna o crime de morte pelo menos indiferente e, por conseguinte, possível.” ⁶⁰ Assim, a vida, ainda que por resistência, deve ser preservada.

Sua especificidade e critério ainda apontam que, se o mundo que se apresenta não faz sentido, então não há erro em matar ou morrer. Mas, Camus mostra que esse posicionamento foi fundamentado pelo niilismo em sua negatividade. Esclarece que quando se tem a percepção de que tudo pode e nada faz sentido, qualquer ação é justificável. Se fazer o bem ou o mal é indiferente, logo, qualquer ato torna-se destituído de moral. Do mesmo modo, as ações se justificam pelos interesses particulares. Desta maneira, decisões são tomadas a partir da conveniência de um líder ou de grupo de

⁵⁹ A tentativa de imparcialidade de Albert Camus parece frustrada diante de ter sido ele mesmo um resistente durante a Guerra e sofrer sempre as consequências de ser um *pied noir*.

⁶⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 15.

peessoas. Analisando por esse viés, compreende-se mais facilmente porque o assassinato é aceito com tanta naturalidade. Ainda nessa linha de raciocínio, é fácil supor que a condição humana seja apenas uma peça, ou algo destituído de valor, visto como é possível supor que a vida é apenas um jogo trágico. E ainda, sob essa perspectiva, é previsível que o mais forte ou mais eficaz terá sempre o comando e o poder, forçando a maioria a aceitar suas ideologias.

Camus, para fazer uma análise justa, procura compreender o discorrer e o desenvolver da história. Nesta busca, percebe que grandes pensadores que ficaram relegados à condição *menor*⁶¹ no pensamento filosófico, na realidade tratam com mais clareza da condição humana e da noção de revolta.

2.2. Contribuições para a compreensão da Revolta: *De Epicuro e Lucrécio*

O homem só conseguirá assumir, de fato, o caráter que é inerente à revolta se compreender o absurdo, para tanto precisa manter a clareza e a lucidez. O ideal é que afirme sua existência, negando o que lhe rouba o direito à vida, isto é, a morte. Desta feita, o suicídio é algo a ser evitado, pois seria a fuga do mundo absurdo, além de ser a negação da vida. A atitude mais correta é que, ao tomar consciência da absurdidade do mundo, o homem deve se posicionar como um homem revoltado, não se rendendo nem ao suicídio, menos ainda à esperança, mas, sobretudo, à revolta.

O filósofo argelino se propõe “examinar o que acontece com o conteúdo da revolta nas ações que acarreta e apontar o rumo a que leva a infidelidade ou a fidelidade do revoltado às suas origens”⁶². Ele, de fato, empreende uma busca pela história e avalia cada movimento, seja ele metafísico ou histórico. Entende que cada ação em conjunto, ou isoladamente, tem suas falhas e suas forças, promovendo assim a ação seguinte e suas novas consequências.

⁶¹ Poderíamos dizer que de certo modo Albert Camus comunga da ideia de uma “filosofia menor”, tal qual apregoada por Deleuze. O conceito de “menor” de Gilles Deleuze é apresentado principalmente em *Mil Platôs*, mas já havia sido enunciado antes em *Kafka: por uma literatura menor*, lugar onde foi engendrado. Um *fazer menor na filosofia* seria aquilo que nos permitiria pensar diferentemente o problema da filosofia, inventando problemas que se interpelem de outro modo. Neste contexto, a proposta de Deleuze e Guattari reside na criação de uma relação de “tensionamento” com a “filosofia maior”, uma posição de resistência às “imagens do pensamento” instituídas e às linhas majoritárias do “fazer” filosófico.

⁶² CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 42.

Para Camus, naquilo que concerne à revolta metafísica, há uma ação inicial da revolta nas primeiras *teogonias*, principalmente, no mito de Prometeu. Esse herói, com sua blasfema resistência, grita aos deuses e com isso anuncia o que será a revolta metafísica. Porém, se for visto com mais cuidado, Prometeu ainda é um submisso, pois ao mesmo tempo em que se mostra indignado com a ação dos deuses, tolera a humilhação. Contudo, Camus avalia que não seria fácil para os gregos instalar a revolta aos moldes da contemporaneidade, pois os valores eram outros; porquanto, primordialmente não se voltavam contra a criação porque acreditavam na natureza, da qual faziam parte. Não havia para eles uma separação entre homens e deuses, mas sim uma gradação, isto é, uma escala a ser galgada. Quando havia uma revolta, havia entes, um dado maior que justificava a ação. Quando acontecia a revolta, não passava de uma ação reacionária. Justifica esse pensamento elucidando que

A revolta metafísica implica uma visão simplificada da criação que os gregos não podiam ter. Pois para eles não havia de um lado os deuses e do outro os homens, e sim degraus que levavam dos últimos aos primeiros ⁶³.

Não havia uma contraposição de valores, apenas uma matização diferente. Isto para Camus resulta nas indulgências tão comuns no mundo grego. Neste mundo, não há um responsável por todas as coisas, há diversos seres e todos se entrelaçam na criação, os próprios deuses são mais próximos dos humanos, pois padecem dos mesmos desejos e vontades. São impiedosos e cometem erros, tanto quanto os humanos. Do mesmo modo, podem padecer e perecer, tal como os viventes da terra. Exemplo disso é o mito de Zeus e Hera que retrata bem as traições, ciúmes e vinganças, ou seja, ações e sentimentos bem humanos. Pode-se perceber que não há uma luta, propriamente dita, há disputas, pois não há um Deus inatingível. Seguindo esse raciocínio, Camus afirma que não há contradição ao se afirmar que a história da revolta, pelo menos no que tange ao mundo ocidental, é um processo ligado ao cristianismo; pois, com o cristianismo há um afastamento entre criador e criatura.

É tão somente, a partir de Epicuro e Lucrécio que a revolta surge em forma de linguagem. Estes dois pensadores estiveram presentes na transição da história. O que se pode perceber é que as novas condições impostas aos gregos mudam suas concepções,

⁶³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 42.

sobretudo, a respeito do conhecimento. A filosofia cria um distanciamento das questões políticas e se volta para uma investigação das questões da conduta humana. Há uma preocupação maior acerca das questões éticas, e isso se dá no campo do individual. Pode-se dizer que a busca é solitária, uma vez que seu objetivo é pela serenidade interior.

Esse processo independe dos acontecimentos desencadeados ao redor. Nesse período, o *Bem* perde a conotação platônica e tem uma acepção mais existencial, pois está relacionado ao indivíduo. Epicuro e a escola epicurista defendem que a serenidade interior é absolutamente possível. Entretanto, partem do pressuposto de que o universo deveria ser fundamentado racionalmente. Ao contrário de Sócrates, Epicuro defende que a ciência pode edificar a moralidade. Esse filósofo tem um propósito maior, que é criar uma alma humana livre de equívocos e crenças.

A filosofia de Epicuro deveria servir ao homem como instrumento de libertação e como via de acesso à verdadeira felicidade. Esta consistiria na serenidade de espírito que advém da consciência de que é ao homem que compete conseguir o domínio de si mesmo⁶⁴.

Este pensador de transição da história grega torna-se caro para Camus, pois defende que a reflexão filosófica deve ter por objetivo central a libertação do homem das amarras da ignorância e de tudo aquilo que o aprisiona e causa medo, impedindo-o de ser autêntico. Para esse filósofo do século IV a.C., um homem comedido é aquele capaz de exercitar o controle, e desta maneira, poderia chegar mais facilmente à felicidade. É ainda importante lembrar que para a corrente epicurista o conhecimento é empírico, portanto, acreditava que seria necessário se submeter à experiência sensível para estabelecer com segurança as impressões.

Contudo, há um elo interessante entre o pensamento de Camus e o de Epicuro. Este último, tal qual o argelino, tem como interesse fundamentar suas ideias para longe da dependência que os homens têm dos deuses, pois acreditam que esta os tornariam subalternos a eles. Há de se considerar ainda, a questão do medo da morte, que é inerente ao indivíduo. Entendem que esses fatores reunidos desencadeiam a dificuldade que o homem tem para encontrar a felicidade. Sob esse aspecto a filosofia camusiana se

⁶⁴ Os Pensadores, Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna Estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. Porto Alegre. Editora: Vitor Civita, 591, 1985, p 11. <http://groups.google.com/group/digitalsource>.

aproxima de Epicuro. A objetividade epicuriana se evidencia também quando fala da morte. Para ele não há razões para temer o fim da existência, pois segundo sua compreensão, o que aconteceria, na realidade, seria uma disjunção dos átomos, isto é, o aglomerado atômico que compunha aquele homem/corpo/alma se desmembraria. Sua concepção é muito simples, enquanto o homem vive, não há morte e quando há morte, não há homem nem vida. Também nesse aspecto, Camus concorda com Epicuro, pois a vida está arraigada à existência humana, não no espiritual. Terminada a existência, finda o homem.

Entretanto quando se compara os dois pensamentos de modo mais íntimo, percebe-se que há uma divergência, pois para Epicuro é preciso que o homem se liberte do desejo incontrolado pelos prazeres; e ainda, para se encontrar a felicidade absoluta, o homem deve dominar a angústia que sente pelas dores e injustiças sofridas. Epicuro defende que o sujeito deve ter prazer, mas não algo desmedido; explica que um cálice de água e um pedaço de pão podem causar no homem prazeres análogos aos prazeres dos deuses.

A ausência de perturbação e de dor são prazeres estáveis; por seu uso, o gozo e a alegria são prazeres de movimento, pela sua vivacidade. [...] Quando dizemos, então, que o prazer é fim, não queremos nos referir aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como creem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma ⁶⁵.

Ao seu tempo, Camus entende que, uma vez que a existência é curta e que, até onde se sabe, terminando o homem, termina a vida; então essa vida deve ser explorada com intensidade, em sua profundidade e em toda a sua extensão. E sob essa perspectiva, deve sim buscar todos os prazeres possíveis. Aproveitar da vida toda a sua luminosidade, todo sol que é oferecido. Lembrando que há um *outro* que também está sob esse mesmo sol, sendo assim, o sujeito pode viver intensamente, mas não pode extrapolar o limite desse *outro*.

⁶⁵ Os Pensadores. *Op. Cit.* p 11.

Olhando por esse ângulo, Camus se aproxima muito mais do prazer pelo movimento, como os cirenaicos. A escola de Cirena que foi fundada por Aristipo⁶⁶. Eles que tinham como meta maior o “Conhece a ti mesmo”⁶⁷. Seguindo esse viés, o sujeito deveria definir e buscar o prazer. Para eles, a verdade estava vinculada à sensação, todavia, a sensação, por ela mesma, nada esclarecia sobre o objeto que lhe causava. Contudo, Aristipo acreditava que só o prazer é possível e proporcionado no momento presente, pois ninguém tem acesso ao passado nem ao momento que se aguarda, porque um já está destruído, e o outro não se pode ter certeza se existirá. Esse pensador ainda afirmava que o fim do homem era o prazer, não a felicidade.

Por sua vez, Camus defende que tanto o prazer quanto a felicidade deveriam fazer parte da curta vida do homem e mesmo concordando com alguns pontos da filosofia epicurista, ainda considera que o prazer deve estar presente na busca empreendida pelo homem, e a felicidade deve ser o mote principal de sua busca. Outro pensador importante para esta discussão é Lucrécio. Assim como Epicuro, Lucrécio é considerado por Camus como um pensador da transição histórica e, como o primeiro, começou a desenhar uma linguagem de revolta metafísica, pois ambos questionam a sapiência dos deuses. Camus, acerca de ambos, observa:

A terrível tristeza de Epicuro já trás um novo diapasão. Ela nasce sem dúvida, de uma angústia da morte que não é estranha ao espírito grego. Mas o tom patético que essa angústia assume é revelador. “podemos nos precaver contra todas as espécies de coisas; mas, no que concerne a morte, continuamos como os habitantes de uma cidadela arrasada”. Lucrécio afirma: “a substância deste vasto mundo está reservada para a morte e a ruína”. Por que, então, adiar o gozo para mais tarde?⁶⁸

Epicuro condensa isso em algumas passagens:

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações. E a morte é justamente a privação da sensibilidade. A consciência clara de que a morte não

⁶⁶ A obra *Vida e Sentenças dos Filósofos Ilustres*, II, 86-90 O livro II, capítulo VIII, de Diógenes Laércio é dedicado a Aristipo e sua escola.

⁶⁷ A Frase “conhece-te a ti mesmo” normalmente atribuída a Sócrates (479-399 a.C.), é, na verdade, a inscrição presente na entrada do Oráculo de Delfos. Neste local dedicado a Apolo (na mitologia grega, o deus da luz e do sol, da verdade e da profecia), buscava-se o conhecimento do presente e do futuro por intermédio das pitonisas ou sacerdotisas. Ao longo do tempo tornou-se uma espécie de referência na busca não só do autoconhecimento, mas do conhecimento do mundo, da verdade. Para o pensador grego, conhecer-se é o ponto de partida para uma vida equilibrada e, por consequência, mais autêntica e feliz.

⁶⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 46.

significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer lhe acrescentar tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade⁶⁹.

Lucrécio, ao seu tempo, afirma que para se viver nesta terra e para ter paz, não é necessário nada além da tranquilidade da alma, respeitando sempre a natureza humana, que deseja apenas desfrutar da ciência e estar acima das oscilações da vida mundana. Defende que a alma para ter paz não precisa se esgotar em sacrifícios, nem se perder em horas de orações frente algum altar.

De fato, o terror oprime todos os mortais, apenas porque vêem operar-se no céu e na terra muitas coisas de que não podem de nenhum modo perceber as causas, e cuja origem atribuem a um poder dos deuses. Assim, logo que assentemos em que nada se pode criar do nada, veremos mais claramente o nosso objetivo, e donde podem nascer as coisas e de que modo pode tudo acontecer sem a intervenção dos deuses.⁷⁰

Afirma que a felicidade da vida está no esclarecimento dos homens sobre seu princípio e a sua morte; ora, se nada pode nascer de nada, como explicar a ideia de criação divina, porquanto ele entende que se os deuses criaram o mundo, então quem teria criado os deuses? Isto, de certo modo, seria uma redução ao absurdo. É só uma questão de observação, pois os seres que nascem estão intrinsecamente ligados à sua espécie e precisam de todo um contexto natural para surgirem e manterem a vida. E, segundo Lucrécio, a responsável por esse acontecimento é a natureza, que confere todos os processos. Então não há por que o homem se preocupar com as benesses ou sofrimentos futuros, pois é a natureza que faz surgir e desaparecer de acordo com a idade ou necessidade, consumindo aquela matéria e redistribuindo seus átomos. Ou seja, a existência é enquanto se vive.

Ao que Camus observa que Epicuro irá banir a angústia da morte que é tão comum à condição humana:

A morte não é nada em relação a nós, porque aquilo que está destruído é incapaz de sentir. Será o nada? Não, porque tudo é matéria neste mundo, e morrer significa apenas retornar aos elementos. O ser é a

⁶⁹ EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 51 p. 2002. p 27.

⁷⁰ Os Pensadores. *Op. Cit.* p. 86.

pedra. A singular volúpia da qual vos fala Epicuro reside sobretudo na ausência de sofrimento; é a felicidade das pedras ⁷¹.

Ora, Camus aponta para o fato de Epicuro matar a sensibilidade e tudo o que está vinculado a ela. Entende que a esperança é o que há de mais prejudicial para o sujeito, pois é por meio desse recurso que ele deixa de viver de modo absoluto. Embasado na esperança, o homem sempre teme os deuses e a morte. Alicerçado nestes dois pensadores, Camus reforça o seu pensamento acerca da revolta metafísica. Porém, observa uma diferença na revolta perpetrada por Epicuro e que é proposta pelo seu discípulo Lucrécio, mostra que o primeiro tem um modo mais defensivo de agir. Camus o entende como um revoltado, todavia, considera Epicuro mais passivo, porquanto mantém sempre uma revolta defensiva. Em contrapartida, observa que Lucrécio dá um passo adiante ao do mestre, pois mesmo repetindo a doutrina epicurista, inova alguns conceitos da tradição e introduz inclusive a noção de *Clinamen*⁷², ou desvio. Com essa teoria, Lucrécio engendra a noção de arbítrio e contingência, rompendo com a rigidez mecânica e necessária.

Lucrécio ainda entende que o pensamento epicuriano ajustado à sua coragem, o coloca na condição de deus. Desta feita, o que acontece e o que ressoa na atualidade é a abolição do destino metafísico, e em seu lugar coloca-se o destino histórico. Sendo assim, o indivíduo não está mais subordinado à ação dos deuses, mas sim, ao posicionamento do próprio homem. Sob esse aspecto, o destino está entregue à sua vontade e ação. O homem é senhor do seu destino. Isto é para Camus uma mudança importante, entretanto compreende que essa lucidez de Lucrécio se perde no contexto da história, assim como a essência da revolta. Donde Camus salientar: “Para Lucrécio, o assassinato de um homem é apenas uma resposta ao assassinato divino” ⁷³. Nesse viés, surge o deus alinhado e igualado à criatura. Esse deus é acessível ao homem e pode ser

⁷¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 46.

⁷² De acordo com as próprias palavras de Lucrécio: o desvio imprevisível ocorre "em nenhum lugar ou tempo fixo": Quando átomos se movem para baixo através do vazio pelo seu próprio peso, desviam um pouco no espaço em um tempo completamente incerto e em lugares incertos, apenas o suficiente para que você pudesse dizer que seu movimento mudou. Mas se eles não tivessem o hábito de se desviar, todos eles cairiam direto através das profundezas do vazio, como gotas de chuva, e nenhuma colisão ocorreria, nem qualquer golpe ser produzido entre os átomos. Nesse caso, a natureza nunca teria produzido nada. Lucretius, ii. 216-224. Translation from Brad Inwood, L. P. Gerson, (1994).

⁷³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 49.

questionando, portanto a esse Deus a revolta pode pedir explicações. Isto se clarifica tempos depois, mas tem sua forma embrionária neste período de transição.

2.3. A Revolta Metafísica

A revolta metafísica é denominada por Camus como frustração pelo criador. É designada metafísica porque interpela a criação. Camus tem como primordiais para sua discussão a vida, o homem e o seu bem estar. Pondera, qual seria o propósito de Deus ao criar o homem e todo o universo. Ora, para viver do modo como se vive, tendo a certeza da morte, que é, obviamente, o fim de tudo, qual o sentido de tanta beleza se a vida é sofrida, ou pelo menos, marcada pelo sofrimento? Independente de qualquer glosa, no final, todo homem perecerá infalivelmente. Logo, do mesmo modo que o escravo, que compreende toda extensão de sua existência e contesta a sua condição, ou seja, o seu estado de escravidão, o revoltado metafísico se coloca numa condição análoga e se revolta, como um blasfemo, contra Deus.

Para Camus, em ambos os casos, “encontra-se um juízo de valor. É em nome desse juízo que o homem revoltado se recusa a aprovar sua condição” ⁷⁴. Portanto, a consciência suscita a revolta, e esta, por sua vez, muda a atitude e o modo de agir e de pensar do homem. No caso do escravo, a preocupação não é mais com o senhor/carrasco que sempre o humilhou, mas sim, com seu próprio bem e com sua felicidade. Do mesmo modo o homem lança seu olhar um pouco mais adiante e mira o horizonte, acompanhando todas as improbidades da criação. Tal qual o escravo que passou pela insurreição, olha para o seu senhor e sorri. Isto acontece porque na tomada de consciência, ele entende que é tão homem quanto o seu senhor, e essa consciência coloca homem e Deus em absoluta igualdade. Na opinião de Camus, o senhor do escravo perde seu poder, de fato, quando não entende e menospreza essa condição. “Se os homens não conseguem referir a um valor comum... Então o homem se torna incompreensível para o próprio homem” ⁷⁵. O rebelde exige que esse valor seja reconhecido claramente em si mesmo, porque sabe que sem ele a desordem e o crime reinam no mundo.

⁷⁴ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*., p. 39.

⁷⁵ *Ibid.*, p.39.

O revoltado metafísico sente a revolta pela criação, enquanto questiona os fins do homem e de sua concepção. Nesse questionamento, há também o desenvolvimento de um juízo de valor. Ora, o escravo que toma consciência de sua condição torna-se livre, mesmo que permaneça cativo. Entretanto é uma nova conjuntura, pois esse cativo pode aceitar sua condição de escravo, porém, nega a condição de senhor daquele que supostamente o possui. Enquanto nega também o direito que este arroga de o julgar escravo e ter a posse. Isto acontece porque é uma relação de interdependência, isto é, o senhor precisa do escravo para existir, da mesma maneira que o escravo, para manter sua condição, precisa do senhor. Analogamente, se o homem precisa de Deus para existir, obviamente, este último precisa do primeiro para garantir sua existência. Há um ‘igualamento’ entre o homem e Deus

Esse movimento de revolta surge como uma reivindicação de *nitidez e unidade*. A perceptibilidade do revoltado metafísico divisa a proeminência que há entre a justiça em si e a injustiça presente no mundo. O que esse insurgente tenta fazer é resolver essa contradição: instalar a justiça, e não necessariamente negar Deus. Mas em sua lucidez, percebe que, se isso não for possível, a injustiça se instalará fatalmente. Entretanto, não poderá haver concordância de sua parte, pois enquanto revoltado denunciará sempre essa contradição. Assim pode se verificar que a revolta é sempre lúcida e contemporânea. Mesmo que ela tenha sido deturpada pela história, tem o poder de se “renovar” e voltar às suas origens ⁷⁶.

Camus afirma que o revoltado metafísico recusa a sua condição de mortal e ainda recusa o poder que o obriga estar nessa condição. Desta maneira, o revoltado metafísico não nega Deus, pelo menos do jeito que se apresenta, ele não é ateu, já que admite a existência de Deus. Só não concorda com as circunstâncias que esse criador impõe à sua criatura. Sob esse aspecto, esse insurgente é um blasfemo. A criação, ou o mundo da forma como se apresenta, com suas desigualdades e injustiças, coloca o homem na condição de sofrimento e dor. Fora isso, a morte também não faz nenhum sentido para sua compreensão. Então, de acordo com sua percepção, Deus é o criador da morte e do sofrimento.

Nessa perspectiva, o homem na condição de escravo, e Deus na condição de senhor, estão nivelados, pois ambos precisam um do outro para existir e manter cada um

⁷⁶ Esse ponto será explicado em seguida, isto é, como a revolta foi se corrompendo ao longo da história.

a sua condição; um afirma o outro. Entretanto, com a instalação da revolta surgirá o momento do confronto, e nesta ocasião um poderá destruir o outro, mesmo que por tempo determinado.

O revoltado metafísico, assim, afirma essa existência supostamente superior, mas é justamente no instante do confronto que ele, nesse papel contraditório, se estabelece. Albert Camus entende que, para haver o confronto, será necessário reconhecer o outro como ‘criador’ ao mesmo tempo em que o contrapõe. Nesse cotejo, ele equipara Deus ao homem. Considera que a criação é algo estupendo, mas paradoxalmente infundada. Desta feita, toda beleza do mundo é algo sem propósito, tal qual a existência humana. Sob esse aspecto, não há diferença entre homem e Deus, pois ambos criam e vivem sem proposta maior. E essa consciência só é possível quando o homem munido de sua revolta se torna um resistente.

Quando o revoltado faz esse movimento, coloca esse poder superior — Deus — na história, e ele deixa de ser inatingível, mostrando o quão contraditória é essa existência acima do homem. Entretanto Camus salienta que a história metafísica é distinta do ateísmo, pois o papel do ateu é negar e a condição do revoltado metafísico tem por finalidade contradizer e desafiar. Assim, munido desta clareza e desta força, fala com Deus em um nível de igualdade. Inicialmente não quer eliminar Deus, pois espera, em uma batalha, poder vencê-lo. Salienta-se que esse processo se iguala ao do escravo que, tomando consciência de sua condição, exige num primeiro momento a igualdade para, em seguida, exigir o domínio. Camus entende que matar Deus não resolve a questão, porquanto todo resto perde o sentido. É preciso entender que há esse criador, mas ele não é coerente. Existe algo maior, que iniciou o processo, e ele é desarrazado. Percebendo sua condição humana, seu desejo de domínio sobre o criador aumenta, pois será necessário fazer a sua justiça. Deste modo, Deus será destronado, e então será possível criar o “império dos homens”⁷⁷.

Para esclarecer com mais cautela a questão da revolta metafísica, Camus avalia o ‘mito bíblico’ da insurreição de Caim. Ele que cometeu o primeiro crime, isto é, causou a morte de seu irmão Abel, pode, por esse motivo, ser considerado o primeiro revoltado histórico. A história da revolta na atualidade se afina muito mais com ele, do que com os descendentes de Prometeu, pois o Deus de Caim é, segundo a visão de Camus, um

⁷⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 49.

Deus injusto, pois castigava de modo cruel, sem nunca permitir o perdão. Assim sendo, o Novo Testamento tem o papel de suavizar a figura desse Deus ‘tirano’. Tanto, que a função do Cristo, na realidade, é ser um mediador. Aquele que suaviza o “mal e a morte”.

Sob esse aspecto, o filho de Deus sofre com humildade, tolera com resignação o mal e a morte. O que se espera desse homem, descendente de Caim, é que ele, que não é puro como o filho de Deus, sofra pacientemente todos os males da terra, e aceite a morte com resignação. Isto se dá, pois “a agonia seria leve se fosse sustentada pela esperança eterna. Para que o deus seja um homem, é preciso que ele se desespere.”⁷⁸ E é isso que acontece com Cristo, o filho de Deus. Ele sofre todas as agruras terrenas, com resignação, mesmo não merecendo e sendo superior aos demais, aceita todas as penas e designações impostas por homens injustos e permitidas pelo seu Pai que está no céu. Este é o destino do filho de Deus e, conseqüentemente, de todos os seus irmãos terrenos.

Camus observa que “as verdades intermediárias do helenismo”⁷⁹ também deixaram sua herança, mas não conseguiram se firmar, como o gnosticismo⁸⁰. Para Camus tal corrente tinha como propósito tornar o absurdo da existência humana como uma criação majestosa de Deus. Em sua opinião, o gnosticismo não ganha força e fracassa em seu intento, porquanto a própria igreja renega essa tentativa. Diante da insistente e inquestionável superioridade de Deus, Camus afirma que a revolta metafísica é um processo natural,

Até Dostoievski e Nietzsche, a revolta só se dirige a uma divindade cruel e caprichosa, a divindade que prefere, sem motivo convincente, o sacrifício de Abel ao de Caim e que por isso provoca o primeiro assassinato⁸¹.

⁷⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 50.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Gnosticismo que vem do grego *gnosis*, ou conhecimento, foi um conjunto de correntes filosóficas, mas com um caráter religioso, iniciado no primeiro século. Eles tinham a pretensão de conhecer Deus e o Universo e, a partir desse conhecimento de caráter mais abstrato e metafísico acreditavam que conseguiriam compreender Deus e Universo. Conseqüentemente, poderiam compreender a vida humana, pois não pretendiam conhecer esses extremos em separado, mas comungar todas as coisas e possibilidades. Era um movimento de caráter sincrético, seu objetivo maior era conciliar as várias doutrinas existentes. Cada uma contribuiria com parte do conhecimento; as principais eram as religiões cristã, judaica, helênicas e orientais. Esse modo de pensar ainda propunha uma ascese resignada por parte dos entes humanos. Entretanto, esse esforço gnóstico de tentar cingir todos os credos e que tinha como objetivo maior “tornar o mundo cristão mais acessível” não alcança o seu objetivo.

⁸¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 49.

Ora, quando se analisa o fato dessa maneira, põe-se Deus numa situação desconfortável. Já que ele permite o primeiro assassinato; e não um assassinato qualquer, mas o assassinato do seu filho mais justo e bondoso. Camus entende que o desencadear desse fato fundamenta, indiscutivelmente, o pensamento do revoltado metafísico na modernidade.

Camus observa que tanto Dostoievski quanto Nietzsche, em suas obras, apresentam esse revoltado metafísico, salienta que na prática, ambos não são representantes da revolta. Dostoievski, por exemplo, exige que Deus preste contas, isto por meio de suas personagens. Para esse escritor, Se há um Deus de amor, como ele poderia permitir tantos desmandos?

Até o advento desses autores não havia acontecido nenhum avanço considerável em relação à revolta metafísica, afirma Camus. Porém, Com Dostoievski não há um confronto efetivo, e com Nietzsche há a sua negação. Atacam e/ou negam o Deus cristão, e fazem a transposição. Todavia, eles põem o homem numa condição mais desconfortável. Afinal, considerando que o Cristo, personificação de Deus, fora massacrado na terra e aceitou tal sorte humildemente, entendemos a razão pela qual o homem ocidental se acalantou por muito tempo, condicionando-se a lidar com a dor resignadamente. Ora, esse seria o destino da humanidade, já que foi o destino até mesmo do Deus humanizado.

Com Dostoievski e Nietzsche o que ocorre é um grande desconforto. Afinal, ambos nos impõem um novo modo de pensar, haja vista retirarem, pelo menos em parte, o conforto que a presença do Cristo proporcionava. Kant anunciara a morte de Deus, e com a impossibilidade metafísica de seu conhecimento entra em cena o sentimento do absurdo, questionando esse deus, sua resignação e humildade. Uma vez que se for negado a divindade do Cristo, volta a dor do homem e a desrazão de viver. E Jesus, sob essa égide, toma aspectos de Abel, pois é justo e morre miseravelmente.

Esse desespero frente a absurdidade da existência e miséria humana faz com que Camus perceba, na arte, um caráter resistente. Tanto que o artista Jacques Callot ⁸² é

⁸² Jacques Callot (1592 -1635) de origem francesa, desenhista e gravador. Sua arte era agressiva, retratava sempre o burlesco. Pelo seu talento foi convidado por Luis XIII para representar o momento histórico em

visto por ele como o ilustrador dessa existência absurda em seu mundo de mendigos. Callot desenha figuras grotescas e bizarras em um mundo repleto de mendigos, pedintes de uma vida melhor. Esse artista consegue demonstrar a miséria da vida humana em suas telas, são homens abandonados à sorte.



Mendigo apoyado en un palo placa diecinueve, de los mendigos
c. 1622 - Jacques Callot

Camus salienta, contudo, que é com o Marques de Sade que a revolta torna-se ofensivamente mais coerente. Pois o posicionamento de Sade⁸³ é de poder, haja vista sua moral ser de dominação. E Camus observa ainda que Sade se mantém como um resistente dentro de sua arte. Ele que fica trancafiado por vinte sete anos, chega culminar na loucura, mas não retrocede em seu posicionamento,

Se a alma, do interior da prisão, for suficientemente forte para construir uma moral que não seja da submissão, trata-se, na maior parte dos casos, de uma moral de dominação. Toda a ética da solidão implica exercício de poder. Nesse sentido Sade é exemplar, pois na medida em que foi tratado de maneira atroz pela sociedade, reagiu de modo atroz⁸⁴.

que esse monarca sitiou Nancy, cidade onde vivia. Entretanto o autor fiel aos seus princípios se recusou tal trabalho. Preferindo retratar as atribulações da guerra.

⁸³ Doantien Alphonse François de Sade, ou Marquês de Sade (1740-1814) Aristocrata francês, se consagrou como escritor libertino, por conta de escrita com tendências libertinas. Ainda em 1950 seus livros ainda foram julgados pelos tribunais franceses, por considerarem seu conteúdo afrontoso à moral.

⁸⁴ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 53.

As ideias de Sade são de certo modo precursoras do existencialismo. A própria Simone de Beauvoir considerava as ideias desse autor como vanguardistas. Seus escritos instigavam o crime e todas as tendências vis que ele acreditava fazer parte do ser humano. Defendia ainda que a contenção dessas tendências acontecia muito mais pelo medo e pela hipocrisia do que pela inexistência do desejo de praticá-las; é grotesco, mas está presente na alma humana.

Como característica principal, Sade escrevia confrontando grandes autores daquela época, como o próprio Jeremy Bentham, idealizador e responsável pela implantação do sistema *panóptico* ⁸⁵, que previa o controle total do indivíduo, fortalecendo assim as possibilidades de coerção dos detentores do poder. Além disso, esse jurista apregoava a moral dos bons costumes. Sade defendia que o crime humano seria, entre outras coisas, a resposta aos crimes divinos. Para ele, Deus não existe, conforme relata o moribundo ao padre,

Sendo possível que a natureza tenha feito tudo sozinha o que atribuis a teu Deus, por que pretendestes arrumar lhe um senhor? A causa do que não compreendes talvez seja a coisa mais simples do mundo. Aperfeiçoa tua física e entenderás melhor a natureza; purifica tua razão, elimina teus preconceitos, então necessitará desse Deus ⁸⁶.

E ainda continua:

Teu Deus é uma máquina que fabricastes para servir a tuas paixões, movidas a seu bel-prazer, mas desde que interfere nas minhas, não estranhe que eu a rejeite; e no instante em que minha alma fraca mais precisa de calma e filosofia ⁸⁷.

Camus pondera que Sade, ao atacar a figura de Deus, expõe a questão de modo mais claro e coerente. O crime humano é uma resposta ao crime divino. E ele em sua obra evidencia isso, porquanto o assassinato é lugar comum nas histórias das religiões. Entretanto, mesmo sopesando sua atuação importante, ressalta que a revolta de Sade é incompleta, pois é uma revolta mais intelectual e teórica, ela não nasce da experiência vivida pelo Marquês; antes é uma resposta à hipocrisia de seu tempo.

⁸⁵ Sistema de construção que permite, de determinado ponto, avistar todo o interior do edifício. A ideia de um panóptico como estrutura de vigília e poder aparece posteriormente nas análises de Michel Foucault.

⁸⁶ Marques de Sade. *Diálogo entre um Padre e um Moribundo: e outras diatribes e blasfêmias*. Tradução Alain François e Contador Borges. Ed. Iluminuras. 104 p. 2001. p 14.

www.portaldetonando.com.br/forumnovo/

⁸⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 16.

Camus esclarece ainda que Sade cai, mesmo que intelectivamente, é duplamente revoltado e cai na contraditoriedade. Pois que sua revolta é contra a ordem do mundo, mas também contra si mesmo. Isso, obviamente, redundava em um contrassenso. Basta observar que, “Sade irá negar o homem e sua moral, já que Deus os nega. Mas negará ao mesmo tempo Deus, que lhe servia de caução e de cúmplice até então”⁸⁸. Isto é, ele tece toda a sua revolta contra Deus, embasa seu raciocínio nas injustiças cometidas por ele e, ao final, nega Deus. Isso toma um aspecto antinômico para Camus. Por mais que Sade use a natureza para justificar suas ideias, o crime no âmbito da natureza se torna algo aceito e ‘normal’. Camus, em vista de sua negação do suicídio e do assassinato, discorda de Sade e faz um alerta: apesar de sua coragem e clareza de raciocínio, Sade não defende a liberdade, mas sim, a libertinagem. Apesar do paralelo, Camus era consciente que *Libertino* — palavra de origem latina, *Libertinu* — em princípio denotava o filho de escravo liberto e que esta acabou tomando o sentido de libertados dos preceitos da moral e da religião, e daí devasso, imoral, despudorado, dissoluto. Porém, essa palavra ainda guarda consigo a ideia de ímpio, palavra usada para designar aquele que não tem fé, o herege. Mas herege é uma palavra do grego *hairetikós*, que significa “o que escolhe”. O libertino, assim, é aquele que, na contramão da tradição, se vê livre, isento de preconceitos e superstições, fazendo sua escolha despudorada por aquilo que realmente lhe dá prazer. Ou seja, a liberdade de se ver vivo e feliz no mundo.

Ora, Camus entende que a liberdade individual é o que promoverá a força coletiva, e Sade defende que o que tiver a coragem do instinto, terá o domínio sobre os demais. Isso não é o ideal de revolta proposto por Camus, mesmo que ele compreenda certos pontos positivos do discurso de Sade. Assinala ainda que Sade, em meio às suas contradições, pontua fatores importantes, tais como a hipocrisia dos monarcas que criavam suas leis, mas ainda mantinham a figura de Deus, o que na República deveria ser diferente. Mostra o contrassenso que é o poder investido ao homem da lei, que lhe dá o direito de mandar matar um criminoso. E, diante dessa ação, não é ele também criminoso? Camus observa isso como um embasamento moral. E a moralidade camusiana, que é uma moral absurda, é inquestionável, porquanto não é contraditória. Para Camus não há o recurso de dois pesos e duas medidas.

⁸⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 55.

Outro ponto importante analisado pelo pensador argelino são suas ideias acerca do poder. Sade acredita “que a lei do mundo, nada mais é do que a lei da força; sua força motriz, a vontade de poder” ⁸⁹. E só há duas possibilidades para se adquirir o poder: ou é pelo nascimento, ou pela conquista. Ele, que viveu em um período de transição, sentiu a força exercida pelo poder da monarquia, além de vivenciar o poder conquistado pela república. Diante disso, sabia sopesar, ao seu modo, os regimes políticos e ações humanas. “Sade Construiu sociedades ideais. Mas, ao contrário de seu tempo, ele codifica a maldade natural do homem” ⁹⁰. Esse pensador revoltado é desesperançado; para ele, não há volta para a violência humana, pois que só resta a morte ou a solidão. Camus reforça que ele contribuiu de forma primorosa para mostrar as consequências “extremas de uma lógica revoltada” ⁹¹

Apesar de seus equívocos, foi Sade quem primeiro utilizou a arte como instrumento de resistência, servindo, assim, como inspiração para aqueles revoltados que vieram depois. Entretanto, de certo modo, há em seus escritos uma apologia ao totalitarismo defendido como prática de prazer cujo mote seria uma prescrição ao crime por prazer, um modo de saciar o instinto. O que acabou se tornando, na prática, o crime legal na contemporaneidade.

Ora, filósofo argelino é um daqueles que segue pelos caminhos da arte para entender e explicar a revolta metafísica. Observa como os românticos se posicionam contra Deus, todavia, adverte que a ação desse movimento é pueril, pois tentam renunciar ao mal gerando e destilando maldade. Camus ressalta que esse tende à desordem, já que a fatalidade é o mote desses pensadores. Basta observar que negam Deus exaltando o demônio, dando a estas conotações angelicais e de certo modo inocentes. Entre outras coisas, criam outro deus para colocar no lugar do Deus que eles abominam. O mal se contrapõe ao bem, e este é objetivo maior.

Camus não tem dúvidas: “isso define o niilismo e autoriza o assassinato.” ⁹². Outra implicação séria é o fato de caírem no individualismo absoluto. O sujeito e suas vontades têm prioridade sobre todas as coisas e pessoas a sua volta. São egoisticamente revoltados. Vicente Barreto define esse comportamento romântico do seguinte modo:

⁸⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 59.

⁹⁰ Ibid., p. 61.

⁹¹ Ibid., p. 64.

⁹² Ibid., p. 68.

O argumento da revolta romântica é simples. O homem é obrigado a cometer o mal porque não lhe é permitido o bem em virtude da prepotência divina. O bem é utilizado por Deus para fins injustos; não resta ao homem senão afastar o mais possível do criador e encontrar no mal a sua própria redenção ⁹³.

Camus aponta ainda que, basicamente, a revolta romântica é superficial e se preocupa muito mais com a aparência do que propriamente com a revolta em si mesma. É muito mais invólucro do que conteúdo. Preocupam-se com a exterioridade e não se aprofundam na questão humana de fato. Todavia, Camus considera importante a ação romântica; pois, é a partir desta época que há uma mudança no comportamento do artista. Percebe-se que ele deixa de agir apenas no nível estético e passa a ser um questionador, aquele que vai, se não resolver, ao menos apontar os problemas de seu tempo. Essa mudança de paradigma é fundamental, pois haverá sempre um poder de expressão para aqueles dispostos a mostrar as contradições e absurdidade do mundo. Conforme salienta:

A partir do romantismo, a tarefa do artista não será mais unicamente a de criar um mundo, nem de exaltar a beleza por si só, mas também a de definir uma atitude. O artista torna-se modelo, apresenta-se como exemplo: a arte é a sua moral. Com ele, começa a era dos diretores de consciência ⁹⁴.

Voltando a Dostoiévski, Camus o tem como um dos mais importantes da história. No que tange a revolta metafísica é considerado um dos mais lúcidos. Basta observar que Dostoiévski considera a pena de morte injusta para todos os homens, indistintamente, pois para o literato russo todos são inocentes. Camus salienta que seu atilamento se torna mais evidente, uma vez que ele não fica nem contra Deus, nem a favor dos homens; mas, sobretudo, a favor da justiça, que é maior do que qualquer entidade celestial ou terrestre. E a justiça é a guia da revolta, porquanto é o que essencialmente busca o revoltado. Ele que não quer benefícios próprios, mas a igualdade e probidade para todos.

Dostoiévski é considerado o pai do realismo. Sua obra *Os Irmãos Karamazov* é um romance que tem como pano de fundo a segunda metade do século XIX. A história

⁹³ BARRETO, Vicente. *CAMUS: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Editado em Convênio com Instituto Nacional do Livro – MEC. 209 p. [S/D] p. 76.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 72.

relata o drama de uma família composta por Fiodor Pávlovitch Karamazov, um pai inescrupuloso, rude e promíscuo. Ele se casa duas vezes; tem um filho no primeiro relacionamento, Dmitri, que tem por característica principal ser passional; no segundo relacionamento, o pai Karamazov tem mais dois filhos, Ivan e Aliócha, sendo que o primeiro prima pela racionalidade e o segundo busca mais o sentido espiritual da vida. Karamazov ainda tem um filho bastardo que é Smierdiákov, que não se revela muito, afinal nunca fora considerado pelo pai. Os irmãos Karamazov mantêm características distintas, e esse pormenor é o que dá o tom da discussão ao romance. Porém, é Ivan quem conduz a parte central das ideias de Dostoievski. É ele quem defende que é impossível imaginar a ideia de um Deus bom que permite o sofrimento de pessoas inocentes. Ora, onde está o senso de justiça? Fora que acusa Cristo de sobrecarregar a humanidade com o livre arbítrio. Esta, provavelmente, é a primeira vez que o Cristo sofre um ataque direto, pois sempre essas injúrias eram destinadas a Deus.

Ivan não diz que não há verdade. Ele diz que, se há uma verdade, ela só pode ser inaceitável. Por quê? Porque é injusta. A luta da justiça contra a verdade surge aqui pela primeira vez; e não tem mais fim ⁹⁵.

As ideias de Ivan representam melhor o que Dostoievski acredita, a saber: “se não há imortalidade, não há recompensa, nem castigo, nem bem, nem mal” ⁹⁶. A virtude só é justificável, se houver a imortalidade, sem esta, o que determina o bem? Porém, por mais que Camus venere Dostoievski, salienta que este faz com que a revolta se volte contra si mesma. Esta é sua contradição. “Ivan revolta-se contra um Deus assassino; mas, desde o instante em que racionaliza a sua revolta, extrai dela a lei do assassinato” ⁹⁷. Há aqui uma revolta moral. De certo modo, Ivan promove a revolução metafísica, pois ele se torna o próprio Deus, e não permite mais que um ser superior determine as leis. Isto é algo complicado, visto não conseguir, ou não saber lidar com o assassinato. Ivan é, ao seu modo, o escravo que percebe o seu senhor e se iguala a ele, apesar de não saber como conduzir o chicote que é posto em suas mãos, na realidade o que ele espera é a liberdade para ele e os demais; admite o senhor, mas não o seu poder.

Para além de Dostoievski, Camus também analisa a revolta metafísica a partir da filosofia nietzscheana. Afinal, Nietzsche faz com que o niilismo perca sua condição de

⁹⁵ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 76.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 77.

inconsciência. Para esse pensador é possível viver sem acreditar em nada, sem colocar um deus como suporte para a existência. Ele passa a negar, mas de modo metódico, pois seu propósito é abolir da vida os seus valores, visto que busca uma vida que se apresente com todas as suas possibilidades; isto é, com todo seu bem e todo seu mal. Para Nietzsche, o que não é subordinado ao conhecimento não é importante. Sendo assim, põe Deus na condição de inutilidade, pois entende que se o homem for libertado desta condição servil, terá uma liberdade de acordo com a realidade. Para ele a unidade que se tem no mundo é ilusória, porquanto é fundamentada na vontade divina. Seu niilismo, afirma Camus, é positivo, pois pretende construir algo novo.

Nietzsche, assim, põe um freio no niilismo; ou seja, o niilismo passa a ser controlado pela moral, mas uma “moral sadia” que tem por orientação o instinto da vida. É diferente da moral cristã, pois esta é “a moral antinatural, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida”⁹⁸. Para Nietzsche, a moral essencialmente pura não tem fé no mundo. Embasa essa sua teoria em uma filosofia que tem por fundamento a revolta. Revolta, aliás, contra a vida, pois a vida conforme se apresenta não passa de juízo dos condenados. Não há, segundo suas ideias, uma intencionalidade no surgimento da vida humana. Defende que não existe nada arquitetando esse emaranhado de vidas aqui. As coisas e as vidas acontecem indistintamente. Inicia seu raciocínio a partir da afirmação que Deus está morto. Não estabelece uma nova filosofia da revolta. Ele não pretende destruir a figura de Jesus. Basta observar que seu questionamento é sobre o cristianismo e a sua moral. Ora, não é o Cristo que o incomoda. O Cristo não se detém nos pecados relacionados à natureza, enquanto que o cristianismo se prende num julgamento constante, sendo que a noção de castigo e recompensa está sempre presente, interferindo na capacidade de ação do sujeito. Desta feita, a natureza se torna fonte de pecado. Nasce a ideia da totalidade humana.

Camus afirma que o cristianismo tem como proposta lutar contra o niilismo, acreditando que as figuras do Cristo em conjunto com os dogmas cristãos dariam uma direção ao mundo e à vida humana. Contudo, não percebe que ele mesmo, o cristianismo, é essencialmente niilista, pois propõe um sentido fantasioso à vida enquanto enreda o homem nesse emaranhado ilusório; impedindo que se descubra o

⁹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *O Crepúsculo dos Ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 154 p. 2006 p. 36.

verdadeiro sentido da existência. “Toda igreja é uma pedra que se coloca no túmulo do homem-deus; ela tenta evitar sua ressurreição à força”⁹⁹. Ora, Camus explica que para Nietzsche o advento do cristianismo provoca definitivamente a morte de Deus, pois houve uma separação do sagrado. De tal modo, Nietzsche não apenas se insurge contra o cristianismo, como ainda sugere que o socialismo seja uma forma degenerada de cristianismo.

Ambos, cristianismo e socialismo, mantêm a crença na finalidade da história e também se fortalecem na história e no niilismo. Para Nietzsche, o mais importante é manter o espírito livre de qualquer domínio e a inteligência lúcida, pois o objetivo maior é tirar o niilismo desta condição passiva, tornando-o instrumento de poder, ou seja, um instrumento ativo. Convince seus leitores que uma liberdade sem Deus é possível e isso pode acontecer com relativa facilidade. Contudo, Camus observa que quando o homem precisa assumir todo o fardo da criação e ainda lidar com a ausência das leis que norteiam suas ações e extinguir com a força que lhe causava a existência, o que se vê é uma carga extremamente pesada para esse homem. Não há outro caminho, a saída será a justificação. Isto é, as leis divinas não proporcionam a felicidade; porém, quando elas deixam de ter valor, a felicidade não se faz presente, pois mesmo não havendo uma lei para cercear a ação humana e, deixando subentendido, que tudo é permitido, torna-se necessário a presença de um valor.

Ora, as leis divinas até então sempre foram uma espécie de freio moral. Isto quer dizer que por mais que estas leis incomodassem e trouxessem certo desagrado, o fato é que elas norteavam as ações humanas, impedido despautérios e excessos. Promoviam o bem agir e o respeito ao próximo. Sendo assim, só é possível a liberdade a partir de regras. Então, mesmo não se submetendo às leis de Deus, será necessário haver um código de conduta, uma normatização daquilo que é permitido e daquilo que não é.

Camus observa que com Nietzsche a revolta se modifica e se torna uma espécie de ascese. Sob esse aspecto, Camus faz um contraponto com Karamazov, porquanto este propõe uma revolta em que tudo seja permitido, logo tudo é verdadeiro. Ademais, para Nietzsche nada é verdadeiro, conseqüentemente, nada é permitido. Esse filósofo se propõe analisar a situação do homem e demonstrar o quanto é insustentável e contraditória, justamente por provocar a libertação e a autonomia de raciocínio. Desta

⁹⁹ NIETZSCHE *Apud* CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 90.

feita, Nietzsche instiga nosso pensamento: se a soberania não está no poder superior, em Deus, provavelmente não estará em nenhum outro lugar. De tal modo, o pensador lança a questão: *como viver livre, não tendo nenhuma lei para codificar as ações?* Nietzsche esclarece que um espírito livre ama o necessário. Assim, o correto para se justificar a liberdade seria a abolição dos fins, isso seria a ascese humana, ou seu aperfeiçoamento, sem a intervenção dos dogmas cristãos. Destarte, surge, outra questão. Ora, não é mais ser livre ‘de quê’, mas sim, é o livre ‘para quê’. E Nietzsche é bem intransigente em relação a isso, pois as dificuldades que se apresentam devem ser adoradas e recebidas como um propósito inquestionável da ascensão e da grandeza humana. “Quanto mais implacável for o destino, mais digno de adoração”¹⁰⁰.

Nietzsche não quer redenção. A alegria do devir é alegria da aniquilação. Mas só o indivíduo é destruído. O movimento de revolta, no qual o homem reivindicava seu próprio ser, desaparece na submissão absoluta do indivíduo ao devir. O amor fati substitui o *odium fati*¹⁰¹.

Camus aproveita desse pensamento nietzscheano para fazer um contraponto entre a arte e o mundo como divino, sendo que o mundo sempre se manteve como algo fantástico. De fato, se há um grande paralelo não é com o divino de Deus, mas tão somente com o mundo, justamente por este ser fortuito, fluido e lidar com a criação, semelhante à arte. Afinal, a arte é essencialmente inopinada, tem essa natureza de transcendência e, por isso, tem a capacidade de entender o mundo.

O mundo é divino porque é fortuito. Por isso só arte, por ser igualmente fortuita, é capaz de entendê-lo. Nenhum julgamento explica o mundo, mas a arte pode nos ensinar a reproduzi-lo, assim como o mundo se reproduz ao longo dos seus eternos retornos¹⁰².

E Nietzsche ainda afirma em *o Nascimento da Tragédia* que:

A arte; só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver: são elas o sublime, enquanto

¹⁰⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 93.

¹⁰¹ Ibid., p. 94.

¹⁰² Idem.

domesticação artística do horrível, e o cômico, enquanto descarga artística da náusea do absurdo¹⁰³.

Diante desse ponto de vista, Camus afirma que o próprio Nietzsche já incita o homem a “não rezar mais, mas dar a benção”¹⁰⁴, pois os homens são todos deuses e têm a capacidade de reproduzir o mundo, bastando dar-lhe a sua aceitação. Tirar a autoria das mãos de Deus e aceitar o seu próprio poder criador. O homem torna-se o grande responsável pela sua felicidade e por todas as possibilidades que se apresenta sobre a terra. Torna-se muito mais que um arquiteto com possibilidades de construção - passa a ser um artista capaz da criação. Isto, de certo modo, é o eterno retorno que é inerente ao mundo, que se faz em constante *vai-e-vem* sem repetições. É uma recriação infinita, da qual o homem faz parte e é também autor. Isso se mostra como a face da revolta.

Do mesmo modo, o revoltado além de negar a criação divina, tem como objetivo principal tomar o seu lugar. Porém, Camus observa que Nietzsche espera que o revoltado renuncie à revolta. Para Camus isso se torna caro, pois — mesmo aceitando que o mundo já é em sua essência um deus e que para participar de sua divindade basta dizer sim, não pedir, mas abençoar — quem reza suplica; e quem dá a benção é superior. E sob esse aspecto o artista toma, de fato, ares de criador, tal qual Deus. Porém Camus defende que a revolta é o mote da ação, apesar de concordar com Nietzsche em muitos pontos, ainda insiste que o homem se manterá por meio da revolta essencial. Assim o artista corre o risco de tomar aspectos de um deus-criador, mantendo-se egoísta e insensível, tal qual o Deus das religiões; logo, há de se manter a revolta, que é o pré-requisito para dar a cor e o calor ao ato.

Em Nietzsche há uma nova postura, pois aquele que cria não é mais um ser imortal e inacessível - é o próprio homem. Além do mais, julga o que é certo ou errado como no início de processo da criação. Dionísio é o representante desse juiz/criador. Ele, em sua ascese, assume a dor como sua. Ao mesmo tempo em que aceita a dor e a si mesmo, aceita também que é nesta terra que ele deve processar toda sua história. Sob esse aspecto, Dionísio é o homem revoltado. E como tal, não tem o poder, mas apenas a vontade de poder. Camus entende que sob esse viés Nietzsche usa a revolta para

¹⁰³ NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia, ou, Helenismo e pessimismo*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 177 p. 1992. p. 56.

¹⁰⁴ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 95.

exacerbar o mal. Sugere que o propósito do pensador não é atizar uma represália e valorizar o mal; ao contrário, percebe que Nietzsche busca esse caminho como uma possibilidade do bem. É como ministrar um remédio amargo para buscar a cura. Está buscando um caminho seguro para seguir. Sua proposta é grandiosa e ousada. Nunca se havia destituído o poder de Deus do modo como ele está se propondo fazer. Tal como visto, tirando o poder de Deus e o colocando nas mãos de homens.

Camus ainda salienta que esse seu ato visionário, infelizmente, e não a seu gosto, desembocou na barbárie que o século XX presenciou. Nietzsche, no auge de seu processo, imaginou que o mundo seria conduzido por tiranos artistas, o homem não perpetuaria a si próprio, mas sim sua espécie por meio da arte, que seria a sobrevivência desse deus/criador. Entretanto, deturpam suas ideias, e Camus afirma que “fizeram da raça um deus e fizeram o indivíduo se curvar diante dele”¹⁰⁵. Nietzsche falava da espécie humana, enquanto os nazistas levaram isso para a raça ariana.

Camus vê em Nietzsche um servidor da equidade, polêmico, mas justo. Ora, ele próprio afirmava que força é a união de coragem e inteligência. Segundo Camus, ele desprezava o fanatismo, porém, suas ideias serviram como sustentáculo para mentira e violência. Isto para o filósofo argelino foi injustiça.

Conhecem-se filosofias que foram traduzidas, e traídas, no decurso da história. Mas, até Nietzsche e o nacional-socialismo, não havia exemplo de que todo pensamento, iluminado pela nobreza e pelo sofrimento de uma excepcional, tivesse sido ilustrado aos olhos do mundo por um desfile de mentiras e pelo terrível amontoado de cadáveres no campo de concentração¹⁰⁶.

Camus adverte que Nietzsche deve ser sempre defendido, pois suas opiniões e juízos não tiveram o propósito para os quais foram usados. Dessa forma, ideias podem ser consideradas armas. Pode-se tecer uma analogia entre o pensamento nietzscheano e o de Santos Dumont. Ambos tinham nobres objetivos, entretanto, foram utilizados para tirar vidas, ou como justificativa para se tirar essas vidas.

¹⁰⁵ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 96.

¹⁰⁶ Ibid., p. 100.

Camus também sustenta que não é possível analisar os fatos com ingenuidade, haja vista a obra de Nietzsche, no afã de ser inovadora e no desejo de se colocar com firmeza de propósito, acaba por instigar a violência. Nietzsche, em alguns pontos, legitimou o absurdo que ocorreu no século XX, inclusive, por ter dado acedência à totalidade humana. Obvio que não foi com esse propósito, mas, o fato é que Nietzsche propiciou essa possibilidade, quando dá o seu *sim* absoluto. Para o filósofo argelino, isso dá um status ao crime, universalizando o assassinato. Apesar disso, Camus, por considerar o pensamento nietzscheano coerente, e por perceber que seu propósito essencial não é o massacre, sai sempre em sua defesa. Ainda mais porque percebe que Nietzsche se mostra muito consciente do processo, especialmente quando diz que “a tarefa de governar a terra vai derrotar-nos”¹⁰⁷. Camus enfatiza que o papel da filosofia é criar caminhos para colocar o ideal mais compreensível. Porém, líderes com propósitos como os de Hitler e Mussolini têm a capacidade de profanar qualquer filosofia, pois utilizam aquilo que lhes interessam com o objetivo único de fundamentar o horror.

2.4. Revolta Histórica: revolução versus revolta

“Toda revolta é nostalgia de inocência e apelo ao ser”¹⁰⁸. Camus esclarece que a revolta histórica tem a ação mais participativa do homem, não é só um confronto intelectual e questionador. Neste caso há um desejo de assumir o controle e o poder. Desta feita, a revolução é a arma para se buscar a liberdade. E a liberdade é o mote de todas as revoluções. Entretanto, salienta que esse processo se torna um torvelinho, não tendo nunca um final. Observa que é a busca da liberdade que gera a revolução, e a revolução tem como propósito a liberdade para todos. Porém, para garantir que essa liberdade seja unânime e equilibrada, faz-se necessário a justiça.

E a justiça, em sua ação natural, cerceia novamente a liberdade, já que para garantir a equidade é preciso colocar normas e limites. Dando origem a um novo processo. A ideia inicial que surgiu no afã inocente de garantir a igualdade e a liberdade para todos, desemboca em ações desarrazoadas de violências e assassinatos. Camus observa que:

¹⁰⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 100.

¹⁰⁸ Ibid., p. 130.

Na verdade, a revolução é apenas a sequência lógica da revolta metafísica, e nós descobriremos, na análise do movimento revolucionário, o mesmo esforço desesperado e sanguinário para afirmar o homem diante daquilo que o nega¹⁰⁹.

Assim Camus analisa que ao recusar Deus, e depois assumir a responsabilidade da origem e da existência, o homem decide colocar como aparato de proteção e orientação a *história*. Ora, o homem deseja assumir o controle, pois a figura de Deus, um ser distante e intocável que dirige sua vontade, conduzindo sua vida não é uma situação desejada. O homem não quer mais curva-se frente a uma magnânima força desconhecida. Então, o que pretende é assumir o controle e garantir que o governo do mundo e da própria vida esteja definitivamente em suas mãos. O caminho escolhido para se efetivar essa ambição é o da revolução. Afinal, esse novo homem, de atitudes mais aguerridas, não se permite mais ter um condutor, é ele quem toma a iniciativa. Sob esse aspecto, Camus esclarece que a revolução tem particularidades completamente diferentes da revolta, pois que, a revolução do modo como se mostra, parece um movimento completo. Porém, ao que ele observa, uma revolução é, essencialmente, uma mudança completa, se esse processo não ocorrer, será apenas uma revolta.

Analisando o processo da revolta, Camus adverte que tanto as ideias marxistas quanto as nietzscheanas foram relevantes para a história da revolta. Se de um lado temos o marxismo/leninismo desembocando em um socialismo, cuja máxima de Marx está no fato de a natureza dever sempre se subjugar e obedecer à história; por outro, temos Nietzsche, cujo propósito é subjugar a história na força do seu *além-homem*, o que acaba sendo apropriado pelo Nazismo. Assim, Camus ressalta os problemas advindos tanto do niilismo quanto do socialismo; afinal, ambos serviram como *apport* para sistemas totalitários e genocidas.

Vejamos, pois, um pouco do niilismo e do socialismo na ótica camusiana.

2.4.1. Nihilismo, Revolução e História

O niilismo por meio de vários pensamentos atravessa a história. Contudo, como mostra Camus, há pensamentos que não conceituam de fato o que seja a revolta. O Nihilismo é um deles, pois atravessa, serve como possibilidade inicial, mas não realiza a revolta como tal. Há de se lembrar, que este provoca rupturas históricas, como é o caso

¹⁰⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 131.

de Sade, os românticos, Karamazov e Nietzsche. Cada qual — a seu tempo, com suas convicções e com os desdobramentos que extrapolaram para o assassinato e para as diferentes formas de violência — defendeu a vida e uma existência plena. Para tais pensadores não havia contradição entre o querer uma existência plena e recusar as forças metafísicas restritivas com o aceite à violência, posto que na ausência do medo da morte, sobrava apenas e indistintamente um ‘Eu’ ávido pelo direito à vida. Ainda que tenham se rendido ao niilismo, ou que tenham se tornado servis ou tiranos, a busca era pela unidade e pela vida. Sobretudo, protestavam contra o mal. Camus defende que não é a revolta nela mesma nem o revoltado o que é nobre, mas o que ele exige.

O revoltado não exige a vida, mas as razões da vida, ele rejeita as consequências que a morte traz. Se nada perdura, nada se justifica, aquilo que morre fica privado de sentido. Lutar contra a morte equivale a reivindicar o sentido da vida a lutar pela ordem e pela unidade. [...] Revoltante não é o sofrimento da criança mas o fato de que esse sofrimento não seja justificado. [...] Aos olhos do revoltado o que falta a dor do mundo, assim como aos seus instantes de felicidade, é o princípio de explicação ¹¹⁰.

A revolta com Nietzsche se firmou como um protesto constante contra Deus e a falta de sentido dado à criação humana. É uma demonstração da indignação do homem, da sua solidão e da não compreensão dos motivos do criador. Daí, surge o niilismo afirmativo que possibilita um salto para além da revolta metafísica. Afinal, os recursos utilizados em uma revolta metafísica mostraram-se infrutíferos, porquanto muitos destes insurreccionados acabaram optando pelo suicídio, outros sucumbiram passivamente ao niilismo negativo, outros tentaram diferentes alternativas, entretanto não foram bem sucedidos, pois a maioria das suas tentativas culminaram na violência ou no assassinato.

Camus observa que é a falta de sentido que move tais protestos, não é exatamente o medo, mas o fato de não haver explicação. Toda beleza do movimento que desenrola uma vida, tem como última prerrogativa, um final insólito e imprevisível. Então, ficam questões que geram a angústia e o desejo de resposta. Porque o mundo? Porque a vida, se nada faz sentido?

¹¹⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 123.

A revolta é essencialmente nobre, ainda que alguns a tenham profanado. É nesse ponto que a revolta não pode ir aos extremos, isto é, não pode nem aceitar nem recusar tudo. Esse é o problema decorrente do niilismo quando negativo; isto é, a fúria desmesurada tanto ao criador quanto às criaturas.

Este niilismo negativo acaba desembocando em uma reação maior, que se concretiza pela revolução, a qual além da recusa de uma ordem existente, visa substituí-la por estruturas imaginárias e totalitárias, destruindo, assim, as razões claras que caracterizam o pensamento revoltado.

Para Camus há uma diferença gritante entre revolução e revolta. A revolta emerge de um movimento consciente da liberdade humana, isto é, como um agir que vai de encontro às injustiças, já a revolução aparece como um movimento que vai de um extremo ao outro. Na revolução busca-se o absoluto e, por conseguinte, sacrifica-se o indivíduo.

A revolução é fomentada a partir não de uma ideia, mas de uma ideologia. E acontece com a inserção desta ideologia na experiência histórica. Seu papel é tentar adaptar a ação à ‘teoria’ disseminada. De outro modo, o que se espera é dar forma ao mundo físico, de acordo com a teoria. O movimento de revolta é aquele que vai do indivíduo ao coletivo, parte do absurdo e da “aparente esterilidade do mundo”, da abertura desse sofrimento individual para a consciência do reconhecimento do outro.

O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si mesma e ao mundo. O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o *cogito* na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos¹¹¹.

A revolta é, sobretudo, um protesto. Por isso, Camus afirma que a revolta mata apenas homens, enquanto a revolução mata homens e princípios. Todavia, é importante salientar que a Revolução Francesa criou uma mística nova, a mística que divinizou a vontade geral e que lhe atribui um poder ilimitado e infalível. Mata-se o rei e diviniza-se a razão. Há um deslocamento de Deus para a razão. Em outras palavras, “nos escombros

¹¹¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 35.

do divino, erige-se um *locus* perfeito para a ascese da razão”¹¹². Camus compreende que na trilha da revolta metafísica, cujo propósito era o de afrontar e destituir o criador, os revoltados transpuseram um nível. Na verdade, no lugar de Deus, ‘endeusaram’ a história. O niilismo cumpriu seu papel.

Camus chama a atenção para um fato interessante, toda revolução, afirma o argelino, tem por mote a liberdade humana. É o desejo de liberdade que desencadeia revoluções. Porém, há outro fator que compõe esse processo; isto é, para se garantir a liberdade, é necessário, a justiça. Ora, e para garantir a liberdade, a justiça, por vezes cerceia-se a liberdade. Assim, liberdade e justiça estão nas duas pontas da revolução, sendo que a primeira desencadeia o movimento e a segunda o estagna, propiciando um novo movimento revolucionário. “Toda revolta é nostalgia de inocência e apelo ao ser”¹¹³. E Camus mostra que o inocente propósito do início desemboca em violência e assassinato.

Na verdade, a revolução é apenas a sequencia lógica da revolta metafísica, e nós descobriremos, na análise do movimento revolucionário, o mesmo esforço desesperado e sangüinário para afirmar o homem diante daquilo que o nega¹¹⁴.

Ora, como dito, a revolta histórica decorre da recusa humana, no lugar do Criador, agora destituído de seu poder, busca-se conforto na história. O revoltado histórico se recusa a curvar-se perante Deus, mas se dobra frente à história.

Para melhor compreender, Camus explica que a revolução tem o sentido de círculo completo, pois é preciso que haja uma mudança total, isto é, uma alteração de regime, governo, etc. Caso contrário será apenas uma reforma. Salienta ainda que depois de uma análise mais detalhada, o que se percebe é que esse movimento revolucionário não passa de ato desesperado do homem para se afirmar diante daquilo que o nega. Ora, toda essa revolta é “a defesa da parte do homem que não quer se curvar”. Já, a revolução, afirma Camus:

Precisamente, ela é a inserção da ideia na experiência histórica, enquanto a revolta é somente o movimento que leva da experiência individual à ideia. Ao passo que a história, mesmo que coletiva, de um movimento de revolta é sempre a de um compromisso de sistemas ou

¹¹² AMITRANO, 2007, p. 152.

¹¹³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p.132.

¹¹⁴ Ibid., p.131.

razões, uma revolução é uma tentativa de modelar o ato segundo uma ideia, de moldar o mundo em um arcabouço teórico. Por isso, a revolta mata homens, enquanto a revolução destrói ao mesmo tempo homens e princípios¹¹⁵.

Afirma que, por mais que soe contraditório, ainda não houve uma revolução de fato na história, pois isto significaria uma mudança definitiva. Explica que, justamente por haver esta ciclicidade; ou seja, esse movimento circular da história e a repetição dos fatos, é que não haverá, tão facilmente, a revolução definitiva. Sendo assim, quando se instaura um modelo de governo, já se inicia, ainda que imperceptivelmente, outra revolução. Pode se imaginar, por exemplo, o discurso iluminista da Revolução Francesa, “liberdade, igualdade e fraternidade”¹¹⁶. Esta mudança tinha ares de revolução completa, porém, em pouco tempo, outro ciclo teve início.

A característica marcante das revoluções é a morte, ou seja, o assassinato. Camus observa que em todos os tempos era natural acontecer dessa maneira. A revolta de Espártaco é um exemplo disso. Esta foi uma das maiores rebeliões de escravos da história¹¹⁷. O que deu força à revolta de Espártaco, e que aglutinou tantos escravos, foi justamente a promessa de liberdade e igualdade nos direitos. Para Camus o que ocorreu nesta revolta foi uma rejeição à servidão, isto é, a passagem do fato ao direito.

Já a Revolução de 1789 desemboca em uma ação diferenciada, ainda que mantenha os mesmos propósitos, uma insurreição que quer a liberdade. Nesta contenda entre a graça e a justiça, é necessário libertar os homens do domínio de Deus, o deus que age na figura do rei. A justiça busca o poder, quer reinar absoluta, tal qual a graça. Mas para que isso ocorra de forma definitiva é necessário exterminar o rei. Luís XVI morre em nome do contrato social¹¹⁸. Morre para efetivar a força, o poder e a resistência do homem.

¹¹⁵ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p.132.

¹¹⁶ *Liberté, Egalité, Fraternité*, originalmente, *Liberté, Egalité, Fraternité, ou la mort! (Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou morte!)*. Este foi o lema da Revolução Francesa, citado, inclusive na Constituição Francesa.

¹¹⁷ Espártaco foi capturado ao norte da Grécia, e como era um homem de guerra, logo, de porte avantajado, foi indicado para ser gladiador e divertir o povo romano. Por essa atividade, deveria arriscar sua vida continuamente para diversão dos homens livres. Como era um homem de cultura e certo conhecimento, mobilizou um grupo de gladiadores e formou um exército de resistência. Outros vieram compor esse grupo que se avolumou e, que chegou, inclusive a se tornar uma ameaça para os romanos.

¹¹⁸ No contrato social, Rousseau mostra que a legitimidade do rei não tem origem divina, porquanto, é adquirida, assim a vontade geral seria o determinante da vontade do povo. Ora, o novo condutor. – o novo Deus – sob essa égide a Vontade Geral é coercitiva, porquanto é ela quem determina os limites. Nesta

Assim, Luís XVI foi destronado e morto, sem direito ao perdão. A ‘Vontade Geral’ o condenou e o executou. De certo modo, isso não deixou de ser coerente, pois se fosse permitido que a vontade de todos decidisse, provavelmente ele seria libertado. Tal como ocorrera com os escravos companheiros de Espártaco, quando se defrontaram com a grandeza de Roma, se acovardaram, e retrocederam. Donde se concluir, se a ‘Vontade Geral’ cedesse e deixasse que a vontade de todos decidisse, seria o acovardamento frente à grandeza. Doravante a verdade, a justiça e a razão são decretadas os novos deuses. E a ‘voz do povo’, ressoada por alguns, é quem comanda. Todo um sonho de liberdade parece finalmente concretizado, mas apenas um número certo pode proclamar a verdade dessa liberdade, dessa justiça e dessa nova lei.

Agora nada mais justo e perfeito que a República norteada pela razão e pela justiça. Juntas determinarão as leis, que serão, infalivelmente, justas. Como afirma Saint-Just, “fora das leis tudo está estéril e morto” ¹¹⁹.

Apesar de Camus mostrar esse processo com certo bom humor, não se perde em propostas e não se permite ficar preso aos ideais pré-concebidos. Sua análise aponta para os desejos, as propostas, as conquistas e os fracassos das situações observadas. Afirmar que com a Revolução Francesa iniciou-se um novo tipo de moral, qual seja: a moral formal. Entende que para esses pensadores do iluminismo que seguiam as ideias de Rousseau, a virtude em sua forma mais equilibrada está em consonância com a natureza, e para se conduzir um corpo político justo, é preciso que a virtude seja a determinante das leis. Sendo que essas leis têm por objetivo maior expressar a ‘Vontade Geral’. Assim, a corrupção moral expressa a corrupção política. Camus sustenta que a moral formal devora, pois se instala em um princípio de repressão infinita. Isto

condição, toma ares de deidade, sendo que há uma sutil diferença, pois que a vontade geral, não é a vontade de todos, porquanto é a expressão universal da razão. Camus observa que o Contrato Social torna-se um novo evangelho. Ele rege o novo modelo de governo, se o absolutismo estava sobre a égide de Deus e da bíblia; a República é comandada por esse novo evangelho. Saint-Just é apontado como um dos regentes das novas mudanças. E para manter-se a lei e a liberdade de todos, “surgem os cadafalsos como altares”. (Cf. CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 143). Ironicamente, para reinar o “nosso senhor gênero humano” (Cf. ANARCHASIS CLOOTS, *Apud* CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 134) é preciso matar o rei. Não basta destroná-lo, necessário é bani-lo da face da terra. Contraditoriamente, o rei é o único que não é cidadão, por ser representante de Deus. Basicamente, o que eles tentaram, foi acatar a sugestão do padre Jean Meslier, ou seja, estrangular o último rei nas tripas do último padre (Cf. *Je voudrais, et ce sera le dernier et le plus ardent de mes souhaits, je voudrais que le dernier des rois fût étranglé avec les boyaux du dernier prêtre*, ou Eu gostaria, e este será o último e o mais ardente dos meus desejos, eu gostaria que o último rei fosse estrangulado com as tripas do último padre. Memória dos pensamentos e sentimentos do abade Jean Meslier. In: <http://terramagazine.terra.com.br/interna>. Consulta em 01/03/2013.

¹¹⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 150.

obviamente não é percebido no início do processo, mas o desencadear da justiça, proposta por Rousseau e defendida por Saint-Just, mostrou que essa justiça não tem braços tão longos que consiga abarcar todos os filhos da natureza. Ao que Camus questiona. Afinal, se a totalidade proposta tem a equivalência de unidade, como o terror se consagra menos de quatro anos depois? O próprio Saint-Just foi obrigado a lidar com as facções; esses grupos que com suas ações e discordâncias comprometeram o caráter da unidade. E Saint-Just determina que para a virtude prevalecer é necessário que o terror reine. O “bom selvagem”, guiado pela moralidade e pela justiça, necessita agora de cadafalsos e da força da guilhotina para se fazer entender, e impor a liberdade para todos.

Saint-Just, com suas ações, justifica o crime, tal qual Sade, obviamente que por motivos muito diferentes. Para Camus tal comparação é importante, pois implicam morais entendidas como corretas ou a imoralidade absoluta; todavia, ao fim, moralidade ou imoralidade, ambas chegam ao mesmo ponto, o assassinato.

Camus percebe que a República torna-se tão tirana quanto às outras formas de poder que a antecederam; a liberdade é tão condicionada quanto antes. Desta feita, só é livre quem não tiver opinião, ou pelo menos não manifestá-la. Só estarão livres do cadafalso aqueles que disserem *sim* ao novo senhor, e não o contradizerem. Saint-Just compreende que neste processo o sujeito que estiver no poder não sairá impune, pois, segundo sua própria observação, ninguém terá o poder inocentemente. Enquanto esteve no poder, Saint-Just condenou muitos à guilhotina, e ele próprio, ao seu tempo, foi morto, como recurso asséptico, pois, suas ideias também se tornaram divergentes. Logo, destoadado do todo e desgarrado da unidade, torna-se facção, não lhe restando alternativa a não ser a morte.

Camus desdobra sua análise sobre o niilismo na contemporaneidade apontando para uma subdivisão advinda da filosofia de Hegel. Na contemporaneidade há uma disjunção entre indivíduo e Estado – agora há duas entidades diferentes. Como Hegel tende ao racionalismo, que para ele é a forma de unidade, compreende que há um ‘irracional’ que sempre tende à fragmentação. Diante disso, sugere que um conhecimento seguro é, necessariamente, o conhecimento do todo. Seu método se constitui de uma forma holística. Isto é, ele se propõe lançar um olhar panorâmico, uma visão geral, e, em seguida, se predispõe a analisar cada uma das partes desse todo.

Segundo sua opinião, este é o modo mais racional e mais seguro de se embrear na busca pelo conhecimento. Não rompendo com os ganhos da Revolução Francesa, instaura a razão universal, que é inerente à abstração. Entretanto, para ele o abstrato não consegue dar todas as respostas, por mais que tenha essa condição ambígua e que permita pensar o universal concreto. Assim, a razão é fundamental, é ela que consegue fazer uma análise segura dos acontecimentos históricos e de suas consequências. A razão explica a história.

Para Hegel ¹²⁰ o pensamento se materializa no conceito. A verdade, a razão e a justiça são tomadas como representantes fiéis do devir do mundo, ou seja, são componentes de um movimento que é constante. Com Hegel o mundo torna-se eficaz. Esse pensamento eficaz é reforçado pela ideologia alemã que torna o pensamento vivo por meio da razão, do devir e da conquista. Mais uma vez a revolta sofre modificações e essa nova particularidade influencia os revolucionários do século XX que, inspirados em seu pensamento, modificaram os valores da revolta. Camus acredita que “as ideias de Hegel, na realidade, são imperialistas, além de ser a filosofia do parecer, pois precisa do outro para existir” ¹²¹.

¹²⁰ Hegel entende que nenhum homem é detentor de virtudes, porém pelo processo dialético, todos tendem à virtude, pois há um movimento linear de ascensão. E sob essa perspectiva o mundo mantém a característica de ser tomado por senhores e escravos. Esse modo de pensar influenciou o pensamento dos revolucionários da contemporaneidade. Hegel, com a dialética senhor/escravo, desencadeou o modelo que se firmou como burgues/proletariado. Assim, aquele que detém o poder tem sempre razão. A dialética de Hegel culmina na relação senhor/escravo. Para o ele, o animal tem uma consciência imediata, isto é, sem mediadores, do mundo exterior. Desta forma, o animal percebe esse mundo, porém, não consegue ter consciência de si mesmo, o que caracteriza a diferença entre ele e o homem. Ora, quando o homem nasce, por ter como característica a racionalidade, toma consciência de si mesmo, deste modo, pode-se afirmar que o homem é autoconsciência. O homem, no processo de autoafirmação, distingue-se daquilo que ele não é. É um processo de afirmação e negação, isso ao mesmo tempo. O homem, enquanto consciência-de-si, é um reflexo da consciência sobre si. Essa busca envolve outra identidade e tende aniquilá-la, já que o processo é afirmação/negação. Na dialética do senhor e do escravo, um é para o outro. O senhor é o para-si, enquanto o escravo é o que une o senhor ao seu objeto de desejo; é como uma ponte, a conexão. Desta feita, o escravo é o ser-para-si. Ou seja, a sua existência se justifica na existência do outro. O escravo age na pura negação, não se coloca como um agente de fato, mesmo sendo ele, um dos causadores da relação. O senhor também não possui a liberdade total, uma vez que necessita do reconhecimento do ser inconsciente que é o escravo para existir de fato. Esta relação, segundo Hegel, foi desencadeada em um momento de luta, em que ambos estavam numa relação nivelada, o senhor foi o que não teve medo de arriscar a vida. Essa ação, fortalecida pela sua coragem, lhe dá o status de homem livre, pois é vencedor. O homem na condição de escravo não é reconhecido pelo o seu senhor como homem, tão pouco se reconhece como tal. Para romper com esta situação, ele precisa ser reconhecido por outros homens. Toda a consciência, em seu princípio, tem o desejo de ser reconhecida e saudada como tal pelas outras consciências. E isto acontece na sociedade. Para tanto, o homem deve ser capaz de colocar sua vida em jogo. Foi a coragem de encarar a morte que deu o status de senhor ao homem vitorioso, em que o fez superior, ao passo em que a covardia de seu oponente determinou a escravidão.

¹²¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 168.

Camus vê a filosofia de Hegel como um indício de tragédia, uma vez que para garantir uma existência consciente de um homem é necessário que outra existência seja aniquilada. O fato de Hegel apregoar uma consciência do escravo curvada frente à consciência de seu senhor é incongruente para Camus, pois neste estágio não se trata mais de estar livre da morte, mas de se acatar um poder de matar ou escravizar. E, de acordo com as ideias hegelianas, a liberdade do senhor é total e inquestionável. O escravo será sempre o objeto de gozo que o senhor irá consumir infinitamente, pois não tem consciência nem vontade própria.

Camus, então, se debruça nesse processo histórico e aponta para o fato de Hegel inspirar Marx e Lênin. Aqui, mais uma vez, a revolta toma outra aparência. Agora além da história, ainda é agregada a questão da exploração, da força de trabalho que precisa ser alicerçada na revolta. A moralidade é modificada de acordo com o processo dialético. Tudo é urgente e sutil, inclusive a vida humana, que beira o limiar do objeto e da inconsciência. Desta feita, há uma aclamação das virtudes superiores, porém uma clara desvalorização da vida humana. Resta apenas o “matar ou escravizar”¹²². Ora, sob essa perspectiva, é possível observar que o homem abstém-se de seus próprios pensamentos, crítico e criativo, pois o que lhe conduz é sua crença em algo maior e superior, acreditando que todo processo culminará em uma verdade absoluta.

Camus defende que foi esse posicionamento que originou o assassinato filosófico. E, conseqüentemente, deu origem ao *terrorismo*, individual e de Estado. Ora, a existência está vinculada à morte e à história e ainda se submete à eterna dialética que promove o constante devir. Isto levou uma parte dos revoltados a acreditar que a melhor alternativa para se auto afirmar era a de matar. Outros entenderam que o melhor seria escravizar, pois num jogo dialético, quem é escravo, pela lógica, tende a ser senhor. Ou seja, o escravo que se emancipa, pelo processo dialético, escraviza.

Na opinião de Camus, desde seu início, o niilismo não fez grandes avanços. Entretanto se mostra de novas formas, em outras roupagens, mas a essência é a mesma. Na realidade, sua síntese, além da banalização da vida, é apenas uma transferência; isto é, o que antes era poder de Deus agora é poder do homem; o que era regido pela fé, na contemporaneidade, é determinado pela individualidade de um soberano; a bíblia determinava ações, quem cumpre esse papel agora é a razão; a religião perdeu espaço

¹²² CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 169.

para a política; e a terra miseravelmente ascendeu ao status do céu; O homem no lugar de orar, trabalha, esta é sua profissão de fé; o inferno perdeu seu espaço e agora é a miséria que consome o homem, pois só há um inferno e ele é aqui; e por fim, o homem tornou-se o Cristo.

Camus sustenta que o ateísmo, assim como o espírito revolucionário, retratam as duas faces de um mesmo movimento que tem por objetivo a de libertação.. Por esta mesma razão, o movimento revolucionário se identificou muito mais com o materialismo. E o processo dialético materialista tem como objetivo maior fazer de Deus um escravo. O mundo será perfeito e todas as contradições e diferenças se extinguirão quando, por fim, o inferno tiver sido aniquilado; inferno que por ora é a miséria. “O verdadeiro deus, o deus humano, será o Estado” ¹²³

Na sequência, Camus analisa os movimentos revolucionários, que têm como prioridade e ideal, a luta contra o domínio burguês. Ora, o seguimento burguês, que lutou pela liberdade e tinha o interesse de igualdade e fraternidade para todos, tornou-se também algoz. Todo o discurso burguês se reduziu à dominação e a exploração. Grosso modo, é a dialética em ação. Ou seja, diante da acomodação dos ideais burgueses, em que o combate eliminou o maior inimigo –Deus –, desencadeou-se uma nova luta, e uma nova revolução se estabelece contra a razão.

Camus avalia que o processo niilista também evoluiu para o movimento russo, e promoveu outras catástrofes, pois alguns intelectuais decidiram pela luta armada. Em sua maioria, eram jovens revolucionários que não tinham maiores pretensões políticas. Hegel e a Ideologia Alemã encontram ali um terreno fértil, pois a Rússia não tinha um passado filosófico constituído, portanto, havia uma vontade pela luta, mas ainda não fundamentada. Com os dezembristas ¹²⁴ começam os primeiros sinais de revolução. Seus anseios eram desesperançados, pois partiram para a luta sem acreditar na vitória.

Camus também estabelece fortes críticas às posições de Bielinski ¹²⁵, Herzen ¹²⁶ e Bakunin ¹²⁷. Sua análise sobre esses revoltados é que eles têm um posicionamento de

¹²³ FEUERBACH, Ludwig, Apud CAMUS, Albert. *O Homem Revoltad*, p.175.

¹²⁴ Esta foi uma Revolta armada ocorrida em 14 de Dezembro de 1825, liderada pelo General Sergei Volkonsky quando da sucessão imperial desencadeada com a morte do czar Alexandre I. O czar não deixou herdeiro direto. Desta forma, seguindo a ordem dinástica, deveria assumir o seu irmão Constantino. Entretanto, por razões particulares, Constantino havia, em sigilo, previamente abdicado em favor do príncipe Nicolau. Ocorreu então o levante militar da alta nobreza contra o novo czar Nicolau I, que era impopular e considerado cruel. As forças do novo czar Nicolau I, que então assumia o poder, sufocaram com certa facilidade a insurreição dos ditos Dezembristas.

¹²⁵ Bielinski, defensor de que se tudo é lógico, tudo se justifica. Bielinski teve, inclusive, uma estreita relação com Dostoiévski, além de ter sido leitor e crítico de sua obra. Bielinski acreditava que a literatura

luta, mas ao mesmo tempo de passividade, é como se houvesse uma culpa pela ação, ou como se existisse o grito de revolta, mas fosse uma reivindicação dolosa que os fizessem encolher, ao invés de estufar o peito. Para Camus, está sob a responsabilidade do homem dar sentido à vida, mas não se pode, de modo algum, desconsiderar a vida do outro. Sustenta que é *necessário*, para uma vida ética, o olhar para o outro. Qualquer outra forma de agir degenera a liberdade e a real dimensão da condição humana.

O homem revoltado, assim, é duro porque chama seus irmãos para se portar com firmeza. E o que ele retalha são as injustiças dos homens para com os outros homens. Se a vida é naturalmente absurda e só o homem pode dar sentido à sua existência, então todos devem ser chamados para compor um exército de afirmação da vida. Há várias formas de luta e, dentre elas, a resistência; uma resistência por existir.

Essa luta aqui lembrada, Camus bem conhecia. Homem de saúde frágil, a usou em diferentes momentos, como resistente na Guerra e na vida. Camus sabe que não se pode sacrificar a vida humana em nome de uma ideia, isso não é liberdade nem sinônimo de força. Esse é apenas um modelo de resistência em que se usa, como escudo, a morte do semelhante. “O terror [ainda] é a homenagem que solitários rancorosos acabam rendendo à fraternidade dos homens”¹²⁸.

Ora, o homem revoltado chama seu irmão para a luta; não é em vão que Nietzsche sussurra no ouvido de Camus,

Porque tão duro? – falou certa vez ao diamante o carvão de cozinha; não somos parentes próximos?”
Porque tão moles? Ó meus irmãos, assim vos pergunto; pois não sois – irmãos?
Porque tão moles? Tão amolecidos e condescendentes? Porque há tanta negação, abnegação em vossos corações? Tão pouco destino em vosso olhar?
E se não quereis ser destinos e inexoráveis: como podereis comigo um dia - vencer?
E se a vossa dureza não quer cintilar, cotar e retalhar: como podereis um dia comigo – criar?

rusa deveria ser um instrumento de informação das reais condições do povo russo. Bielinski mantinha, apesar de revolucionário, traços bem românticos, pois acreditava que a revolução, de alguma maneira redundava em ascese, já que lidava bem com sua própria dor, porém, não tolerava a dor do outro. Por isso que o pensamento hegeliano não encontrou guarida permanente em seu modo de acreditar. Para Bielinski, “se não pode suportar a dor do outro, não se justifica a história”. Camus o vê como um individualista revoltado.

¹²⁶ Herzen defende o movimento niilista, e que deseja construir o futuro, destruído o passado.

¹²⁷ Bakunin afirma que “um mundo novo, sem leis e, conseqüentemente, livre”.

¹²⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 284.

Pois todos os que criam são duros. E terá de vos parecer bem-aventurança imprimir vossa mão nos milênios como se fossem cera –
- Bem-aventurança escrever na vontade de milênios como se fosse bronze, mais nobres que bronze. Apenas o mais nobre é perfeitamente duro.
- Esta nova tábua, ó irmãos, ponho sobre vós: tornai-vos duros! ¹²⁹

Para Camus, “os revolucionários do século XX colocaram a revolução e a igreja dos homens acima de si mesmos.” ¹³⁰. Exemplo disso é Ivan Kalyayev, poeta russo e membro do Partido socialista-revolucionário, que foi condenado à forca, em maio de 1905, por ter assassinando o grão-duque Serguei Alexandrovitch em um ato terrorista. Camus analisa que esse ato revolucionário, isoladamente, é a imagem pura da revolta, porque Kalyayev duvidou até o final, entretanto continuou a agir. Sob esse aspecto, ele deixa de ser niilista e se porta como um homem revoltado que não tem esperanças, mas abandona a luta.

Camus reconhece que o niilismo sobrevive sempre. Por isso, casos isolados de revolta não têm muita força. A revolta de Kalyayev tem efeito provisório. E o socialismo individualista, perde força. Quem assume seu posto é o socialismo científico, “que surge na década de 1880 na Rússia e que dará origem à revolução totalitária do século XX.” ¹³¹. Esse processo culmina no socialismo militar, que para Camus é o grande inimigo da arte e da moral, sempre sendo influenciado pelo niilismo nas suas mais diversas facetas, e com sua inquestionável força. Dá início às organizações secretas e outras medidas de força que tem como objetivo “a tomada de poder”. Surge então, a expressão “aparelho”; que são os AIE, ou Aparelhos Ideológicos de Estado. Os AIE se apresentam na forma de instituições distintas e especializadas, e sua função é reproduzir a ideologia em questão, Segundo a definição de Althusser,

Em outras palavras, a escola (mas também outras instituições do Estado, como a igreja e outros aparelhos do Exército) ensina o *know-how*, mas sob forma de assegurar a submissão ideológica dominante ou o domínio de sua ‘prática’. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, sem falar dos ‘profissionais da ideologia’ (Marx) devem de uma forma ou de outra estar ‘imbuídos’ desta ideologia para desempenhar ‘conscienciosamente’ suas tarefas, seja a de explorados (os operários), seja de exploradores (capitalistas), seja

¹²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *O Crepúsculo dos Ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. p 109.

¹³⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 203.

¹³¹ Ibid., p. 205.

de auxiliares na exploração (os quadros) seja de grandes sacerdotes da ideologia dominante (seus funcionários), etc.¹³².

Os russos propunham começar as mudanças pela educação; isto é, entendiam que um adulto que tinha sua personalidade formada não aceitaria tão facilmente mudanças muito radicais. Por outro lado, um garoto com a personalidade em formação era um campo aberto a novas ideias. Para Camus isso é descaracterização absoluta. Definitivamente a revolta serve nestas condições apenas à história. O homem fica fora do processo. Isso é um ‘terrorismo irracional’. As revoluções são sempre contrárias aos seus discursos; ou seja, priorizam o homem na fala, mas almejam resultados sempre favoráveis ao Estado. É ele que sempre se beneficia e ganha força durante os processos revolucionários. Desde Napoleão em 1789 até a República de Weimar de Hitler, nunca houve de fato um benefício para o homem, especialmente aquele que tinha menos poder. Mesmo eliminando Deus, não houve uma priorização do homem, nem da vida humana, apenas uma busca desenfreada pelo poder, comandado pelo niilismo. Todas as filosofias propostas, racionais ou irracionais, desembocaram indiscutivelmente no terror.

2.5. Influências Marxistas sobre Revolta Histórica

Ao tratar das ideias de Marx, Camus é reticente. Para ele, Marx é apenas um profeta, no sentido lato da palavra. Ora, diante de uma visão linear e até mesmo positivista da história, pode-se pensar que uma revolução idealizada seria perfeita, todavia, na prática, não se sabe ao certo, pois todos os projetos marxistas sempre se mantiveram na teoria. Sob esse aspecto, pode-se dizer que seu pensamento não passou de uma teoria metafísica, pois não é possível averiguar sua efetiva e cabal realização. Ao fim, não ultrapassa as contingências. Tal qual uma religião, na qual se apregoa as possibilidades, não se consegue trazê-las para a realidade. Entretanto, apesar dessa característica, os seguidores do marxismo continuam fiéis, insistindo na necessidade de sua existência e implantação, e na certeza de que esta ideologia seja o melhor para

¹³² ALTUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre aparelhos ideológicos de Estado (AIE); tradução de Walter André Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 2ª edição, p. 58-59.

todos. Como se ‘todos’ existissem sem singularidades. Por esta razão, Camus adverte: “o marxismo e seus seguidores só serão examinados neste ensaio sob o ângulo da profecia”¹³³.

Marx não se revela mais que um profeta, afirma Camus. Com traços burgueses e com propostas revolucionárias, o marxismo tem muitas características do cristianismo, pois traz intrínseco um messianismo histórico e científico. Justamente por se prender na questão histórica, que é um traço marcante do cristianismo, considera a vida humana na linearidade. Isto é, há um começo e um processo gradativo, em que a história se desenrola e tem resultado de acordo com o comportamento do homem. Ou seja, se o homem teve boas ações e foi correto, ganhará o céu e todas as benesses consequentes do bem agir; por outro lado, se não teve uma vida correta, lhe caberá como castigo o inferno, que na União Soviética resumiu-se ao assassinato ou à exclusão nos Gulags.

Para Camus, a filosofia da história parte de uma representação rearrumada cristã, em que há uma ação constante do homem, transformando a natureza e dominando-a. Para melhor esclarecer, há uma distinção clara que nos remete aos gregos e à contraposição marxista-hegeliana da dimensão da natureza. Para os gregos, a natureza está posta para contemplação e para ser obedecida, não tolerando interferências. Os gregos imaginam o processo do mundo e da vida humana como um ciclo: homem e natureza compartilham a vida em equilíbrio. Diferentemente do modo de acreditar do cristianismo e de sua vertente materialista, o marxismo.

Marx justifica sua teoria a partir da história. Uma vertente, como já aludido acerca de Hegel, que possui a natureza como um de seus motes. Camus considera que o posicionamento marxista possui muito daquilo que a burguesia acreditava, pois lança mão da noção de progresso e dá uma importância demasiada à ciência, à técnica e à produção; enfim, todo o arcabouço considerado importante para os burgueses é adotado na teoria marxista. O progresso é tão importante para Marx quanto era para os burgueses, a diferença está na noção de progresso social. Sob esse aspecto, Camus o considera herdeiro da revolução francesa, já que seu pensamento se apoia tanto na religião quanto na ciência. Camus diz que Marx, por ser um profeta, cria sua teoria essencialmente revolucionária com características metafísicas. Na prática, ela nunca se concretizou. Marx ainda defende que toda realidade humana encontra suas origens nas

¹³³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 220.

relações de produção, além de considerar o devir histórico. Assim, em cada nível de produção, a economia suscita os antagonismos; e estes, por sua vez, destroem o modelo menos perfeito em benefício de um nível superior de produção.

O capitalismo da acepção marxista, por ser burguês, também se revela revolucionário, e é ele que abre caminho para o comunismo. Marx afirma que a história é ao mesmo tempo dialética e econômica. Hegel diz que a história é matéria e espírito. Marx, por sua vez, nega o espírito e o substitui pelo materialismo histórico. Entretanto, para Camus, a história se distingue da natureza, pelo simples fato de transformá-la pelos meios da vontade, da ciência e da paixão. Camus defende que não existe materialismo puro nem absoluto. Para Camus, para além da história e do materialismo,

A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida, sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade. Assim é, sem dúvida, que abordei essa carreira desconfortável em que me encontro, enfrentando com inocência uma corda bamba, na qual avanço com dificuldade, sem estar seguro de alcançar a outra ponta. Em outras palavras, tornei-me um artista ¹³⁴.

O idealizador do comunismo usa o determinismo para justificar a origem do homem no assentamento econômico, limitando suas relações sociais. Afirma que o homem é ‘autor e ator de sua própria história’. Ora, Camus identifica que,

O homem nasceu com a produção e com a sociedade. A desigualdade das terras, o aperfeiçoamento mais ou menos rápido dos meios de produção e a luta pela vida criaram rapidamente desigualdade sociais que se cristalizaram em antagonismos entre a produção e a distribuição; conseqüentemente, em lutas de classes. Essas lutas e esses antagonismos são a força motriz da história ¹³⁵.

Camus entende que a profecia marxista é revolucionária, na medida em que completa o movimento de negação que começou com iluminismo. A transcendência da razão deixa de ser reguladora como queria Hegel, e passa a ser conquistadora como quer Marx. E a revolução se dá totalmente na história e no reino do homem.

Na visão de Camus as ideias marxistas são pueris, pois Marx idealiza que o proletariado irá tomar o poder, formando uma massa comum, sendo que a história e o

¹³⁴ CAMUS, Albert. *O Averso e o Direito*, p.18.

¹³⁵ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 234.

capital alicerçarão a estrutura para essas mudanças, pois têm as qualidades para preparar um modo de produção superior. Camus observa que há um antagonismo natural entre capital e proletariado, pois o proletariado está relegado à condição mais desumana. O filósofo argelino tenta compreender como será possível surgir dignidade da suprema humilhação. Por mais que os burgueses tenham conseguido algo parecido, os objetivos e as propostas eram outras, inclusive, o contexto econômico era muito diferenciado, haja vista que os burgueses já eram donos do capital, reivindicavam apenas o poder. Logo, as ideias marxistas se confirmam para Camus como profecia, especialmente porque Marx não deixa claro como nem quando o proletariado irá tomar o poder. Camus atenta para o fato de que todo socialismo é utópico, sobretudo o científico. Entretanto, admite que é de Marx o reconhecimento da ideia de que o trabalho é uma degradação; e, apesar de ocupar todo o tempo da vida, não é vida.

Essas ideias que culminaram no movimento revolucionário que entendeu que em 1917 era o momento exato para a deflagração da revolução definitiva. Finalmente era a hora de o proletariado tomar o poder. Contudo, fracassaram e a Alemanha foi relegada à servidão. Apesar das profecias de Marx, o capitalismo se estabeleceu com total vigor. As crises econômicas profetizadas por ele não aconteceram e a miséria que é o inferno desse novo modelo estabelecido continua. A história mostrou que o socialismo não conseguiu consagrar suas propostas. Camus observa que a burguesia foi bem sucedida em suas propostas, porque na realidade, em 1789, ela já detinha o poder porque dominava a situação econômica, coisa que o proletariado nunca teve, pois sempre esteve relegado à miséria. E, para Camus, a situação se agravou, pois com o socialismo autoritário, a liberdade e a espontaneidade dos operários foram comprometidas, pois havia sempre a promessa da liberdade ideal – aquela que está sempre por vir.

Não há uma defesa do capitalismo por parte de Camus, porquanto tem noção que se trata de um regime opressor, um meio de acumulação. E que isso acontece em função da exploração, às vezes, da escravidão. Mas entende que esse processo aconteceu em função de terem reduzido o homem à história. A síntese de todas as propostas de Marx foi uma contínua promessa que pode se realizar em longo prazo, sem data definida. *Um dia haverá a sociedade perfeita*. Isto para Camus é místico. Ora, se for considerado que a dialética é infinita, ela não poderá se encerrar na sociedade sem classes, pois esta

etapa seria o início de um novo processo. Assim, se for recusado o começo, não se pode prever o fim.

Neste sentido, é justo observar que a dialética não é nem pode ser revolucionária. Do nosso ponto de vista, ela é somente niilista, puro movimento que visa negar tudo que não for ele mesmo. Portanto não existe no universo nenhuma razão para que se imagine o fim da história. Ela é, no entanto, a única justificação dos sacrifícios exigidos à humanidade em nome do marxismo¹³⁶.

Para Camus, Marx é um bom estrategista, mas um filósofo medíocre, que ainda influenciou Lenin, que por sua vez tentou banir a moral da revolução. E se assumiu como um condutor da história. E, por ter nacionalidade russa, sua missão foi fazer a revolução russa. Seu pensamento obrigou as massas a negar sua espontaneidade, haja vista defender, acima de todas as coisas, a doutrina socialista como base científica de sustentáculo principal dos intelectuais. Afinal esta classe teria condições de dar o caráter científico inerente à revolução.

Camus chama a atenção para fato de Lênin defender que a teoria é superior à espontaneidade, porquanto possuidora de método. Para ele a revolução deve ser militar, isto é, deve ser composta por soldados políticos. Um exército profissional, uma massa que, segundo a necessidade, poderá ser recrutada.

Nessa perspectiva, o fim da liberdade coincide com a fase superior do comunismo. Mas o fim efetivo do Estado é algo remoto, pois ele vai existir enquanto houver injustiças. Há uma perpétua promessa de liberdade, mas o que prevalece é a ideia contraditória que sustenta o caminho da unidade passando obrigatoriamente pela totalidade. Querem uma totalidade numa terra sem Deus, para isso acabam renunciando a todo valor. A liberdade é palavra de ordem. Contudo, lembra Camus, esta liberdade permanece sempre no discurso, numa promessa futura, num sonho distante. Ela é domínio da história e só se concretizará quando houver a cidade universal unificada, e a história estiver de vez estagnada. Para Camus, essa espera beira a insanidade, pois o homem abre mão da liberdade de agora para viver, de novo, a promessa futura. Um dia será alcançada a liberdade coletiva, a qual, para Camus, será a liberdade de um rebanho de escravos. E observa que a revolta histórica, que tinha como propósito inicial livrar o homem do julgo divino, transforma-se em subjugação ao devir. Isto confunde, pois “a

¹³⁶ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 259.

época que ousa dizer-se a mais revoltada só oferece uma escolha: conformismos”¹³⁷. Assim, conclui que o que resta para esse momento de grandes revoltas é apenas servidão. O indivíduo se liberta de Deus e submete à história.

Camus afirmava que revolução precisa renunciar seus falsos princípios e retornar às origens da revolta, mas é ciente que toda revolta se torna revolução. A mesma revolução que deificou a história tirou a força e a importância do homem, que, subjugado a promessas, deixa de viver o pouco tempo que lhe é dado nesta terra. Ademais, a história condena o indivíduo a uma paz armada¹³⁸; uma política que ainda é guerra. Isto só acontece porque o homem aceita ser maleável e negar sua própria natureza humana. O pior, na opinião de Camus, é que esse homem aceita morrer, estando vivo, pois deixa que o reduzam à condição de coisa. E ele alerta,

Pode-se reduzir um homem vivo, reduzindo-o a condição histórica de coisa, mas se morre recusando, reafirma uma natureza humana que rejeita a ordem das coisas. É por isso que o acusado só é produzido e morto diante do mundo se consentir em dizer que sua morte será justa e de acordo com o império das coisas. É preciso morrer desonrado ou não existir mais, nem na vida, nem na morte. Neste último caso, não se morre, desaparece-se¹³⁹.

Ao tempo de Stalin — dando continuidade ao projeto de Lênin — foi exatamente o que ocorreu; ou seja, todos deveriam estar submetidos ao império, abrindo mão de qualquer possibilidade de vida. Todos submetidos à *Administração Central de Segurança de Estado*. A este, além das funções policiais e de segurança tradicionalmente atribuídas ao Ministério do Interior (o controle de tráfego, corpo de bombeiros e a guarda das fronteiras), cabia ao NKVD controlar a economia e o serviço secreto, prestando contas ao Conselho de Comissários do Povo (órgão principal do governo soviético) e ao Comitê Central do Partido Comunista de Toda a União

¹³⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 270.

¹³⁸ Camus não desenvolve o tema, mas Foucault discute a condição do homem moderno que, para ele, é um ser moldado pela *biopolítica*, isto é, que tem sua vida implantada e determinada pelos cálculos do poder. Desta maneira, há uma verdadeira politização da vida humana. Assim, a condição de vivente fica despida de seu caráter propriamente jurídico, para dar espaço a um trato essencialmente formal e burocrático por parte do poder estatal. Isto, de certa forma, transparece na questão da exclusão social e na discriminação entre os cidadãos. E também nos remete à condição do “homo sacer” — conceito desenvolvido por Giorgio Agamben — explica que o homem nesta condição sofre uma dupla exclusão, ou seja, dos seus direitos humano e divino. Desta feita, esse homem fica absolutamente exposto aos abusos, pois qualquer um pode cometer excessos em relação a ele — não é classificável nem como sacrifício e nem como homicídio, nem como execução de uma condenação e nem como sacrilégio.

¹³⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 274.

(bolchevique). Devemos lembrar que só na Ucrânia¹⁴⁰, o governo soviético executou mais de trinta e três milhões de pessoas pela fome, isso sem contar todos os demais fatos de torturas e execuções realizadas ao longo dos anos em que o Regime se manteve.

Camus observa que a tortura tem o poder de obter consentimentos. “Isso é a tragédia do niilismo”.¹⁴¹. Este é sem dúvida, o prenúncio do fim da viagem do movimento de revolta; ou seja, depois de toda a fuga do ‘inferno da existência’, há um homem sempre culpado, que se depara novamente com um castigo ‘sempre merecido’. Assim a história encerra qualquer movimento de revolta, e assim, irrompe no fracasso.

Se a revolta niilista precisava matar Deus na figura do rei, a revolta histórica mata Deus em toda a sua extensão para que o niilismo, em sua forma mais negativa, reine absoluto. E qualquer caminho que ele tenha seguido terminou em servidão e terror, desembocando nos campos de concentração¹⁴².

Sob o comando do niilismo, a revolução voltou-se efetivamente contra as suas origens revoltadas. O homem que odiava a morte e o deus da morte, que não tinha mais esperança na sobrevivência pessoal, quis libertar-se na imortalidade da espécie. Mas, enquanto o grupo não dominar o mundo, enquanto a espécie não reinar, ainda é preciso morrer¹⁴³.

Para Camus, ou se renasce ou morre definitivamente, porquanto sob esse aspecto a revolta chega ao ápice da contradição. Todavia, observa que ainda há uma clareza,

¹⁴⁰ *Holodomor* (em ucraniano: *Голодомор*) é o nome atribuído à fome de caráter genocidário, que devastou principalmente o território da República Socialista Soviética da Ucrânia (integrada na URSS), durante os anos de 1932 - 1933. Este acontecimento — também conhecido por *Grande Fome da Ucrânia* — representou um dos mais trágicos capítulos da História da Ucrânia, devido ao enorme custo em vidas humanas. Apesar de esta fome ter igualmente afetado outras regiões da URSS, o termo *Holodomor* é aplicado especificamente aos fatos ocorridos nos territórios com população de etnia ucraniana: a Ucrânia e a região de Kuban, no Cáucaso do Norte. Como tal, é por vezes designado de "Genocídio Ucraniano" ou "Holocausto Ucraniano", significando que essa tragédia seria resultante de uma ação deliberada de extermínio, desencadeada pelo regime soviético, visando especificamente o povo ucraniano, enquanto entidade socio-étnica.

¹⁴¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 276.

¹⁴² Camus, de certo modo, antevê o que hoje Giorgio Agamben realiza em suas análises acerca do campo. “O campo é o espaço que se abre quando o estado de exceção começa a tornar-se regra; [...] é um pedaço de território que é colocado fora do ordenamento jurídico normal, mas não é, por causa disso, simplesmente um espaço externo; [...] a estrutura em que o estado de exceção, em cuja possível decisão se baseia o poder soberano, é realizado normalmente; [...] é o próprio paradigma do espaço político no ponto em que a política torna-se *biopolítica* e o *homo sacer* se confunde virtualmente com o cidadão; [...] é o novo regulador oculto da inscrição da vida no ordenamento – ou, antes, o sinal da impossibilidade do sistema de funcionar sem transforma-se em uma máquina letal”. (AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, pp.. 175-182).

¹⁴³ CAMUS, A. *O Homem Revoltado*, p. 283.

pois é evidente que na revolução, o revolucionário será sempre opressor, enquanto que na revolta isso não acontece. Diante do extremo que chegou a evolução da revolta, a qual culminou na revolução, onde os valores se perderam e foram substituídos por normas a serem seguidas, o filósofo argelino decide que o caminho para o homem revoltado será sempre pela arte. Afinal, “a horrenda sociedade de tiranos e escravos em que vegetamos só encontrará sua morte e sua *transfiguração* no nível da criação” ¹⁴⁴.

Na arte, a revolta não é conspurcada. A arte pode cometer enganos, mas estes jamais culminarão em morte. É neste ponto que a criação artística se torna importante, pois aparece como uma “saída” possível. Todavia, falar de arte é uma questão complexa que merece ser tratada em separado. Mais adiante, no quarto capítulo, o tema será abordado de modo mais adequado.

¹⁴⁴ CAMUS, A. *O Homem Revoltado*, p. 314.

CAPÍTULO III

O TERROR COMO SÍNTESE DA REVOLTA NIILISTA

3.1. Totalitarismo: Uma configuração do Terror?

Para Camus, é irrelevante o tipo de regime político totalitário, isto é, não é importa ser um governo predominantemente de direita ou de esquerda. Isso porque esse é um fenômeno político cuja principal característica se dá na concentração de poder e nas práticas de terror. Regimes ou Estados totalitários desconsideram as ações burocráticas ou democráticas, impedindo e cerceando a liberdade e o direito inerente aos indivíduos nas suas singularidades. Quando não há liberdade e possibilidade de expressão, normalmente o poder tende a se concentrar nas mãos de um único líder ou grupo. Estes detentores do poder tomam decisões políticas de acordo com seu entendimento, o que é, para Camus, uma forma de domínio absoluto e minimização da condição humana de seus súditos ou cidadãos. Ora, isto é extremamente contraditório no que concerne à revolta e, especialmente, contraditório com que se apregoa como base das tantas revoluções modernas, a saber: o princípio de igualdade e liberdade.

É, portanto, discrepante um regime em que o povo fica às margens do poder. Em regimes assim é natural haver aumento do poder executivo e, conseqüentemente, o abuso da força militar como forma de inibir ações populares. É interessante observar o que Hannah Arendt alude acerca desse fato – quando a situação dos judeus tornou-se mais delicada na Alemanha nazista. Arendt afirma:

O Estado-nação, incapaz de prover uma lei para aqueles que haviam perdido a proteção de um governo nacional, transferiu o problema para a polícia. Foi essa a primeira vez em que a polícia da Europa ocidental recebeu autoridade para agir por conta própria, para governar diretamente as pessoas; nessa esfera da vida pública, já não era um instrumento para executar e fazer

cumprir a lei, mas se havia tornando autoridade governante independente de governos e ministérios ¹⁴⁵.

Arendt ainda explica que, nessa época, muitas ordens oriundas da polícia tinham uma severidade maior do que aquelas que partiam exclusivamente dos ministérios.

O poder executivo em países presidencialistas, não totalitários, é composto pelo presidente, que é seu representante maior, o vice-presidente e os ministros de Estado. Esta cúpula de poder tem sob sua égide a responsabilidade de implementar e executar as leis. São os responsáveis pela ação da polícia, pelo cuidado das prisões e pelo relacionamento com outras nações, além de manter as forças armadas. Em regimes totalitários, esse poder usurpa os demais, impedindo-os de atuar conforme o prescrito. Assim, o Legislativo, que deveria ter a função de legislar, criar as leis que regulam o Estado e elaborar normas de direito de abrangência geral, além de fiscalizar o executivo, perde sua função diante do ditador ou grupo de ditadores (Governos Militares como os do Brasil, Chile e Argentina). Afinal, em uma situação totalitária, o ditador toma também essa função de legislar e fiscalizar, podendo cometer atos ignóbeis, se julgar necessário. Exemplos destas situações podem ser encontrados nos regimes comunistas, nazistas e fascistas, mas também períodos anteriores e posteriores a estes, como na nossa ditadura militar. Em episódios assim, o Executivo torna-se predominante e sobrepuja as outras divisões dos três poderes, no caso o Legislativo e o Judiciário. Coibindo a ação do indivíduo, que é muitas vezes vitimado e tende a ceder ao medo ou a indiferença, por uma questão de sobrevivência, ou de disciplina.

O regime totalitário se fortaleceu no século XX, especialmente na Europa, em função das seguidas guerras ¹⁴⁶ provocadas pelas insistentes revoluções. Nesse modelo de governo é natural coibir a liberdade tanto individual quanto coletiva, o que acarreta

¹⁴⁵ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.321.

¹⁴⁶ Na Europa, o primeiro caso de Totalitarismo aconteceu com a Revolução Russa, em 1919. Era um regime socialista e o primeiro ato foi o de abolir a propriedade privada, outra medida séria foi a proibição da religião e a coletivização dos meios de produção. Já o Totalitarismo de Direita se destacou, na Itália com as ações de Benito Mussolini, seu regime ideológico e autoritário ficou conhecido como *Fascismo*. Esse modelo foi adaptado na Alemanha, na década de trinta, por Adolf Hitler, tornando-se o *Nazismo*. Nazismo e Fascismo tinham suas similaridades, entretanto na Alemanha, Adolf Hitler adotou algumas medidas específicas e, sem dúvida, suas ações eram mais agressivas. O Totalitarismo de Esquerda se estabeleceu e se fortaleceu com Stálin na antiga União Soviética. O *Stalinismo*, nome pelo qual ficou conhecido, mantinha uma ideologia socialista, mas preservando o autoritarismo. No Brasil, houve o movimento totalitário, mas não com a mesma intensidade que nos países europeus.

consequências que vão desde a impossibilidade de escolhas até a tortura e morte de seus inimigos. Isso para Camus é inconcebível. Afinal, só o fato de cercear o homem já é um modo de lhe tirar a vida; e a vida, junto com a liberdade e a felicidade, é o que há de mais caro para esse pensador.

Camus, por ter vivido períodos de intensas mudanças políticas, sentiu mais intensamente os resquícios de algumas guerras do século XX. Pôde acompanhar com mais intensidade a Segunda Guerra Mundial, pois, além de participar ativamente como um resistente político, acompanha desde o início as ações hitleristas. Para ele foi importante a percepção clara de como a revolta, um movimento que em sua essência busca a preservação da vida e um modo ético de viver, terminou em ações insanas, genocidas.

O filósofo argelino observa as intenções de Hitler, já desde 1923, como pode ser visto no *Mein Kampf*¹⁴⁷.

Todo cruzamento entre dois seres de situação um pouco desigual na escala biológica dá, como produto, um intermediário entre os dois pontos ocupados pelos pais. Significa isto que o filho chegará provavelmente a uma situação mais alta do que a de um de seus pais, o inferior, mas não atingirá, entretanto, à altura do superior em raça. Mais tarde será, por conseguinte, derrotado na luta com os superiores. Semelhante união está, porém em franco desacordo com a vontade da natureza [...] que visa o aperfeiçoamento da vida na procriação [...] O papel do mais forte é dominar. Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria. Somente um débil de nascença poderá ver nisso uma crueldade, o que se explica pela sua compleição fraca e limitada. [...] Essa tendência a purificação racial, têm por consequência não só levantar uma barreira poderosa entre cada raça e o mundo exterior, como também uniformizar as disposições naturais¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Em 1932, Hitler disputa as eleições e perde. Entretanto assume o poder, após ser nomeado pelo presidente Hindenburg para ocupar a cadeira de chanceler Segundo consta, em virtude de um golpe de Estado. De acordo com a história, houve ameaças e chantagens por parte de Hitler, porém, o ato em si não desrespeitou a legalidade. Sendo assim, a posse de Hitler não feriu a constituição do país. Na condição de chefe de Estado, Hitler pôde tomar medidas legais e, desta maneira, inicia-se as práticas repressivas. Uma delas foi a dissolução dos partidos, permanecendo apenas o partido nazista. Hitler aboliu os governos estaduais interferiu severamente nas polícias e universidades, de modo que estas instituições ficaram aliciadas pelo governo. Esse foi um período de grande terror para esse tipo de trabalhador, pois foi um período de muita inconstância, considerando que Hitler ainda não detinha o poder absoluto e o povo ainda não tinha acesso aos seus objetivos. Desse modo, eles precisavam mostrar que eram fieis ao governo, além disso, provar que não eram judeus. Nesse período Hitler começou a dar mostras de seu interesse na purificação da progênie e no aprimoramento da raça ariana. Ele já havia deixado esse seu pensamento registrado no seu livro *Minha Luta - Mein Kampf*. (Em 1923, Hitler foi condenado a cinco anos de prisão, por ter engendrado um golpe de estado. Entretanto, cumpriu apenas oito meses da pena, nesse período começou a escrever sua obra).

¹⁴⁸ HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Adolf Hitler. A Minha LutaBy.Coldfire.www.downgratis.com.rar,p122.

Para Camus, o poder de Hitler foi forjado pelo niilismo e pelas incessantes revoluções. Antes de Hitler, houve pensadores que defendiam ideias parecidas com as dele, entretanto não tiveram poder de ação, pois as pessoas e os regimes políticos ainda não tinham se corrompido de modo tão severo como na época em que o ditador assumiu o poder. Tommaso Campanella, por exemplo, em *A Cidade do Sol*, defende ideias parecidas. Esse calabrês, que viveu entre o século XVI e início do século XVII, presenciou o fim da era medieval e o início dos tempos modernos. Para ele a cidade perfeita seria uma imitação da República de Platão. Segundo Alceu Amoroso Lima ¹⁴⁹, “*Cidade do Sol* chegou até nossos dias e está nas raízes dos diferentes totalitarismos modernos, tanto de direita, quanto de esquerda” ¹⁵⁰. Tal qual Hitler, defende ideias totalitárias e, especialmente, a não miscigenação de grupos étnicos, entendidos por ele, como mais apurados com aqueles mais corrompidos. Campanella afirma:

Se, portanto, o todo cuida da totalidade na República Solar, sem confiá-la aos particulares, isso dá bons resultados. O marido que se une a mulher por lascívia, quando lhe apraz, produz uma prole imbecil e degenerada. Preocupamo-nos em possuir uma ótima geração dos nossos cavalos, não para a nossa espécie. O próprio Aristóteles considera contra a natureza o cruzamento que se verifica quando alguém, de ânimo servil, procura ligar-se a mulheres generosas, e de fato a estas se une como bem lhes parece ¹⁵¹.

Ora, as ideias de Campanella, provavelmente por não ter havido ainda uma corrupção do pensamento da revolta, sequer foram consideradas no seu meio, tanto que este pensador não ganhou projeção e sequer o respeito de seus contemporâneos. Entretanto, Hitler, com a morte do presidente Hindenburg, assume o poder e instala o regime nazista, e isso com a aceitação quase maciça da população, mesmo não tendo sido eleito por essa massa. Para se proteger judicialmente, cuidou da legalidade de seu ato, buscando a aprovação do povo em um plebiscito. Um povo forjado e condicionado pelo niilismo aprova facilmente ideias que ‘garantam’ a sua segurança, mesmo que não considere a dignidade e a segurança do outro.

¹⁴⁹ CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do sol*. Tradução Aristide Lobo. Coleção Universidade, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [S/D] p. 17. Tal citação consta na introdução da obra, sendo bastante elucidativa. Alceu Amoroso Lima, que elaborou estudo sobre Campanella, afirma que, nesse livro, está uma das fontes originais do Estado Totalitário de nossos dias.

¹⁵⁰ CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do sol*, p. 19.

¹⁵¹ Ibid. p. 154.

O povo alemão não ofereceu resistência ao ditador, pois para uma sociedade que viveu por muito tempo uma vida niilista, a única coisa que importa de fato é o seu bem estar. A exclusão do outro tido como inimigo¹⁵² é algo naturalmente aceito, desde que seja preservado o poder de uma raça. Com a ascensão legítima ao poder, usa-se o jurídico como apoio, haja vista a Constituição de Weimar prever uma liberdade maior de ação do Governante em momentos de exceção. Tal constituição contou com o apoio de Carl Schmitt, que foi um importante jurista e filósofo político, além de professor universitário. Schmitt afirmava que um governante que mantinha consigo a força poderia representar a vontade popular muito melhor que um corpo legislativo, porquanto teria mais objetividade e não se perderia em discussões inúteis para a sociedade.

Desta feita, amparado por intelectuais como Schmitt, o Terceiro Reich, liderado por Hitler, é tomado por atitudes mais agressivas. O Führer protegido pelo “Artigo 48”¹⁵³ restabelece o que seria a segurança e a ordem pública. Começa então o que se pode chamar de terror contra os judeus e outros grupos. Para restaurar a ordem alemã, segundo os critérios hitleristas, seria necessário ‘excluir-eliminar’ o inimigo. Assim, amparado pelas leis de Nuremberg¹⁵⁴, Hitler sitia os judeus, impedindo que eles

¹⁵² Aqui vale apontar para *O conceito de Político*, escrito em 1932 por Carl Schmitt, o grande teórico jurídico do nazismo, hoje muito usado nas mais contemporâneas leituras sobre a política. Neste, o pensador alemão nomeia e conceitua categorias políticas tais como: amigo-inimigo, guerra, Estado e soberania. A leitura schmittiana aponta para o fato de que a determinação do conceito de político decorre da identificação das categorias especificamente políticas, dado que o agente tem seus próprios critérios os quais se tornam eficazes ou não diante de domínios diversos e independentes. “A diferenciação entre amigo e inimigo tem o sentido de designar o grau de intensidade extrema de uma ligação ou separação, de uma associação ou dissociação; ela pode, teórica ou praticamente, subsistir, sem a necessidade do emprego simultâneo das distinções morais, estéticas, econômicas ou outras. O inimigo político não precisa ser moralmente mau, não precisa ser esteticamente feio; não tem que surgir como concorrente econômico, podendo talvez até mostrar-se proveitoso fazer negócio com ele. Pois ele é justamente o outro, o estrangeiro, bastando à sua essência que, num sentido particularmente intensivo, ele seja existencialmente algo outro e estrangeiro, de modo que, no caso extremo, há possibilidade de conflitos com ele, os quais não podem ser decididos mediante uma normatização geral previamente estipulada, nem pelo veredicto de um terceiro “desinteressado”, e, portanto, “imparcial”. (Cf. SCHMITT, Carl. *O conceito de Político*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 52.)

¹⁵³ Constituição de Weimar, artigo 48, §2º: Caso a segurança e a ordem públicas estejam seriamente ameaçadas ou perturbadas, o Presidente do Reich (Reichspräsident) pode tomar as medidas necessárias a seu restabelecimento, com auxílio, se necessário, de força armada. Para esse fim, pode ele suspender, parcial ou inteiramente, os direitos fundamentais (Grundrechte) fixados nos artigos 114, 115, 117, 118, 123, 124 e 154”.

¹⁵⁴ O conjunto de leis assinado na cidade de Nuremberg, em 15 de setembro de 1935, por Adolf Hitler. Esse documento tinha por objetivo a proteção do sangue e da honra alemã. São leis que previam, entre outras coisas, que o povo judeu era constituído por cidadãos de segunda classe, mesmo os descendentes. Deste modo ficava proibido o matrimônio entre as raças e, já que não eram considerados alemães, não poderiam trabalhar legalmente no país e nem se relacionar com os seus cidadãos.

exercçam ou assumam qualquer condição de cidadão. O Führer tinha como intenção maior a aniquilação daquela raça. Conforme atestou ao Major Josef Hell em 1922, Hitler afirma: “A aniquilação dos judeus será minha primeira e principal tarefa” ¹⁵⁵. E para garantir isso, esclarece em lei, no artigo segundo, alínea I, que: “Um cidadão do Reich é aquele sujeito que é alemão ou que é de sangue alemão e que possa provar, por sua conduta, que deseja servir fielmente o povo alemão e ao Reich.” ¹⁵⁶. E cabia ao poder executivo fazer valer todas as leis antissemitas.

As leis antissemitas promulgadas durante o Terceiro Reich fizeram com que os judeus fossem penalizados pelo simples fato de serem judeus, ou descendentes desta etnia. Apesar de absurdas, estas leis obedeciam a mais legítima legalidade. Não havia alusões a juízos de valor, porquanto não se tinha como propósito a condição humana, mas sim a preocupação com a legalidade e a validação de normas estabelecidas. Ao conseguir delinear isso, Hitler consolida seu poder. Com seu carisma e popularidade influencia o povo alemão, instalando de modo sutil e pujante o ódio contra os judeus. Desta forma, a junção entre autoritarismo e ideologia têm como resultado final, mais uma vez, a instauração do Totalitarismo; porquanto, se trata apenas de uma recidiva histórica. Ora, o poder, depois de instalado, comete seus abusos com legalidade. E Camus observa que todo esse processo foi longo e idealista. A ação hitlerista é apenas uma síntese de ideias propostas por Nietzsche, Rousseau, Hegel, Marx e outros grandes pensadores. Absorvidas e desvirtuadas, as ideias antes fundadas na liberdade acabaram proclamando a corrupção completa da revolta e total minimização do homem.

Camus, ao acompanhar essa movimentação política na Europa, afirma categoricamente não ser possível ignorar os crimes contra a humanidade, ainda mais quando são justificados por pretextos revolucionários. Afirma que, “há crime de paixão e crime de lógica” ¹⁵⁷, e é rigoroso ao definir essas duas modalidades de crime.

Há crimes de paixão e crimes de lógica. O código penal distingue um do outro, bastante comodamente, pela premeditação. Estamos na época da premeditação e do crime perfeito. Nossos criminosos não são

¹⁵⁵ Entrevista de Hitler a Joseph Hell, em 1922 <http://www.einsatzgruppenarchives.com/annihilation.html>. Em 1922, Joseph Hell perguntou a Hitler, "O que você gostaria de fazer com os judeus assim que tiver plenos poderes discricionários?" Hitler, que até então havia falado calmamente e com palavras medidas, sofreu uma transformação total: "Seus olhos não mais me viam, mas em vez disso passaram por mim e transportaram-se para o espaço vazio; sua explicação ficou cada vez mais fluente, até que ele caiu num tipo de espasmo que terminou com ele gritando, como se fosse para uma reunião pública inteira".

¹⁵⁶ Leis de Nuremberg: Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães de 15 de setembro de 1935

¹⁵⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 14.

mais aquelas crianças desarmadas que invocavam a desculpa do amor. São, ao contrário, adultos, e seu álibi é irrefutável, a filosofia pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes¹⁵⁸.

Camus aponta para a diferenciação entre os dois tipos de crimes, observando o caráter legal que os distingue: o uso do código penal. Há, segundo Camus, uma diferença básica, e esta passa pela premeditação; isto é, um crime cometido no calor de uma discussão não tem, para Camus, o mesmo grau de culpa que um crime planejado. Observa que o movimento de revolta metafísico-histórica, amparado pelo niilismo, foi o grande responsável por minimizar a vida humana, pois favoreceu as inúmeras revoluções, e estas corromperam a essência da revolta. Camus afirma:

Obedecendo ao niilismo, a revolução voltou-se efetivamente contra suas origens revoltadas. O homem que odiava a morte e o deus da morte, que não tinha mais esperança na sobrevivência pessoal, quis libertar-se na imortalidade da espécie. Mas, enquanto o grupo não dominar o mundo, enquanto a espécie não reinar, ainda é preciso morrer¹⁵⁹.

A movimentação revolucionária corrompeu a revolta e fez com que esta tomasse outras formas, voltando-se contra ela mesma. Esse processo que não tinha como propósito desqualificar a vida, acabou desembocando nesta situação, pois as ideias e os ideais, ao longo desse processo, tornaram-se deidades, minimizaram a condição humana. Assim, naquelas condições, Camus observa que tirar a vida de outrem é um ato destituído de valor, insignificante; porquanto é possível, inclusive, usar álibis irrefutáveis. Ressalta ainda que “a filosofia [como razão extremada que baliza tais atos], serve para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes”¹⁶⁰. Camus considera que as ideologias se supervaloraram e retiraram do homem, em sua plena condição, seu valor, a vida. O próprio Hitler embasa suas ações na interpretação incorreta e tendenciosa do pensamento de grandes filósofos, tais como Nietzsche. Além de ganhar o apoio filosófico de juristas contemporâneos, como Carl Schmitt.

O filósofo argelino defende que quando se mata por paixão, o crime esgota em si mesmo. Isto é, não há uma explicação lógica para o fato, e se resume em força, amor e

¹⁵⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 13.

¹⁵⁹ Ibid., p. 13. *Grifos nossos*.

¹⁶⁰ Ibid., p. 14.

caráter. Neste caso, a ação é liberada muito mais pela emoção. O ardil não perpassa a razão. O que move um crime de paixão é o amor, a crença, valores muito pessoais. O crime de paixão também elimina o outro e o assassino também tem de sentir o peso de sua culpa, porém há uma distinção muito clara entre a paixão e a racionalização do crime.

Ora, não há tanto amor assim sobre a face da terra. Desta feita, é impossível justificar tantos assassinatos e mortes absurdas. Camus é taxativo, o que falta, em situações como estas, é caráter. Aquele que mata se refugia na doutrina e nas leis que ele próprio cria. Com essa medida, o crime passa pelo processo da racionalização e se espalha como algo contagioso; uma razão bradada aos quatro ventos como algo presente em toda ação civilizada. Quem racionaliza uma ação insana como essa, qualificando-a como certa e respaldando o ato em leis e em registros filosóficos, chega ao topo da absurdidade da existência. Este tipo de crime deixa de ser solitário e toma proporções imensas, tornando-se tão universal quanto a própria ciência.

A justificativa histórica forja a legalidade, corroborando o processo para se justificar o assassinato. Se antes os crimes cometidos eram julgados; naquele momento, a falta de valor da vida humana, normatiza o crime, fortalecido e embasado pela lei. Poder-se-ia dizer que Camus empreende uma crítica severa ao kantismo e sua apropriação, talvez indevida e deturpada, do *imperativo categórico*.

Diante disso, Camus faz um alerta acerca de sua obra e explica que “o propósito do ensaio é, uma vez mais, aceitar a realidade do momento, que é o crime lógico”. E ainda alvitra que, “aceitar o crime e examinar suas justificativas, trata-se de uma tentativa de compreender o meu tempo”¹⁶¹. Por isso busca a compreensão de como se desencadeou o processo do niilismo metafísico e histórico. Seu propósito é denunciar a mutação que ocorreu na essência da revolta, além de buscar as razões que desencadearam ideias e ações que suscitaram um aumento da minimização da condição humana nos tempos de hoje. Sua proposta maior foi perpetrar a força e o desejo de resistência do homem revoltado, nas mais diversas possibilidades de resistência. Daí a razão pela qual, é a arte o meio mais racional para driblar a irracionalidade do momento atual.

¹⁶¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 14.

Em *A Peste*, Camus faz uma alusão a esse momento como se fosse um período de grande epidemia:

Como todas as doenças deste mundo. Mas o que verdade em relação aos males deste mundo é também verdade em relação à peste. Pode servir para engrandecer alguns. No entanto, quando se vê a miséria e a dor que ela traz é preciso ser louco, cego ou covarde para se resignar a peste¹⁶².

Por mais que o momento estivesse fora da normalidade, àqueles que estão em volta não podem somente observar e se curvar à situação imposta. Camus considera que os últimos cinquenta anos foram de um massacre absoluto, e adverte que “setenta milhões de seres humanos foram mortos, desterrados ou escravizados. Este tempo deve ser julgado, mas é preciso entender a culpa”¹⁶³. É fundamental compreender por que a vida humana perdeu completamente seu valor.

Depois de sua análise à cerca da revolta e da influência do niilismo, ao contrário do que se pode imaginar, Camus conclui que a violência não esteve de forma contínua presente na história. Sempre houve guerras, disputas e, conseqüentemente, mortes. Porém, “em tempos ingênuos em que os tiranos arrasavam cidades e escravizavam os perdedores ou os jogavam às feras, a consciência conseguia ser firme e o julgamento claro”¹⁶⁴. Nestes tempos, a brutalidade da situação, conforme se apresentava, não tinha a pretensão de diferir daquilo que era; menos ainda de justificar e legalizar as atrocidades cometidas. Isto é, matava-se pela posse, pelo poder, pelo desejo de comando. Não havia hipocrisia, executava-se a ação necessária. De acordo com o sucesso, haveria a comemoração sem demagogias ou floreios. Ora, o objetivo era alcançado por meio de mortes, sem necessidade de justificativas. O objeto de interesse era disputado, se fosse imperativo, chegariam ao extremo da guerra. Nesse período, era inevitável matar, destronar ou escravizar os perdedores. As penas eram estabelecidas e aplicadas. Contudo, o que é fundamental, a ignobilidade do ato não era justificada.

Na contemporaneidade, Camus entende que os crimes, por conta do processo histórico das revoluções, tomaram *ares de inocência*, banalizados nos discursos e ações.

¹⁶² CAMUS, Albert. *A Peste*. Tradução de Valerie Rumjanek – 9ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1996. p. 113.

¹⁶³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 14.

¹⁶⁴ Idem.

Matar ou torturar é uma prática corriqueira, basta que se considere necessário. Há sempre uma explicação pujante. Sendo que o mais grave, é que encontram motivos sublimes para justificar as vidas ceifadas. Dizimar um grupo de pessoas para purificar outra raça ou para fortalecer o Estado é tido como plausível nesse tempo. Os criminosos da atualidade não se veem como os bárbaros de outros tempos. Aqueles que assumiam os extermínios, pelas suas razões primeiras; isto é, paixão, vaidade, interesse e posse. Desta maneira, criam leis e as justificam filosoficamente, convencendo os demais de que todas as ações praticadas são necessárias para o bem estar da maioria. Ou seja, matam alguns, mas com o objetivo de preservar outros. Ora, Camus abomina essa ideia e, no que tange as últimas grandes revoluções, afirma:

A contradição última da maior revolução que a história conheceu não reside inteiramente no fato de aspirar à justiça através de um séquito ininterrupto de injustiças e de violências. Servidão ou mistificação é desgraça comum a todos os tempos. Sua tragédia é a tragédia do niilismo; ela confunde-se com o drama da inteligência contemporânea que, aspirando ao universal, acumula as mutilações do homem ¹⁶⁵.

Ora, o que determina a grandeza de uma nação em detrimento de outra? Como explicar, por exemplo, que milhares e milhares de pessoas serão mortas para que haja a purificação de outra raça? Mesmo que, equivocadamente, como explica Adolf Hitler, haja sinais na natureza que não permitam a miscigenação, ainda assim é algo que só se justifica quando a vida humana não vale mais nada, e isso é consequência do niilismo. O niilismo justifica, por exemplo, a soberania da raça ariana, que na opinião de Hitler, é superior e perfeita, e não deveria sofrer com os abaloamentos da raça semita, pois em sua opinião, “O judeu é o que apresenta o maior contraste com o ariano” ¹⁶⁶. E Camus analisa a situação:

Quem, física ou espiritualmente, não é sadio ou digno, não deve perpetuar os seus defeitos através de seus filhos! Nisso consiste a maior tarefa educativa do Estado nacionalista. Isto será visto, de futuro, como uma obra mais elevada do que as do atual século burguês. Educando o indivíduo, o Estado deve ensinar que não é uma vergonha, mas uma lamentável infelicidade, ser fraco ou doente, mas é um crime e também uma vergonha que se arrastem, nessa infelicidade, por mero egoísmo, inocentes criaturas ¹⁶⁷.

¹⁶⁵ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 276.

¹⁶⁶ HITLER, Adolf, *Mein Kampf*, p. 129.

¹⁶⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 168.

No momento que o crime se despoja com os despojos da inocência, a própria inocência é intimidada a justificar-se. [...] Esse ensaio pretende aceitar e examinar esse estranho desafio. [...] trata-se de saber se a inocência, a partir do momento em que age, não pode deixar de matar ¹⁶⁸.

O pensador argelino é categórico, “só podemos agir no nosso tempo, entre os homens que nos cercam” ¹⁶⁹. Esse é o fio condutor de seu pensamento, sempre voltado para uma filosofia da *práxis*. Há uma clareza que determina um não poder agir na história e não poder justificar ou explicar acontecimentos pretéritos, por mais que compreenda que a história tenha sua influência nas ações presentes, também impetra que o poder de ação se restringe ao momento presente.

Diante deste posicionamento, Camus defende que, “o mundo não estará mais dividido entre justos e injustos, senhores e escravos, desta forma não importa para que lado nos voltemos, no âmago da negação do niilismo” ¹⁷⁰. Pois essas teorias estão ultrapassadas. Ora, Se for adotar o que está posto, será indiferente a escolha, já que apoiar o tirano que mata por ideologias ou morrer por apoiar as vítimas indefesas é uma decisão que não afeta a ordem, mas fica no campo da personalidade. Isto é, prevalece o interesse e a afinidade, não exatamente o que é moralmente correto. Posto isso, “o assassinato tem um lugar privilegiado” ¹⁷¹, pois é uma forma de domínio indiscutível, e se a vida humana não tem importância, então o que conta é o valor do poder, matar é só uma ação necessária. Ainda sob esse aspecto, Camus aborda outro ponto importante, que é a hipocrisia. Muitas pessoas não matam de fato. Todavia, permitem que outros matem em seu lugar. Comumente, aqueles que se posicionam desse modo agem com indiferença. Justificam que são medidas legais. Sendo a lei a responsável por essas ações, de tal maneira, ela é a executora. Todavia é a própria vítima a responsável pela sua morte. “Logo é preciso criar a culpabilidade na própria vítima, para que, num mundo sem rumo, a culpabilidade geral legitime apenas o exercício da força, consagre apenas o sucesso” ¹⁷². Do mesmo modo aceitam a violência contra o outro, por não se julgarem responsáveis, ou por considerarem que o outro é merecedor de tal pena.

¹⁶⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*., p. 14.

¹⁶⁹ Ibid., p. 168.

¹⁷⁰ Ibid., p. 16.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Ibid., p. 215.

Com o desencadeamento desse raciocínio, Camus questiona o niilismo absoluto. Ele que dá legitimidade ao suicídio; por conseguinte, ao assassinato. Sustenta que o assassinato é admitido com passividade, porquanto é calcado e respaldado nessa indiferença que se tem pela vida. Indiferença forjada com o niilismo. De maneira que se o sujeito não acredita em nada e toda existência não faz sentido para ele; matar ou morrer são desdobramentos do cotidiano, não são julgados como inconsequências. Diante da insignificância da existência, atitudes como estas são compreendidas apenas como uma questão de vontade ou de necessidade. Ainda sob esse respaldo, o bem e o mal realmente não diferem muito, uma vez que são ações relativadas pelo momento. Camus reforça que ao analisar a questão por esse prisma, não há mais clareza do que é justiça ou injustiça. E isso é a animalidade total. Se a razão sustenta o desarrazoado não faz muita diferença qual medida tomar ou qual alternativa escolher. Tudo se confunde. Nesta direção, fazer uma caridade, ou mandar matar alguém é uma decisão solta em si mesma, completamente destituída de moral.

Para o pensador argelino, é inconcebível justificar o desarrazoado. Compreende que sempre houve violência e que a natureza humana, em alguns momentos, mostra-se essencialmente agressiva e insensível. Admite que a história esta repleta de situações em que a paixão pela vida e pelas ideologias falou mais alto, o que culminou em “excessos criminosos” ¹⁷³. Mas sustenta que a história comprova que eram ações distintas, havia paixão, não indiferença. Foi o desejo de se impor a revolta que precipitou essa absurdidade. Reforça seu modo de pensar, fazendo uma alusão à segunda Guerra Mundial e ao que ele chama de “apocalipse hitlerista de 1945” ¹⁷⁴.

Deixar que os outros matem por nós. Assim tudo seria acertado em nome da lógica, se a lógica fosse realmente satisfeita. Mas a lógica não pode encontrar satisfação numa atitude que deixa perceber que o assassinato ora é possível, ora impossível ¹⁷⁵.

A lógica é precisa, não há variáveis para questões parecidas. Por manter os rigores e a rigidez, se o assassinato é possível sob um aspecto e se ele segue um raciocínio lógico, deve, portanto, ser possível em qualquer situação e em todos os momentos que se fizer necessário. Então Camus afirma que “a conclusão última do

¹⁷³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 17.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Ibid., p. 16.

raciocínio absurdo, é na verdade a rejeição do suicídio e na manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo” ¹⁷⁶. Sob essa perspectiva o suicídio seria o fim desse confronto, pois é como um mergulho; Camus diz que “é o extremo limite da aceitação” ¹⁷⁷. Ora, é a retirada voluntária do combate, a não resistência. Sendo assim, o raciocínio absurdo não pode endossar essa ação; pois se assim o fizer, negaria suas próprias premissas. Logo, tornar-se-ia contraditório. Seguindo seu raciocínio lógico, ressalva que a vida é o único bem necessário, pois é por meio dela que há o confronto. Sem a vida não há o questionamento. Não havendo questionamento, não há, inclusive, o raciocínio lógico.

É preciso salientar que o confronto é uma perspectiva importante. Contudo, é necessário que o sujeito consciente perceba que é uma luta sem esperança, mas não desesperada. E mais, é uma recusa; todavia, não é nunca uma renúncia. Ponderando acerca do suicídio, Camus conclui que sua prática é a mostra do desespero e a renúncia da luta. Tudo que ele condena, uma vez que para se chegar à conclusão da absurdidade da vida, é preciso estar vivo. Ora, se o sujeito toma consciência da absurdidade que é viver, e decide egoisticamente pelo fim de sua vida, ele abre mão do possível confronto, acovardando-se no conforto desta fuga. Camus defende que quando acontece essa conscientização, concomitantemente, há uma exigência da própria vida para que ele saia de sua posição confortável e se coloque inteiro para o enfrentamento. Consequentemente, ele deverá se colocar mais forte e consciente na linha de combate, porquanto a sua tomada de consciência deve influenciar todos à sua volta e não pode ser negada aos demais, por se tratar de um bem que diz respeito a toda humanidade.

Se a lógica absurda não admite o suicídio, tampouco tolera o assassinato. Ora, se não faz sentido retirar pessoalmente a vida, pois isso iria contra a mente absurda, então não se pode conceber a morte do outro. O único crime que pode ser tolerado é aquele cometido na fatalidade do momento; no furor das emoções, quando acontece sem planejamento, como aquele cometido por Mersault, personagem central da trama *O Estrangeiro*. Mersault mata sem nenhuma premeditação um árabe que o havia perseguido e que pretendia atacar-lhe. O árabe deseja matar Mersault e seu amigo Raimundo. Essa contenda teve início porque Raimundo num de seus relacionamentos se envolveu com a irmã desse árabe, por conta de um desentendimento terminou seu

¹⁷⁶ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p.16.

¹⁷⁷ Ibid., p. 70.

relacionamento com ela, dando-lhe uma surra, o que provocou a ira do irmão e o seu desejo pelo revide. Nessa contenda, a história se desencadeia fora do controle do herói:

Meus olhos ficaram cegos por trás desta cortina de lágrimas e sal. Sentia apenas as pancadas do sol na testa e, indistintamente, a espada de fogo brotou da navalha, sempre diante de mim. Esta espada a arder corroia-me as pestanas e penetrava-me nos olhos doloridos. Foi então que tudo vacilou. O mar enviou-me um sopro espesso e fervente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão, deixando tombar uma chuva de fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão que segurava o revolver. O gatilho cedeu, toquei na superfície lisa da coronha e foi aí, com um barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecido¹⁷⁸.

Mersault mata no calor do momento, não houve premeditação, não houve intenção, apenas um desencadear de ações. Desta maneira, o crime se encerra no momento e, conseqüentemente, esgota-se em si mesmo.

3.2. Terror e Suicídio: dois modos de se ver o niilismo

Não sendo um romântico sonhador, Camus aponta os excessos de outras épocas, especialmente em função da paixão exacerbada pelos ideais. Mas esta é, justamente, a linha sutil que separa os dois tipos de crimes. Isto é, o crime de lógica e o crime de paixão. Porquanto, quando se refere à morte pela paixão, ele salienta que é um tipo de morte caracterizado muito mais por um jogo eloquente, desencadeado fora da premeditação. Não há um contrassenso, porque ali não está presente a razão. Assim, não havendo premeditações ou justificativas torna-se uma ação despida de intencionalidade. Com o advento do niilismo, com seus princípios e crenças, o crime passa a ser forjado pela lógica; isso principia a tendência de igualar e justificar os assassinatos. Quando há uma nivelção dos acontecimentos indistintamente, o humano se descaracteriza, as ideologias se fortalecem e o indivíduo se massifica, não há um valor intrínseco do ser. Desta feita, compreende-se mais facilmente a prática do suicídio e, em outra esfera, o assassinato. Esta forma de pensar fomentou uma época e desencadeou comportamentos que culminaram na indiferença completa pelo ser e pela vida humana, além de fundamentar muitas filosofias.

¹⁷⁸ CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*, p. 79.

“A autodestruição não era nada para os loucos que se preparavam nos covis para uma morte apoteótica”.¹⁷⁹ Camus faz referência aos suicídios coletivos de 1945 – é evidente que os suicídios dos soldados japoneses não tinham por fundamento o niilismo, ao contrário, eram crenças mais nobres¹⁸⁰ — nestas práticas não havia um descaso pela vida, mas sim uma crença de que a vida continuaria de forma mais honrosa mesmo após a morte. Os japoneses, por conta de sua tradição e de seu passado com vasta experiência em guerras, consideravam a derrota algo vergonhoso. Portanto lidavam com mais facilidade com o suicídio, era uma prática comum tirar a vida quando houvesse derrota. Nesse período, as baixas americanas foram bem menores em relação aos japoneses, isto obviamente mexia com os brios nipônicos, favorecendo assim o surgimento dos *kamikazes*¹⁸¹ – *Kami*, que significa deus e *Kase* vento, portanto, *vento dos deuses* – Muitos jovens para honrar seu país se dispuseram a morrer em prol de um bem maior, a honra do país¹⁸², tornando-se os ventos dos deuses contra os seus inimigos.

Apesar de ter durado pouco e o Japão perecer com as bombas atômicas, esta medida, sob o ponto de vista estratégico, foi uma ação bem sucedida, pois que os oponentes não sabiam como reagir a esses ataques, visto que a mesma prática não era usual no campo inimigo. Ainda que a estratégia japonesa tivesse suas justificativas históricas e estratégicas, Camus abomina o suicídio em massa. Faz uma ressalva e observa que o suicídio cometido na solidão, mesmo que considerado por ele um ato ignóbil ainda merece certo respeito pelo fato de não atentar contra a vida do outro. Desta maneira, o suicídio solitário, quando não há ressentimento, guarda uma aura de

¹⁷⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 17.

¹⁸⁰ Seppuku ou harakiri significa literalmente “cortar a barriga” ou “cortar o estômago”. Era cometido por guerreiros samurais. Neste caso era cometido para recuperar a honra pessoal ou limpar o nome da família, para se evitar um sequestro, ou ainda por lealdade ao seu senhor, no caso, acompanhá-lo-ia pela vida eterna.

¹⁸¹ O criador da ação kamikaze foi o almirante da Marinha Takajiro Onishi. Em 19 de outubro de 1944, Onishi comunicou a seus pilotos que os americanos haviam desembarcado nas Filipinas. A batalha naval estava próxima, e os métodos tradicionais não seriam suficientes para deter os inimigos. Havia, porém, uma esperança. Aviões de caça do tipo Zero, armados com uma única bomba de 250 quilos, se chocariam contra navios inimigos. A ousadia e o poder destruidor do ataque seriam fatais.

¹⁸² Eis-me finalmente incorporado às Unidades Especiais. Os 30 dias que restam vão ser minha verdadeira vida. Chegou a hora. O treinamento para a morte espera, um aprendizado intenso para morrer com beleza. Parto para o combate contemplando a imagem trágica da pátria. Sou um homem entre outros. Nem bom nem mau. Nem sou superior nem sou um imbecil. Sou decididamente um homem. A carta acima, escrita em 22 de fevereiro de 1945, é a última mensagem do piloto japonês Okabe Hirabazau para sua família. Dias depois ele morreria, aos 24 anos, em um ataque aéreo suicida às Filipinas realizado pela Marinha do Japão. Hirabazau integra um contingente de mais de 20 000 jovens, adolescentes e até meninos que se engajaram na desesperada estratégia japonesa para não perder a disputa para os Aliados. Eram os kamikazes.

generosidade, ainda que mantenha certo desdém. Generoso, por não atentar contra a vida de ninguém, mas desdenhoso por se colocar superior àquilo que se apresenta como limite e que causa o sofrimento. “Desdenha em nome de alguma coisa” ¹⁸³. Em situações assim, Camus, mesmo não se afastando de suas convicções, compreende que é um grito de revolta contra o imposto, contra a absurdidade da existência.

É como se o mundo fosse indiferente ao suicida. Contudo, ele consciente de toda a questão, decide em ato não aceitar tal indiferença. O suicida compreende que ao morrer destrói tudo e leva tudo. Porém, Camus defende que dessa ação renasce um valor que provavelmente justificaria viver. Assim, ele explica que ao se matar o indivíduo nega, mas essa negação permanece e não se esgota no ato em si. Desta feita, o suicídio e o assassinato são faces diferentes da mesma moeda.

Observando a limitação da vida e na condição que se apresenta, Camus compreende que mesmo nesta circunscrição deve haver a integralidade da ação, da vida e da permanência da vida. Diante do fato posto, chega a uma contradição essencial, qual seja: a vida pode ser ceifada, ou não? Mesmo aceitando que todos estão sujeitos a esta condição, o fato é que a contradição posta desencadeia tantas outras contradições que não se consegue justificar a primeira. Isto é inerente ao homem, ou seja, insistir em se manter no absurdo.

Ora, se o niilismo afiança o suicídio, pela lógica, abona o assassinato, uma vez que não se pode ser niilista pela metade. A aquiescência de um justifica o outro. Subsecutivo, se for aceito a morte de um, consequentemente pode se aceitar a morte de todos, sem exceção. E se isso não for possível, isto é, aplicar a mesma pena a todos, então não se pode aplicá-la a ninguém. Por esse viés, Camus é extremamente lúcido e coerente, pois coloca a vida humana, sem distinção, sob a mesma medida. Afirma que, se entre os homens houver algum que mereça a vida, pressupõe que todos a mereçam. Sob essa égide, desbanca a justificativa do assassinato. Deste modo, qualquer argumento que se utilize para sustentar a morte de outrem é desconsiderado por ele. Assim, retorna ao ponto inicial: nada justifica a indiferença pela vida. Considerada tal questão, Camus sugere que há de se considerar outros pontos, dos quais não se havia feito maiores ponderações. Todavia, mantendo a clareza emocional, adverte que, na prática, esse raciocínio não impede que haja assassinatos; contudo, colocando a situação

¹⁸³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 17.

nesses termos, não haverá nenhum ponto que legitime a ação. E assim sendo, permanecerá sempre a contradição. Ou então, aquele que mata também pode ser morto; mesmo que tenha suas justificativas amparadas no niilismo. O que é certo para Camus é que mesmo os que matam, por vezes, sentem medo de morrer. E ainda estão “mergulhados na solidão, de armas na mão e um nó na garganta” ¹⁸⁴.

Ao fim, Camus entende que o terrorismo irracionalista transforma todos em coisas, meros instrumentos de um todo, submetidos a um único interesse.

Saint-just tinha razão, “é uma coisa horrível atormentar o povo”, mas como evitar esse tormento se se decidiu fazer deles deuses? A divinação do homem por si próprio rompe o limite que é a revolta ¹⁸⁵.

A revolução niilista tornou-se terrível, inconsciente e miserável. O único saldo desse processo histórico foi uma “vaidade sanguinária do niilismo.” ¹⁸⁶ Diante desse quadro, a melhor forma de resistência é a revolta sustentada na arte. Esta que não tem pretensões de morte. Que acredita no poder embasado na preservação da vida, no protesto sem massacre. A arte que permite ao homem manter-se na posterioridade, pois cria tal qual Deus.

Sob alguns aspectos, posso perceber a presença do pensamento de Aristóteles. Claro, que ele basicamente não faz referência ao filósofo estagirita. Contudo, é justamente quando ele procura o equilíbrio e a alteridade que sutilmente remete a ideia de “caminho do meio”. Ora, para Aristóteles a felicidade é o fim último do homem que é alcançada com a constância e a minimização dos excessos, ou o exercício da justa medida. Camus, em sua ética, é absolutamente rigoroso quando sugere que a busca extrema pela felicidade sensível é absolutamente correta, desde que não ultrapasse os limites da ética, sendo que a preservação da vida é o que há de mais fundamental. Isto é a sua justa medida.

¹⁸⁴ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 19.

¹⁸⁵ Ibid., p. 207.

¹⁸⁶ Ibid. p. 215

CAPÍTULO IV

A ESTÉTICA COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA

4.1. As Diversas possibilidades de Criar e Resistir

É possível observar que a arte possui uma linguagem própria, que em dados momentos transcende seu papel, ou, o que seja a definição desse papel. Por exemplo, o formalista russo Viktor Chklóvski ¹⁸⁷, que desenvolveu o conceito de ‘estranhamento’, defende que a arte deve ter por objetivo principal ampliar a percepção das pessoas, especialmente por essa via, isto é, pelo estranhamento. Sob essa perspectiva, a arte/estética ¹⁸⁸ apresenta um mundo sob novos parâmetros e, consequentemente, um novo olhar, desencadeando assim novas possibilidades. Isto acontece a partir do instante em que um objeto passa a ser escrutado, percebido e que afeta o sujeito. Essa afecção tem a capacidade de ampliar o olhar, e esse olhar se estende para o além-objeto-de-arte, porquanto há um toque interno, capaz de causar o ‘estranhamento’. Isso independe de qual tipo de arte, já que não é relevante a técnica nem o meio utilizado. Sendo assim, o sujeito na condição de expectador do objeto e, num desdobramento, expectador do mundo, passa a perceber este último de forma diferente. A partir do instante em há o

¹⁸⁷ Viktor Borisovich Shklovsky; São Petersburgo, Moscou, (1893 - 1984) foi crítico literário, escritor e cenógrafo russo e soviético.

¹⁸⁸ Esses dois termos tendem a se confundir, pois tudo o que se diz sobre obra de arte pode estar presente no objeto estético, e ainda há de se notar que um está presente no outro. Segundo José Teixeira Coelho Netto, a palavra Estética foi alcunhada por Alexander Baugarten, em 1750, a partir do termo grego *aisthesis*, que significa a compreensão pelo sentido. Tornou-se assim um conceito filosófico. Mesmo havendo a compreensão que a estética tem exigências próprias, pois além da fruição exige certa racionalidade, e a arte perpassando esse caminho já manifesta em si certa gratuidade, haja vista que transcende todo e qualquer fim que seja proposto para ela, ampliando assim as possibilidades do ser. Neste texto irá prevalecer o termo arte, também por este motivo, mas, sobretudo, por ser o termo mais utilizado por Albert Camus, especialmente na obra *O Homem Revoltado*.

estranhamento, o sujeito aguça a sua capacidade de apreciar obra e mundo, seu olhar torna-se mais crítico e ele tende a desenvolver uma maior acuidade. Por esse viés, o contato com o novo, ou com o diferente, permite um encantamento, ou talvez até um desencantamento, mas o mais importante é que essa afecção tem grande propensão de desencadear uma postura mais reflexiva, um arrebatamento não só da alma, mas também da percepção e, por consequência, do comportamento.

Por essa razão, a arte não pode ser fonte de entretenimento apenas, antes sim, ter uma postura mais singular e determinante. Portanto, não se pode pensar a arte apenas como encantamento, mas como uma ferramenta capaz de produzir mudanças internas e externas, com possibilidades de provocar a reflexão e, como proposto por Camus ser instrumento de resistência e de denúncia. Pode-se pensar que a expressão artística detém uma estrutura de linguagem capaz de criar, logo capaz de suscitar discussões éticas e políticas, além de poder causar a unificação.

Discutir a condição humana por essa ótica, isto é, sob a perspectiva da arte, é algo que se faz importante, pois o ser humano tende a ser expressivo e apregoar seu posicionamento e sentimentos. Alguns se expressam com mais clareza que a própria filosofia, pois dão conta da vida por meio da expressão artística. Mesmo quando o momento histórico e político não são tão favoráveis, há indivíduos que se colocam como resistentes, utilizando a arte como arma para expressar sua repugnância frente ao que não se lhes apresenta como correto. Isto se dá de diferentes formas, e em todas as vertentes, seja na pintura, na música, na poesia e nas diversas possibilidades artísticas existentes. Assim, a arte torna-se ferramenta de luta, escudo e lança; ao mesmo tempo em que serve para proteger, também ataca. Expõe barbáries e abusos, serve de protesto e, em muitos momentos, exhibe a dor da impotência frente ao domínio do mais forte.

É possível fazer um recorte histórico e temporal, sobretudo se considerarmos os movimentos estéticos que ocorreram na história. Alguns destes movimentos foram considerados ao seu tempo como algo transgressor, entretanto adquirem um teor ultrapassado à medida que há mudanças. Todavia, não perdem sua relevância. Há de se considerar que se o propósito da arte foi o de resistência, a tendência é deixar seu selo de protesto e o seu registro, que tendem a sobreviver na história. Ainda sob o ponto de vista de Chklóvski, que observa que o que causa o ‘estranhamento’ em determinado momento, depois de instalado, tende a cair no conformismo, todavia, já é um

conformismo agregado a novas ideias. Desta feita, o que se tem de fato é uma nova realidade que se prepara para novos ‘estranhamentos’, portanto, para novos olhares.

Camus, por sua vez, analisa a importância da arte, especialmente da arte engajada. Uma expressão artística que não tenha o papel de panfletária, com diz Amitrano, mas sim de denúncia daquilo que falta ao mundo. Camus, assim, percebe na atitude estética uma relação intrínseca com a reflexão do âmbito político, remonta a história e entra em contato com grandes pensadores, especialmente aqueles que se postaram como homens revoltados. A falta de sentido da existência humana, o desconhecimento de qualquer sentido *a priori* e, sobretudo, a certeza de uma finitude, desencadearam os questionamentos camusianos. A arte é uma forma de poder e criação, e também capaz de produzir indagações. É um movimento de afirmação e negação, mas, sobretudo de ação e contestação. Pois “nenhum artista tolera o real”¹⁸⁹, diz Nietzsche. Isto para Camus é verdade, mas defende que, apesar desse pensamento ser totalmente coerente, o artista para efetivar sua revolta, não pode abdicar do real, ou cairá na fantasia.

Aclara que a unidade passa pela criação e o processo de criar se estabelece no limiar dessa negação. Ora, quando o homem cria por meio da arte, seu processo passa necessariamente pela negação deste mundo, haja vista que o artista quer criar o que falta no mundo, sem destruir a vida e o humano. Sob esse aspecto, Camus consegue observar a revolta sem corrupção, pura e por ela mesma, porquanto se mantém fora do processo niilista histórico e metafísico. Por isso, observa que a revolução sempre se mostrou hostil para com arte, talvez porque intimamente soubesse do poder de ação e reação que lhe é inerente. Pode-se notar essa hostilidade na história, já que na reforma, a arte foi exilada em prol da moral. Para Rousseau, a arte tinha um sentido de corrupção. Ainda é possível perceber que os grandes pensadores sempre se sentiram mais seguros ao lançar mão da razão, visto que lhes parecessem mais virtuosa que a arte. Tanto que os revolucionários russos preferem abrir mão da arte e se apegarem às questões mais pragmáticas. Defendiam que a arte teria o poder de sugerir uma felicidade que não existia. Aos seguidores da ideologia alemã não é muito diferente, pois afirmam que

¹⁸⁹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 291.

“não haverá arte numa sociedade reconciliada. A beleza será vivida, não unicamente imaginada”¹⁹⁰.

O marxismo dirá que só há uma arte revolucionária, que é justamente a arte posta a serviço da revolução. Ora, sob a perspectiva marxista, quando se cria a beleza fora do contexto histórico, contraria o esforço empreendido para se lidar com o racional e o real. Tornando-se fuga. Portanto, ao revolucionário o propósito maior é sempre se manter consciente e conciso de seu papel. Ajuizando a arte por esse modo de pensar, um sapateiro é muito mais artista, pois cria a utilidade a partir da necessidade. Enviesado nesse raciocínio, qual propósito teria uma arte sem utilidade? E ainda, para Marx o belo da antiguidade não tem o mesmo significado para os homens adultos e revolucionários. Explica que a arte produzida outrora, em um tempo de sonho e de infantilidade, em que as agruras das revoltas e revoluções ainda não estavam presentes, é um mundo distante da realidade de agora.

A este ponto de vista marxista, Camus é intolerante e observa que não é o sapateiro que dá o descrédito a Shakespeare ou a qualquer outro tipo de arte. Esse trabalhador que manufatura determinado objeto e que pode ter o seu quinhão de arte, visto que Camus não desconsidera o artesão; já que para ele, a utilidade não exclui a sensibilidade, porém reafirma que é o intelectual que ainda está no processo de leitura, que detém a autonomia de formar opinião sobre o que é beleza e o que não é. Diante disso, é esse intelectual que determina o que é arte e o que não é. Camus chama atenção para o fato de que os revolucionários intelectuais, que estimulam a arte útil, na realidade, não se envolvem no manuseio desta arte, ao contrário, mantém uma distancia considerável. Além do que, o pensador argelino questiona se esse intelectual crítico seria capaz de produzir a arte do sapateiro. Entende que é o intelectual que tem acesso a outras formas de arte, que estimula o trabalhador a se manter distante desta possibilidade, fechado em seu próprio mundo, sem formar opinião. Portanto, pode-se afirmar que o revolucionário intelectual cerceia a liberdade desse trabalhador.

Camus observa que o processo inerente à arte é contíguo ao processo de revolta, pois ambos têm um desenrolar muito sutil. Haja vista que tanto a revolta quanto a arte possuem exigências e contingências, oferecendo possibilidades não tão perceptíveis quanto à revolução e a fabricação de botas. Ora, para se perceber de fato a essência e as

¹⁹⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 292.

mudanças que provocam em seu meio, é preciso parar o olhar e observar. Isto requer sensibilidade, pois lida com o mais precioso do humano, que é a percepção da criação, a vontade e necessidade de conservar a vida e, sobretudo, de se manter nesta vida.

Em toda revolta se descobrem a exigência metafísica da unidade, a impossibilidade de apoderar-se dela e a fabricação de um universo de substituição. A revolta, de tal ponto de vista, é fabricante de universos. Isto também define a arte, a bem dizer, a exigência da revolta é em parte uma exigência estética. Todos os pensamentos revoltados, como vimos, manifestam-se numa retórica ou num universo fechado ¹⁹¹.

Ao observar o processo criativo de alguns artistas respeitados, especialmente na literatura, Camus percebe que a obra desses autores criam ambientes fechados, como é o caso de Sade que discorre sua trama dentro de um espaço circunscripto, ou seja, em castelos trancafiados, característica que é inerente também a Nietzsche, Rimbaud, Lautréamont, dentre outros. Ora, isto, consciente ou não, é um modo de se recriar o mundo. É um mundo sob a perspectiva da arte; é a reinvenção proposta pelo artista. É ali que ele tem domínio do todo, compreende sua lógica e o desenrolar da vida. Neste espaço o artista é criador, e tem o reino sob seu controle. Igualmente, Camus demonstra que por ter a capacidade de criar, o artista assemelha-se a Deus, pois ambos são criadores, perpetuando-se em suas obras. Sob esse aspecto, tem a liberdade não somente de criar, mas recriar e unificar o mundo.

4.1.1 A Poesia Revoltada: faces da revolta

Fazendo um retorno à revolta metafísica, lembremos que esta teve seus representantes nos mais diversos segmentos, principalmente na arte e na filosofia. Desde o seu início, Deus foi questionado, sendo que a absurdidade do existir instigou a consciência e aguçou a revolta. A poesia foi muito usada como instrumento de protesto. E quando se basiliou com a revolta histórica, que foi em meados do século XIX e no início do século XX, se compôs como ‘vontade de poder’. Buscando, talvez, uma transmutação dos valores, acabou transpondo os limites e oscilando entre o racional e a desmedida.

¹⁹¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 293.

O surrealismo pode ser apontado como um exemplo do século XX, cuja proposta é a ação. Contudo, a tendência à abstração conduziu os surrealistas aos sonhos e estes, por vezes, se apresentaram contraditórios. Camus salienta que, na realidade, a movimentação do surrealismo é incongruente, apesar de parecer ação não consegue ultrapassar as inconsistências inerentes à sua estrutura. Aos olhos de Camus, é um movimento essencialmente contraditório, pois propõe uma ordem a partir da destruição. Como movimento de protesto se justifica, todavia se perde como instrumento de revolta. Tornando-se assim uma revolta irracional.

Camus explica que a obra de Lautréamont ¹⁹² e Rimbaud ¹⁹³ também são importantes. Porém suas poesias são muito mais performáticas do que libertárias, apesar de sugerirem a ação.

Os cantos de Maldoror, de Lautréamont, de 1869, tornou-se um modelo para os surrealistas (para André Breton era um paradigma), e como tal deveria ser seguido. Breton defendia que Lautréamont era um precursor do movimento surrealista porque seus escritos propunham uma liberação do inconsciente, uma escrita liberta do bom senso e da razão e que não se atinha à moral. Era como uma escrita espontânea, liberta das clausuras do consciente. Entretanto, Camus entende que Lautréamont se perde no torvelinho da banalidade. Mesmo Lautréamont se identificando com a revolta e se portando como um revoltado, parece desejar ser nada. Seu protesto é sem causa e sem expectativas. Camus compara essa revolta como uma ação adolescente. Um protesto absurdo, em um conflito basal e constante, todavia sem objetivo claro. É só autoafirmação.

Segundo Camus, a obra de Lautréamont não convence como sendo uma possibilidade paradigmática de revolta. Ora, o homem revoltado tem um propósito definido, sua luta tem uma causa, mesmo que não tenha um valor imediato e uma

¹⁹² Isidore Lucien Ducasse, mais conhecido pelo pseudônimo de Conde de Lautréamont, (Montevideu, 1846-Paris, 1870) foi um ilustre poeta francês. Sua obra é denominada como um hino à violência e à destruição, como o mal encarnado, apresentados através de imagens apocalípticas. Lautréamont foi relegado ao esquecimento até 1920, quando os surrealistas alegaram que sua obra era, mesmo sem a devida intenção, precursora do movimento surrealista.

¹⁹³ Arthur Rimbaud (1854-1891) poeta francês, considerado um dos precursores tanto da poesia moderna quanto do movimento surrealista. Sua obra e sua vida foram marcadas pelo inusitado e o polêmico. A obra é considerada um marco da história da poesia e influenciou vários poetas modernos e muitos movimentos da contracultura do século 20. Na Inglaterra, em 1874, escreveu outro livro, “Iluminações”, considerada outra obra importante. A poesia de Rimbaud é classificada como de estilo simbolista e sua linguagem é permeada de riqueza sonora e de imagens, denotando um caráter sensorial aos versos.

esperança de vitória. A razão de sua revolta é clara, o seu *sim* à vida e à sua condição de homem. Assim, não faz sentido uma obra que prefere a destruição na qual o homem é consagrado como criatura abominável, tal como o criador. Camus observa que essa espécie de revolta é um niilismo absoluto e conflitante. Em *Os Cantos de Maldoror*, Lautréamont expressa seu modo inusitado de pensar:

Finalmente havia chegado, o dia em que fui porco! Exercitava meus dentes sobre as cascas das arvores; meu focinho, e o contemplava deliciado. Não restava a menor parcela de divindade; soube elevar minha alma até a excessiva altura dessa volúpia inefável. Ouvi-me, pois e não vos ruborizeis, inesgotáveis criaturas do belo, que levais a sério o ridículo da vossa alma, soberanamente desprezível; e que não entendeis porque o Todo Poderoso, em um raro momento de excelente humor, que certamente não ultrapassa as grandes leis gerais do grotesco, permitiu-se, um dia, o mirífico prazer de fazer que um planeta fosse habitado por seres singulares e microscópicos, que são denominados humanos¹⁹⁴.

Camus entende que o poeta dá ênfase à palavra, mas tira-lhe o sentido. Para Camus, esse modo de agir recai no conformismo, que é uma das características do niilismo.

Na obra de Rimbaud, Camus analisa a revolta desse poeta, percebe que também só a encontra em sua escritura, em seus poemas. Camus atribui mérito a Rimbaud por ter definido com equidade o conceito de revolta, porquanto consegue ir aos dois extremos da mesma; isto é, evidencia sua beleza e sua dor. Sua poesia mostra a absurdidade juxtaposta à dor e ao desejo de existir. Rimbaud aponta para a vida como algo inerente a um mundo que está posto, que é belo, desejado e negado. Ao revoltado cabe viver consciente desta e deste desejo. Rimbaud, que afirma não saber o que é revolta, diz:

Já não preciso de sacrifícios nem de amor divino. Não tenho saudades do século dos corações sensíveis, cada um tem sua razão, desprezo e caridade: retenho meu lugar no alto desta angélica escala de bom senso. [...] Quanto a mim, minha vida não é suficientemente pesada, voa e flui distante, por cima da ação, esse adorado eixo do mundo¹⁹⁵.

¹⁹⁴ LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os cantos de Maldoror*. Tradução Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 203.

¹⁹⁵ RIMBAUD, Artur. *Uma Estação no Inferno*. pp. 09-10. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2260

De certo modo, Rimbaud fala do homem revoltado mesmo sem explicitá-lo. Fala de um homem consciente e resistente frente às agruras da vida,

Eu admirava o presidiário intratável sobre quem se fecha sempre a porta da prisão; visitava os albergues e as pousadas que ele havia santificado com sua passagem; via com sua ideia o céu azul e o trabalho florido do campo; pressentia sua fatalidade nas cidades. Era mais forte que um santo, tinha mais bom-senso que um viajante, - e ele, só ele! Como testemunho de sua glória e de sua razão¹⁹⁶.

Contudo, Camus entende que de fato o que esse poeta nutre é um desespero pela morte, por isso sua constante cobrança pela vida. Claro que nem mesmo Camus deseja a morte, tanto que declara isso em muitos momentos; porém, mesmo ciumento da vida, não se acovarda. Para Camus, o homem revoltado tem como prerrogativa encarar a morte. E para isso é preciso se defrontar com a felicidade, atitude não tomada por Rimbaud, que se rendeu ao desespero. Por mais que ele desejasse as alegrias e gritasse pela felicidade da vida, se perde na aniquilação de uma revolta niilista ao abandonar a poesia e virar traficante de armas.

Camus aponta para esse modo de agir como também característico do surrealismo. O surrealismo se intitula provocador e decisivo, mas está sempre às margens. Ironicamente os declara “niilistas de salão”, pois estes se dizem “especialistas em revolta”, uma revolta que se dá apenas no discurso e soa com arrojo. Sugere que o surrealismo tem aparências de revolta; contudo, a inquietação que os movem é uma indignação contra a morte. Todas as passagens e declarações reclamam a vida, mas de modo impaciente e intransigente.

E não muda de opinião quando analisa a obra de Breton, pois o considera contraditório, afirma que ele faz “um grande apelo da vida ausente e arma-se de uma recusa total do mundo presente.”¹⁹⁷. Para Camus é incongruente defender a inocência humana e condená-los ao assassinato e ao suicídio.

Tamanha é a crença na vida, no que a vida tem de mais precário, bem entendido, a vida real, que afinal essa crença se perde. O homem esse sonhador definitivo, cada dia mais desgostoso do seu destino, a custo repara nos objetos de seu uso habitual, e que lhe vieram por sua

¹⁹⁶ RIMBAUD, Artur. *Uma Estação no Inferno*, p. 6.

¹⁹⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 136.

displacência, ou quase sempre por seu esforço, pois ele aceitou trabalhar, ou pelo menos não lhe repugnou tomar tal decisão¹⁹⁸.

André Breton reconhece que ainda estamos sob o domínio da lógica, onde tudo deve ser explicado de maneira coerente. Desta feita, aponta para como a crença na causalidade histórica é incoerente; ou seja, a vida não se mantém linear e regulada como deseja Marx. Ao contrário, ela está muito mais para as inconsistências de Lautréamont, ou para as incongruências de Rimbaud. Breton, por não conseguir respostas coerentes na linearidade histórica, fundamenta seu raciocínio nas explicações freudianas sobre o onírico. Conclui que nem tudo é concebido dentro da lógica. Observa também que quando há apenas uma concepção histórica, não se alcança a resposta para todas as questões. Desta maneira, sua produção poética é intensa, propiciando a análise dos signos e de todas as coisas que o cerca. Sob esse aspecto, Camus considera que ele até realiza uma boa organização de seu pensamento, porém Breton busca um apoio para fundamentar suas ideias em Artaud¹⁹⁹. Justo ele que defende que só podemos tocar as coisas pelo seu lado mau. Sob a avaliação de Camus, esse recurso causa certa apatia e descrença na vida, pois avista mais uma contradição: era perceptível, que não desejem a morte. “Para os surrealistas a revolução não era um fim que se realiza no dia-a-dia, na ação, mas sim um mito absoluto e consolador”²⁰⁰. Assim, Camus analisa que Breton conserva a ideia de que revolução é, de certo modo, revolta. E os marxistas apontam o contrário; isto é, “a revolta é um caso particular de revolução”²⁰¹. O filósofo argelino percebe que o surrealismo, com toda a sua fundamentação e explicações sobre o inconsciente e sobre a importância de uma composição onírica, deseja apenas evitar que insegurança da condição social sobrepuje a condição humana.

Assim os surrealistas recusam a revolução e defendem o irracional, porquanto desejam estabelecer a unidade, contrapondo-se ao marxismo que busca a revolução, justamente para impor a totalidade. Breton sob esse aspecto é incisivo, para ele toda totalidade é restritiva. Todavia, apesar de se manter mais coerente que as teorias

¹⁹⁸ BRETON, ANDRÉ, Breton. *Manifesto do Surrealismo*. Tradução Sérgio Pachá. Rio de Janeiro. 395 p. 2001.

¹⁹⁹ Antoine Marie Joseph Artaud, (1896 — 1948). Poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas. Ligado fortemente ao surrealismo, foi expulso do movimento por ser contrário a filiação ao partido comunista

²⁰⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p.119.

²⁰¹ Ibid., p.131.

marxistas e acreditar que a arte justifica com mais rigor suas ideias, Breton não consegue elaborar um desfecho para a revolta, pois omite a praticidade desta, lançando mão da fantasia. Desta feita, envolve-se no torvelinho de suas ideias vanguardistas.

Como afirma Amitrano,

Camus vai para além de uma poesia revoltada, no intuito de enfatizar os caminhos trilhados por uma revolta estética. Uma arte não panfletária, não utilitarista nem fútil; mas, isto sim, uma arte engajada, capaz de apontar um sentido para o pesado fardo da condição humana²⁰².



O Nascimento do Mundo, de Salvador Dali

4.1.2. Criação e Revolta: A estética revoltada

Camus imagina todas as artes como criadoras. Ao falar da música, dá-lhe o verdadeiro status que merece, pois cria um som que liberta o espírito. Até mesmo o silêncio pós-música é criação, pois este instante final não deixa de ser *fruição, gozo...* é o espírito ainda absorto podendo criar. Quando Camus discorre acerca das esculturas, não as considera imitação. Ora, o artista escultor quando preenche o espaço com uma forma não quer multiplicar o que está posto, é mais que isso. O que ele pretende é capturar o atilamento do movimento. *E o movimento mesmo sendo rápido e sutil, pode ser capturado num olhar vazio, num gesto eternizado, numa boca sedenta, ávida, que talvez nunca seja saciada, esse universo é marcado pela arte, que é criação.* O escultor ao seu modo também eterniza, e impede o desfalecimento da vida.

²⁰² AMITRANO, Georgina. *Camus e a Condição Humana*. p. 69.

A pintura em sua sutileza marca o registro de uma cena, daquilo que se mostra. O pintor captura na luz a imensidão de uma vida, a beleza, a promessa, a dor, o medo, a languidez, a nudez, o sexo, a morte, a fome, a vida em toda a sua extensão e contingências. É criação de um mundo que é eternizado pelo artista/deus, capaz de dar os tons, a luz e o movimento que mais lhe agrada. É o criador e eternizador de cenas, emoções e momentos. E os melhores conseguem deixar a impressão de uma constante vida. Segundo Camus, Piero della Francesca, por exemplo, imortalizava seus personagens numa impressão de sempre vida. Claro que a pintura que guardava aspectos de cópia não agradava de todo Camus. Porém, ainda assim, cumpre seu papel, e ele chama a atenção que “o estilo de um pintor nessa conjunção da natureza com a história, nessa presença imposta que continuamente devém” ²⁰³. Ao artista é possível capturar ou imaginar uma cena despercebida aos demais. Como questiona Camus, quem olhou para a mão do carrasco ou para as oliveiras no momento em que o Cristo padecia? ²⁰⁴ Mas compreende que essas cenas compunham o contexto daquele momento.



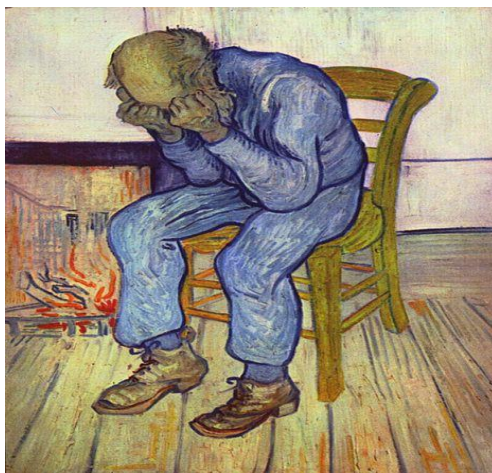
Piero della Francesca, *The Resurrection of Christ*

Vicent Van Gogh que com suas pinceladas desordenadas, consideradas ao seu tempo grotescas, pintou para Camus a criação. Van Gogh podia abster-se da presença divina, porquanto criava vida. Não se escondia do sofrimento, mas expunha a dor do absurdo, num grito rebelde de criação. Criava e eternizava, ao seu modo, a vida. Sob

²⁰³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 295.

²⁰⁴ Idem.

esse aspecto, podia ser Deus, além de ser livre para criar. E Camus chama atenção que a arte tem o poder de reconciliar o singular com o universal, tal qual queria Hegel. Ele que tentou tantos caminhos insólitos numa constante dialética, não percebeu que a síntese de grandes disparidades poderia estar sempre nas possibilidades artísticas, onde as diferenças são conciliadoras.



Vincent Van Gogh, *O Portão da Eternidade*

Camus é ciente que em sua busca deve exigir de si uma constante lucidez, não se deixa assim levar pelo arrebatamento que a arte possa lhe provocar. Percebe as razões que os movimentos totalitários têm para evitar o envolvimento com a arte, pois a arte “contém a mesma afirmação que a revolta espontânea do oprimido”²⁰⁵. Ora, o artista não vive da recusa total, ele tece paralelos, cria possibilidades, não impede expressão da vida, ainda que seja uma manifestação agressiva, há espontaneidade. Na arte não se aspira moldes, pretende-se de fato liberdades. Liberdades na sua mais ampla significação. *O tolher e o moldar não condizem com a expressão artística, pois que a arte, tal qual a revolta, em sua essência é livre e quer criar para a vida, não para o cerceamento e a morte.*

É o romance que para Camus possui o poder de oscilar entre um extremo e outro; de se refugiar na religião ou matar ensandecidamente, podendo ainda mostrar a fealdade interna do próprio ser e toda a sua inveja e desejo de possuir; o romance mostra o homem como ele é, sem máscaras. No romance há a possibilidade de se criar o mundo perfeito e duradouro, ou mundo que se quer. Bom exemplo é Guimarães Rosa com seus

²⁰⁵ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 296.

regionalismos. Nosso escritor não se preocupa tanto com o ambiente onde ocorriam suas narrativas, mas valoriza o humano e os conflitos internos ou externos pelos quais passavam suas personagens. Esse romancista brasileiro, que discutiu ao seu modo, a rudeza e a beleza da vida, acreditava que o progresso calaria a voz dos contadores de histórias, dizia:

Está no nosso sangue narrar estórias, já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nós criamos em um mundo que às vezes pode-se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo, a gente se habitua, e narrar histórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é alma de seus homens²⁰⁶.

Extrapolo aqui Camus e vejo nosso Guimarães Rosa reproduzindo estórias que em um modo de eternizar o mundo, aquele mundo que pode desaparecer com o progresso, a ciência e as novas tecnologias. Este escritor/deus/criador alcunhava seus mundos, da mesma maneira que tantos outros grandes escritores e romancistas. E Guimarães, ao criar seu mundo, delimitava as forças, pois tinha o cuidado de não invocar o “demo”, para que ele não “forme forma”²⁰⁷, o diabo “que não é, mas finge ser”²⁰⁸, tal como a revolução que não é revolta, mas finge ser. Ora, o escritor pode criar forças maiores que ele, mas sendo criador pode colocar essa força sob controle, nas suas rédeas. Basta não invocá-la. Coisa que não é possível no mundo real. Para Guimarães o sertão é o mundo em todas as suas dimensões e formas, “O senhor tolere, isso é o sertão. Uns querem que não seja [...] Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães é questão de ‘opiniões’... O sertão está em toda parte.”²⁰⁹.

Pensando sob essa perspectiva, quando Guimarães diz que “cada um o que quer aprova”, ressalta, de certa maneira, a liberdade do artista/deus/criador, circunspecto na sua vontade criadora, ajuizado na opinião daquilo que é um mundo melhor; ele pode criar o infinito. Camus contempla esse modo de pensar, basta observar que para ele o

²⁰⁶ CLÁUDIA DA SILVA, Ana; RAMOS VENTURA, Susana. *Ciranda de Escritas – Reflexões Sobre as*. São Paulo. Editora Biblioteca 24 horas. 290 p. 2010. 252 p. Entrevista concedida a Gunter Lorenz em Janeiro de 1965.

²⁰⁷ GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Editora Nova Aguilar, 1994, p. 09.

²⁰⁸ Ibid., p. 06.

²⁰⁹ Ibid., p. 04.

homem tem a ideia de um mundo melhor que esse, mas esclarece que “melhor não quer dizer diferente, melhor quer dizer unificado”²¹⁰. Ainda ressalta que,

Trata-se efetivamente do mesmo mundo, o sofrimento é o mesmo, a mentira e o amor os mesmos. Os heróis falam a nossa linguagem, têm as nossas fraquezas e as nossas forças. Seu universo não é mais belo, nem mais edificante que o nosso. Mas eles, pelo menos perseguem até o fim o seu destino²¹¹.

Assim, na literatura os heróis têm a coragem de se mostrar inteiros e perseguir seus sonhos até as últimas consequências, podendo ser o que realmente são. É um modo de corrigir este mundo cheio de limites e preso a convenções. Se libertar no romance é desenhar o destino que se quer, sob essa perspectiva o romancista torna-se de fato o deus/criador, pois tem suas estórias guardadas e registradas e cada vez que alguém lê, imortaliza a estória e o criador. E assim vence a morte.

O propósito do artista romanesco não é reproduzir realidades, mas sim transcrevê-las ao seu modo, ou transsubstanciá-las. Camus salienta que esse processo principia a partir de uma ruptura voluntária, todavia essa ruptura não pode ser total, pois se houver uma cisão irrestrita com a realidade, essa obra vai desembocar no imaginário absoluto, e desta maneira não conterà nenhuma revolta em sua origem. Assim, obras categoricamente ficcionais não cumprem o papel de propagar a revolta. Representando um universo mecânico e sem mobilidade verdadeira. Cita Proust como exemplo de muitos romances. Para Camus, Proust se perde em reminiscências e sua construção literária não se apossa da exterioridade como poderia, ou seja, sob alguns aspectos, Proust foge do real. Entretanto, Camus adverte que seus romances chegam próximo da revolta, pois mesmo fugindo da realidade, se prendendo às lembranças, ele não nega totalmente o real, apesar de recusá-lo, conforme o trecho abaixo:

Logo, renascia a lembrança de outra postura; a parede fugia para outro lado: estava no campo, no quarto a mim destinado na casa da senhora Saint-Loup. Meu Deus! Já teriam acabado de jantar. Devo ter prolongado demais da conta essa sesta feita todas as tardes [...] porque já transcorreram muitos anos desde aquela época de Combray, quando, nos dias em que mais tarde retornávamos a casa, a luz que eu

²¹⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 301.

²¹¹ Ibid., p 302.

Proust permite que a realidade mantenha suas características, porém a vincula sempre em outro tempo, que não o momento presente. Todavia, apesar dessa característica, foi capaz de criar um mundo unificado, uma vez que na construção paralela dos tempos, ele expõe também a temporalidade das formas. Para Camus, Proust mostra que “a arte do romance refaz a própria criação.”²¹³ E deste modo sua revolta se mostra criadora.

Sob esse aspecto, é relevante citar Deleuze, já que esse pensador também discorre sobre o mesmo assunto. De acordo com o seu pensamento, os signos são superiores à matéria. Portanto, a arte deve ser compreendida como a “Diferença última e absoluta”²¹⁴. Ainda sugere que a “diferença interna, diferença qualitativa decorrente da maneira pela qual encaramos o mundo, diferença, que, sem a arte, seria o eterno segredo de cada um de nós”²¹⁵. Seguindo por esse viés, a arte traria intrínseca sua capacidade de comunicar a verdade interna de cada um, haja vista que é signo. Ora, sendo detentora desse poder, externaliza em forma de signos as verdades internas do artista. Esse raciocínio além de explicar o artista, sustenta o modo de Proust se expressar por meio de reminiscências. Sem o signo não é possível ao sujeito se mostrar, pois indistintamente, cada um guarda consigo sua maneira de enxergar o mundo, e essa sua maneira cria esse mundo interno, particular e a própria diferença. São mundos singulares e diferentes, pertencentes a particulares. Mundos que se expressam dentro do sujeito e não fora dele.

Para Deleuze, “o mundo envolvido na essência é sempre um começo do mundo geral, um começo do universo, um começo radical e absoluto”²¹⁶. Ora, pode-se pensar que esse começo, tende a um eterno recomeço, pois é como se fosse um eterno retorno de diferenças únicas ou singulares. Desta feita, o que se vê é uma eterna criação e recriação que define o nascimento do tempo. E esse tempo se redescobre sempre e

²¹² PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido: no caminho de Swann, Combray* Tradução Fernando Py, 1913. p10. <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>.

²¹³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 307.

²¹⁴ DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*; Tradução de Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 1987 p. 41.

²¹⁵ Ibid., p. 42.

²¹⁶ Idem.

nesse processo se revela. Desta forma é a arte quem permite a redescoberta do tempo entrelaçado na essência. E, é o sujeito, enquanto artista, aquele capaz de redescobrir o tempo no instante de seu nascimento. Esse pensamento de Deleuze acerca da função da arte é compartilhado por Camus que entende o movimento da arte/revolta como transgressor da realidade, sendo capaz, inclusive, de provocar no homem comum algum tipo de reação contra o tédio de sua própria existência. Sob essa égide é o ‘estranhamento’ sugerido por Chklóvski.

Assim, a obra de arte tem um sentido de passagem ou ligamento. Ora, adsorter-se em qualquer extremo é um percurso perigoso, haja vista que se, por exemplo, o romancista se prender no que é real demais, poderá cair naquilo que Camus denomina de realismo. Tratar da realidade nos romances é fundamental, porquanto é ela, a realidade, que determina o quão de revolta está presente na obra. Seu posicionamento e sua recusa que são o seu grito de resistência. É nesse ponto em particular que o artista determina, necessariamente, se sua obra está permeada de realidade e imaginação. Camus esclarece que “se a realidade é banida no seu todo, obteremos obras puramente formais”²¹⁷. E se a obra nivelar para o extremo oposto, então ocorrerá o realismo, o que seria outra possibilidade de niilismo. Fugiria completamente do que se espera que seja a revolta.

4.2. A Arte como forma de resistência

Ao fim dessa análise estética, é importante salientar que não é qualquer expressão artística que tem a capacidade de conjecturar, ou mesmo atuar no âmbito desta dimensão resistente que é contígua a ética e a revolta. Mas sim, um modelo de expressão que denuncie indistintamente a absurdidade e que queira abarcar o todo da realidade humana, isto é, que não haja a fragmentação, ou relembrando Saint-Just, é preciso evitar as ‘facções’. Para uma melhor compreensão, mesmo que um segmento artístico detenha suas particularidades, a discussão deve ser universal, contemplar a liberdade, a vida e a revolta. Sendo assim, o processo do artista/deus/criador manterá independente de qual arte seja, a busca pela unidade. Sob esse aspecto, é notória a

²¹⁷ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 307.

inquietação do filósofo argelino acerca da alteridade, pois não basta atender o interesse de grupos, mas minimamente discutir o interesse do todo, respeitando sempre esse processo criatório da vida humana.

Sendo assim, o ponto fundamental desta contingência é que o artista que cria tem a perspectiva de permear universos, migrar do real para a imaginação e criar de acordo com a junção ou separação dos paralelos, todavia, ele não deve se esquivar da realidade, isto é, criar no tempo presente. Podendo permitir à sua arte infinitas possibilidades, dentre elas a reivindicação e a denúncia. Pode-se imaginar, por exemplo, o formalismo russo, que foi um movimento que ocorreu no início do século XX. Este movimento teve por propósito se libertar da crítica literária. Seus artistas estavam sob a imposição de uma exigência acadêmica, que determinava o modelo da criação; em síntese, uma ditadura. Desta feita, iniciaram o Circulo Linguístico de Moscou ²¹⁸, fundado em 1914 e o Opojaz ²¹⁹, fundado em 1916. O objetivo desse movimento era buscar mais liberdade na atuação e na produção, de acordo com a literalidade alvitavam que fosse analisado de fato, o texto, o poema e o cerne daquilo que se propunha a escritura. Entre outras palavras, queriam a liberdade de expressão, não queriam produzir segundo moldes estabelecidos, pois na condição de artistas compreendiam que produzir arte é ter liberdade para criar, tal qual Deus. Esse tipo de arte moldada se assemelha à revolução, logo não é arte, é condicionamento, aproximando-se da *mimésis*.

O artista não imita, ele observa o real e cria a partir dele, mas não o nega. E a transcendência se dá na beleza da promessa e na incessante busca. Busca de vida, de justificativas, de justiça, de compreensão. Ao que Camus afirma que,

A arte nos conduzirá desta maneira às origens da revolta, na medida em que tenta dar forma a um valor que se refugia no devir perpétuo, mas que o artista pressente e quer arrebatara a história ²²⁰.

²¹⁸ O Círculo Linguístico de Moscou, Foi um movimento fundado pelos alunos da Universidade de Moscou, com o objetivo de realizar estudos nos campos da poética e da linguística. Tais estudos foram inovadores desde o início por estabelecerem análises paralelas entre a literatura e a linguística, preocupação que seria dominante nos trabalhos realizados pelo grupo. O termo *função poética* foi cunhado nesta época, instituindo importantes considerações a respeito da linguagem literária. O Círculo Linguístico de Moscou tinha entre seus membros importantes poetas, como Maiakovski, Pasternak, Mandelstam e Assiéiev. Tal aliança não se deu ao acaso, mas pelas intenções semelhantes dos formalistas e dos poetas vanguardistas, que estavam cansados da velha estética e buscavam novas formas em meio às profundas alterações da revolução. A poesia pretendia seguir por novos rumos estéticos enquanto a crítica já não se importava mais com a dicotomia existente entre os gêneros clássico e romântico, considerando tais preocupações ultrapassadas.

²¹⁹ OPOJAZ: Sociedade para os Estudos da Linguagem Poética.

²²⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 296.

Para Camus, todas as artes tem sua importância e são capazes de criar, de protestar, reivindicar e mostrar tanto a beleza quanto as injustiças do mundo. E, claro, todas têm a possibilidade de eternizar a vida, o momento e os sentimentos. E se for perscrutado os diversos momentos onde a violência política se fez presente na história, pode-se perceber que arte também se tornou mais incisiva nos períodos mais marcante e com mais expectativas. Pablo Picasso ²²¹, frente à guerra civil espanhola, expressa sua indignação à barbárie que se apresenta, corpos mutilados e a vida humana destituída de valor, expressos na tela *Guernica* ²²² (1937) mostrando a violência e o massacre sofrido por aquela população ²²³. Episódios dessa natureza caem facilmente no esquecimento, pois a vida tem uma dinâmica própria e tende a renovação sempre. Ora, ainda que sejam lembrados historicamente, não se registra na história a carga emocional do terror que tende a ser diluída no tempo. Todavia, quando são imortalizados na obra de um artista, permanecem e assumem a função de incomodar e mostrar que o terror não considera a vida humana. Um tipo de ataque como o de Guernica causa uma comoção e um medo instantâneo, haja vista que todas as cidades do mundo se sentem como possível alvo, além de tomarem consciência de que se trata de outro tipo de guerra, pois qualquer interesse vil, econômico ou político estão realmente acima da vida humana. E se há interesses maiores, qualquer lugar torna-se um alvo em potencial, como o caso de Guernica. Porém esse terror é circunscrito numa época, caracterizando-se como momentâneo, naquele contexto histórico/político/econômico. Com o agravante de cair

²²¹ Nascido na cidade de Málaga, em 25 de outubro de 1881, **Pablo Ruiz Picasso** – pintor espanhol naturalizado francês – tornou-se um dos mestres das Artes Plásticas do século XX, pois era ainda escultor, artista gráfico e ceramista. que tinha um estilo privilegiado pelas cores, tanto que suas obras podem ser divididas em várias fases, de acordo com a valorização de certas cores. A fase Azul (1901-1904) foi o período onde predominou os tons de azul. Nesta fase, o artista dá uma atenção toda especial aos elementos marginalizados pela sociedade. Na Fase Rosa (1905-1907), predomina as cores rosa e vermelho, e suas obras ganham uma conotação lírica. Recebe influência do artista Cézanne e desenvolve o estilo artístico conhecido como cubismo. O marco inicial deste período é a obra *Les Femmes d'Alger* (1907), cuja característica principal é a decomposição da realidade humana.

²²² Painel cubista pintado em 1937, por ocasião da Exposição Internacional de Paris. Foi exposto no pavilhão da República Espanhola. Nesta obra trata justamente da Guerra Civil e o do sofrimento causado pelos ataques.

²²³ Na ocasião do ataque, era dia de feira-livre na cidade De Biscaia, Guernica ficava nas redondezas num vale do país basco. Naquele momento, os camponeses traziam os produtos para a comercialização. No dia 26 de abril de 1937, Guernica que não era um alvo importante, e nem oferecia qualquer tipo de risco para Franco ou Hitler, foi atacada pela Legião Condor, que despejaram bombas mostrando todo o terror da guerra. O saldo foi de 1654 mortos e 889 feridos, numa população de 7.000 mil habitantes. Todavia, a escolha de Guernica não se deu ao acaso, dentre outros motivos, o principal, era o sentido simbólico. Aquela região abrigava um velho carvalho (*Guernikako arbola*) que era onde os monarcas espanhóis juravam as leis e os costumes do povo basco. Além de serem tomadas as decisões do conselho. Assim, a destruição de Guernica serviria como lição a todos que imaginavam uma Espanha federalista e descentralizada.

na ação do tempo, que como dito, tem a tendência de acomodar os sentimentos, já que o que foge às vistas não incomoda o espírito.



Pablo Picasso, *Guernica*

Pablo Picasso representou esteticamente tanto a dor quanto o absurdo daquele momento. Por cinco meses se empenhou no trabalho de produção daquela tela, com o propósito de registrar e não deixar cair no esquecimento esse tempo de barbárie. Picasso não faz referência ao nazismo, ou a qualquer governo repressor, mas a sua manifestação estética mostra o terror e a desumanização política. É, antes de tudo, um grito de protesto.

Outro exemplo de resistência política por meio da arte/revolta, (isto mais na contemporaneidade – até mesmo após a morte Camus) é o caso de Artur Barrio²²⁴ que desenvolveu ao longo de sua carreira uma arte que é denominada por ele e por outros artistas daquela época como contracultura²²⁵. Barrio produz uma espécie de arte com característica clara de denúncia e revolta, visto que sua produção artística está sempre no limiar da ruptura.

²²⁴ Artur Barrio Alipio Lopes de Sousa, artista português, nascido em 1945, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1955, viveu algumas vezes em outros países, mas sempre retornou para a capital carioca. O seu trabalho consiste, majoritariamente, em peças de instalação que interagem com o público. Barrio tem o propósito de envolver o espectador como participante em sua arte, muito mais do que uma interação ou uma interpretação o que ele espera o que espera é um envolvimento, em alguns momentos o espectador não sabe de sua participação, um dos sentimentos causados por Barrio. Seu propósito maior, é instigar no apreciador, às vezes, inconsciente uma experiência que não precisa ser removida da experiência, mas nela incorporada. É um trabalho com uma carga grande de intencionalidade, pois pretende incitar um contato com a realidade, mas fugindo para arte.

²²⁵ Movimento da década de 60, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social sendo utilizados novos meios de comunicação em massa. Tinha a característica de manter um espírito mais libertário, resumido como uma cultura underground, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento.

A forma de exposição, o material usado, a técnica e o processo de produção avocam uma característica situacionista, já que a sua obra ostenta parte daquilo que existe, tornando ela própria, realidade. Por exemplo, na década de sessenta, no período da ditadura militar no Brasil, Artur Barrio produziu uma obra de arte singular dentro daquele contexto político. Ela tinha uma característica extremamente reivindicatória, ao mesmo tempo em que não permitia que a violência do momento fosse encoberta na hipocrisia e na mentira natural daquele tipo de regime político, cujo procedimento tende a ser acatado e aceito pela maioria da população. Basta observar que há um convencimento de que o melhor para a maioria está sendo feito, desconsiderando que uma minoria padece as agruras da injustiça. Assim, sua obra *As Trouxas Ensanguentadas* eram produzidas com carne em decomposição, barro, ossos e outros materiais e depois eram atiradas nas ruas em diversos pontos das principais cidades brasileiras; eram similares a corpos ensanguentados, enrolados em tecidos. Em uma de suas exposições, foram depositadas quatorze trouxas ensanguentadas no Ribeirão Arrudas, em Belo Horizonte. Essas trouxas foram colocadas à noite e ao amanhecer a população chocada se deparava com aquela cena. Isto enquanto vigorava o Ato Institucional número cinco (AI-5).

Barrio conseguia burlar a segurança do Estado e ao mesmo tempo chamar a atenção para o absurdo que acontecia naquele momento. Enquanto, diversos meios de expressão eram proibidos pela censura, Artur Barrio produzia uma arte contestadora, revoltada e descartável, pois o objetivo maior era a denúncia.

O que procuro é o contato com a realidade em sua totalidade, do tudo que é renegado, do tudo que é posto de lado, mais pelo seu caráter contestador; contestação essa que encerra uma realidade radical, pois que essa realidade existe, apesar de dissimulada através de símbolos²²⁶.

Diante desses episódios pode-se perceber que o artista é detentor de um poder único, que vai na contramão da violência. Um poder que se recusa aceitar a minimização da condição humana, ademais, não aceita que a banalização da violência contra a vida humana se instale. Sob esse aspecto é um instrumento de denúncia, mas sobretudo de revolta. A arte de Barrio é detentora dessa particularidade, pois não se

²²⁶ http://arturbarrio-trabalhos.blogspot.com.br/2008_10_01_archive.html.

perde numa arte vazia, pois mesmo que permaneça no real, o sentido maior é a denúncia, num período em que a arte engajada era pouco considerada. Camus chama a atenção para arte produzida na contemporaneidade, porquanto tem a tendência em se perder entre o formalismo e o realismo, deixando de ser contestadora. Tanto que afirma que “o revoltado deve recusar ao mesmo tempo o furor do nada e a aceitação da totalidade”. Mas essa totalidade a qual Camus se refere é niilista, a que Barrio faz referência tem mais o caráter de unidade. Outro exemplo de revolta pela unidade pode ser o de Frida Kahlo ²²⁷, que não só se deu conta do absurdo da existência, pois teve que lidar com diversas tragédias em sua vida, mas a partir destas tragédias criou e se eternizou por meio da arte, apesar da dor. Camus observa que:

Qualquer que seja a perspectiva escolhida por um artista, um princípio continua comum a todos os criadores: a estilização, que supõe ao mesmo tempo o real e a mente que dá ao real sua forma. Através dela o esforço criador refaz o mundo, e sempre com uma ligeira distorção que é a marca da arte e do protesto ²²⁸.

4.3. O Romanesco como Revolta e Criação

Camus compreende que nas diversas formas de resistência e propagação da revolta — a revolta essencialmente verdadeira —, a arte é sem dúvida a mais primorosa e sutil, pois tem liberdade de permear os múltiplos universos contidos e em único mundo, assim pode-se imaginar o pluriverso da arte que permeia todas as possibilidades da vida humana. Contudo, entende que a escrita é que tem mais possibilidades de criação e “o romance nasce ao mesmo tempo em que o espírito de revolta, e traduz, no palco estético, a mesma ambição” ²²⁹. Ora, o romance traça uma vida, um roteiro fictício. Camus chama a atenção que essa possibilidade do romanesco se divorcia dos aspectos reais, isto também é uma forma de crítica dos revolucionários, tanto que na Rússia houve os movimentos contrários a esse pensamento. Camus afirma que, “A atividade romanesca supõe certamente uma espécie de recusa do real, mas esta recusa

²²⁷ Magdalena Carmen Frieda Kahlo y Calderón (1907 – 1954) Pintora mexicana. Sua pintura foi considerada por Breton Como sendo surrealista, ao que ela comentou que "Pensaram que eu era surrealista, mas nunca fui. Nunca pintei sonhos, só pintei a minha própria realidade".

²²⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 311.

²²⁹ Ibid., p. 297.

não é uma simples fuga.”²³⁰ Isto é observado como uma característica da escrita, tanto que Manuel da Costa Pinto, ao observar o Mito de Sísifo, no que tange a Dom Juan, diz que,

Todas as personagens são figurações de um *Style de vie*: elas ao mesmo tempo vivem o absurdo e o expressam. Transposto para o interior da escrita de quem contempla a própria vida e procura expressar sua própria intuição do absurdo, esses exemplos de estilização transformam-se em invenção de si. Viver expressando o absurdo será a forma de duplicar a existência²³¹.

O artista, e neste caso mais especificamente o escritor romanesco, recusa as incongruências da vida, e a inexplicabilidade da existência, mas não pretende fugir disso. Coloca-se na condição de homem revoltado. E essa revolta perpassa pela seguinte contradição:

O homem recusa o mundo como ele é, sem desejar fugir dele. Na verdade, os homens agarram-se ao mundo e em sua imensa maioria, não querem deixá-lo. Longe de desejar realmente esquecê-lo, eles sofrem, ao contrário, por não possuí-lo, estranhos cidadãos do mundo, exilados em sua própria pátria²³².

Como lidar com o fato de não pertencer ao mundo? É análogo a andar pelos corredores da casa onde se mora e não se sentir pertencente, literalmente um *estranho no ninho*. Isto é, introduzido no meio, mas sem pertencimento. Não é possível se abster do processo invejoso que se instaura no homem, alguns mais conscientes, outros menos, mas todos revoltados, principalmente por ter sua existência medida e determinada por uma força desconhecida. Ora, quando se romanceia a vida, expressa um pouco dessa inveja e dessa vontade de viver e de criar. Ali pode se dar o tempo e até a eternidade da vida. Muitos desejariam o sofrimento eterno a ter sua vida ceifada. Por isso inconscientemente o homem busca ter mais bens materiais, já que essencialmente ele não é um ser de fato, visto que perece. Ou seja, busca o domínio das posses, haja vista que quando se tem algo, desenvolve-se a ideia fictícia de pertencimento e a ilusão que irá perdurar para sempre. Isto demonstra como é pequeno o poder do homem. Ora, os grandes revolucionários, em sua angústia para matar Deus, queriam estabelecer a lógica,

²³⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 299.

²³¹ PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus: um elogio do ensaio*, p.160.

²³² CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 299.

o domínio e o controle da vida; inconscientemente buscavam o ‘ser’ a vida, contudo o que conseguiram sempre foi o ‘ter’ a vida, por um curto espaço de tempo. Nessa busca desenfreada, o desejo de estar no mundo, de amar, desencadeia no homem esse grande ciúme. Especialmente quando se tem um ser amado, pois além de querer se preservar, há o desejo desenfreado de conservar o outro ao lado,

Em última instância, todo homem devorado pelo desejo alucinado de durar e de possuir deseja aos seres que amou a esterilidade ou a morte. Esta é a verdadeira revolta. Aqueles que não exigiram, pelo menos uma vez, a virgindade absoluta dos seres e do mundo, que não tremeram de nostalgia e de impotência diante de sua impossibilidade, aqueles que, então, perpetuamente remetidos a sua nostalgia pelo absoluto, não se destruíram ao tentar amar pela metade, não podem compreender a realidade da revolta e seu furor de destruição²³³.

Ora, isto é a revolta, e egoisticamente a plenitude da vida. Se mostrar pequeno e invejoso, sequioso de ter mais. Não se obrigar a mentir e a crer no impalpável. Assumir-se pequeno e querendo mais do que a vida lhe dá. Qualquer homem consciente busca desesperadamente essa unidade e completude que lhe falta. Esse processo se mostra dramático. Porque está inserido nos limítrofes da vida.

Diante dessa constatação, não basta parar e viver a angústia de esperar a morte. Por isso Camus não compreende relacionamentos e situações em que não estão presentes a intensidade do viver. Isto seria apenas o existir. Já que se está fadado ao fim, não se pode parar e esperar no torvelinho de uma não realização. É preciso buscar um mundo melhor em que se tem a possibilidade de ser melhor. O melhor, segundo Camus, é a busca pela unificação. Essa unidade faz com que o homem se mantenha na vida, sem fuga. E manter-se nestas condições é não se permitir abalos que roubem a certeza e a crueza do existir. Esconder-se embaixo de uma profissão de fé, esperando uma existência futura, é fugir do que é verdadeiro em si e na vida. Do mesmo modo, extinguir com a vida humana, julgando-se possuidor de um poder, também é fuga. Medo de se olhar como é, em outras palavras, medo de sua própria pequenez humana. A maneira mais sutil e segura de transcender toda essa pequenez é por meio da criação artística, que permite o viver e o reviver, além de propiciar a perpetuação.

²³³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 300-301.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No discorrer da pesquisa foi-se percebendo o quanto a filosofia de Albert Camus é aberta e ao mesmo tempo exigente. Não tolera a circunspecção, todavia não admite a escapula do fio condutor. Pode-se pensar que é o mesmo que seguir por uma estrada delimitada, que obriga o pesquisador a manter-se dentro de determinados parâmetros, contudo lhe dá asas para voar. O mote de sua filosofia está em conceitos, não há como se furtar disso. Ora, a busca pela felicidade é o ponto de partida para um esquadrinhamento da vida e a compreensão do absurdo que é viver. A partir da busca pela felicidade é que se percebe que a existência é destituída de sentido. Para ele, a condição humana está presente neste desejo desenfreado pela existência e a certeza que a vida poderá findar a qualquer instante. É onde inicia o conflito da existência. Como explicar ao homem que o mundo, apesar de sua beleza, lhe é, de certa maneira, hostil? O mundo que é belo e traz em si infinitas promessas, porém a vida é finita, além de ser em muitos momentos sofrida.

Uma boa ilustração para fora de Camus desta consciência pode ser encontrada no texto de João Cabral de Melo Neto, *Morte Vida Severina*. No diálogo entre as personagens Severino e Seu José, (Mestre Carpina), a relação entre absurdo e suicídio emerge com força literária e pretexto filosófico: “Seu José, mestre carpina, [diz Severino] que diferença faria se em vez de continuar, tomasse a melhor saída: a de saltar, numa noite, fora da ponte e da vida?”²³⁴. É, portanto, a partir da constatação do absurdo do existir humano que Camus aponta para o fato de que a compreensão do mundo é, para o homem, a redução do mesmo ao “humano, [ou seja,] marcá-lo com seu

²³⁴ João Cabral de Melo Neto, *Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*, p. 114. Neste poema, Severino é a personagem central. Ele é um retirante como muitos outros que fugindo da seca parte para o litoral, mas percebe que as dificuldades e limitações estão em todos os lugares. Ele está desiludido, pensando em suicídio quando encontra Seu José, mestre carpina, morador de um dos mocambos que havia entre o cais e as águas do rio Capibaribe. Diante da intenção de Severino, Seu José tenta convencê-lo de que ainda vale a pena lutar pela vida, mesmo que haja privações.

selo”²³⁵. Sendo assim, o drama humano está justamente na incapacidade de se reconhecer diante do espelho do universo. Percebendo-se que o absurdo é uma experiência intelectual, visto que não se pode assentir a uma experiência da morte, logo, há um *saber* sobre o absurdo que não está nem no homem nem no mundo, mas, isto sim, em seu ‘enfrentamento’. Então essa busca se desemboca no sentimento do Absurdo.

Em O Mito de Sísifo, portanto, o absurdo será submetido a uma constante oscilação entre o “sentimento” que nasce do desejo de compreender a desmedida do mundo e a “noção” do absurdo que, afirmando a impossibilidade de explicar, percebe em si mesma a disposição de descrever a realidade nos termos de uma representação que, sem o fundamento de um universo racionalizável, é homóloga à criação ficcional. Assim, o absurdo é, num primeiro momento, esta vertigem da finitude²³⁶.

Camus insiste que o absurdo é contradição porque “em seu conteúdo exclui os juízos de valor ao querer manter a vida, enquanto o próprio viver não passa de um juízo de valor. Se eu respiro eu julgo”²³⁷. Isto é, se o sujeito está vivo, automaticamente faz julgamentos, cria ideias e conceitos; busca naturalmente modos para acreditar naquilo que lhe posto. Afirmarções do tipo: algo é bom ou não; aquilo que se vê é correto ou justo; ou se vai contra o que considera correto. Entretanto, mesmo acreditando deste modo, alerta que a vida não é uma escolha constante. Discordando assim de Sartre, que afirma que vida é feita de escolhas e que temos total responsabilidade sobre elas. Para Camus isso não faz sentido, não em sua totalidade. Porque se fosse possível a escolha indistinta, as pessoas iriam escolher ficar saudáveis sempre, não envelhecer e assim por diante. Como Camus não é um filósofo de extremos, também adverte que sem nenhuma escolha também não é possível viver, de modo que há possibilidades de escolhas, mas não as mais importantes.

Chama a atenção para a *filosofia de não significação*. Para ele isso é importante, pois a *filosofia tem que contribuir, de fato, para o acréscimo da vida humana*. Uma filosofia que vive uma contradição, pelo simples fato de se exprimir, em que contribui para a existência? Camus explica que quando uma filosofia não quer significar e expressar, ela já está significando. Ora, essa ação tenta dar coerência ao incoerente. E

²³⁵ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 29.

²³⁶ PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus: um elogio do ensaio*, p. 151.

²³⁷ Idem.

nesse processo, dá sentido à falta de nexos. Sob esse aspecto o pensador argelino é intransigente; e reforça que “falar repara”²³⁸. O processo de falar, seja de que modo for, detém-se na retórica; porquanto seu objetivo é o convencimento por meio da explicação e da justificação, com o objetivo claro de ser compreendido. Assim, não há alternativa, a única forma de não significar é ficar em silêncio. Para tanto, é necessário compreender o que está posto, tomando consciência da absurdidade da existência e nada mais. Logo, não é razoável explicar o inexplicável. Com essa tentativa, poderia se cometer os erros de alguns existencialistas que detectaram o absurdo e tentaram justificá-lo²³⁹.

Camus compreende a dificuldade que é lidar com a crueza das circunstâncias, porém também observa que “de certa maneira, o absurdo que pretende exprimir o homem em sua solidão, faz com que ele viva diante de um espelho”²⁴⁰. Ou seja, se não houver o cuidado de se manter sempre consciente, a tendência é partir para a conformação, isto é, entrar na forma estabelecida.

No processo de rompimento é natural que haja o choque inicial e, em seguida, haja uma tendência a encarar os fatos com normalidade. Camus faz essa advertência porque compreende que esses e outros pensadores chegaram a diagnosticar o absurdo, entretanto, não transpuseram a percepção inicial. Não deram o salto. E se perderam no torvelinho daquilo que o conceito representava. Essa estada diante do espelho deve obrigar o homem a uma reflexão constante e a um confronto incansável. Evitar a conformação é observar sempre as realidades parecidas com a sua. Portanto nesse processo há um espelhamento no outro. Quando isso ocorre, a tendência natural é a existência tornar-se mais desconfortável, porém real. Desta maneira, não há uma acomodação daquilo que incomoda. Ora, esse processo tende a instigar a consciência, despertando a revolta, promovendo assim a luta. Consequentemente, não permite a resignação, ou aceitação. Porquanto, permitir uma situação dessa natureza é como acostumar-se à *pedra no sapato*. Aceitar com resignação a dor que se torna presente. Desta feita, o sofrimento, que deveria ser o mote da revolta, passa a fazer parte do que

²³⁸ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 19.

²³⁹ Este é o caso de pensadores analisados por Camus em *O Mito de Sísifo*, tais como: Jasper, que ao identificá-lo, coloca o absurdo como um Deus, tornando-o o ser que tudo ilumina. Chestov, ao seu turno, repete o pensamento de Jasper e não compreende o processo do absurdo como um divórcio, mas sim, como comunhão. Camus explica que essa ação é contraditória. Analisa que Kierkegaard, por sua vez, constrói todo o raciocínio, mas segundo a sua opinião, faz com que o absurdo torne-se critério do outro mundo, coloca o irracional como a única certeza existente.

²⁴⁰ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 19.

se vive e, conseqüentemente da vida; logo, será o lugar comum, tornando a vida rasa, sem completude e com expectativas e explicações metafísicas.

O absurdo não dá respostas e nem tem essa pretensão, ao contrário, alvitra deixar o sujeito numa situação desconfortável, instigando-o a novas buscas, novos rumos. “O absurdo é um sentimento entre outros” ²⁴¹ “mas a intensidade não significa que ele seja universal” ²⁴². Quando se afirma que tudo é absurdo e que nada faz sentido, esse é o ponto nevrálgico para estabelecer os critérios de sobrevivência no mundo. Entretanto é fundamental que faça sentido a insatisfação inerente ao ser. Isto é, o mundo exterior pode conter todo o tipo de absurdidade possível e ser inexplicável em toda a sua extensão, porém internamente as coisas têm que fazer sentido para o sujeito. Isto é fundamental, para manter a coerência de seus atos, fortalecendo-o para permanecer na vida. Essa clareza, além de justificar sua permanência, o faz compreender porque tomou tal decisão. Se a realidade observada causa desconforto, esse desconforto tem a possibilidade de gerar o protesto que deve ser considerado seriamente, porém, interiormente isto deve estar organizado. Diante dessa vivência absurda, a única coisa concreta e segura que se pode esperar é a revolta.

A revolta brota dessa situação e dessa conscientização. Enquanto o sentimento do absurdo se limita a viver a cisão, a observar o divórcio entre o homem e o mundo, constatar a disparidade que existe entre a voracidade pela vida que é inerente ao homem e a indiferença deste mundo frente a essa voracidade. O homem grita para viver e para permanecer aqui e o que recebe como resposta é o silêncio. A revolta é esse grito que deixa o homem empertigado diante do espetáculo de perfeição representado pelo mundo. Ante esse espetáculo grotesco que se manifesta frente a absurdidade da vida, da necessidade de manter-se coerente frente às incongruências do existir. Assim, revolta é ação, portanto é por ela que o homem consciente se conduz. A revolta legitima a existência. O homem utilizando esse sentimento encontra a regra para agir. Tal possibilidade não é proporcionada pelo absurdo. Com a revolta há clareza para tessitura da análise sobre o direito ou o dever de matar. Por isso, a revolta é, por sua natureza, movimento que permite não só destruir, mas transformar e construir. A revolta é ação, mesmo dentro da limitação. Para tanto, foi premente analisar o assassinato; pois que nada é mais fundamental que a vida humana.

²⁴¹ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 20.

²⁴² Idem.

Ponderar acerca da exigência de se matar ou permitir que se morra. Ou seja, consentir o fim da vida ou infringir dor ao outro é o que Camus chama de desrazão. A revolta deseja, precedentemente, que haja a transformação. Porém, neste ponto, é possível perceber que transformar; isto é, mudar, pressupõe ação. Contudo esse agir não é algo tão simples, podendo não ser do modo que se espera. Mais uma vez, Camus se mostra um pensador consciente e não se permite perder-se em maquinações utópicas. Ele prefere sempre lidar com a realidade dos fatos, não consente que haja uma fuga, nem para o metafísico nem para a indiferença, tampouco para a utopia. No entanto, segundo seu ponto de vista, a melhor ação, deveria acontecer sem que houvesse morte. Uma mudança, onde os acontecimentos não perpassassem pela violência. Observa que toda utópica paz exige e se embasa na violência. Os grandes líderes, contraditoriamente, buscam ou prometem a paz instaurando a violência. Nada é definitivo. Mas o mais importante é ter consciência que o niilismo é o grande complicador e responsável por este momento. Mesmo não esperando respostas e soluções mirabolantes, Camus espera que a vida humana seja considerada em sua completude, uma vez que já é mitigada pelo criador. Sendo assim, os homens que estão em condições análogas, mesmo diante das evidentes diferenças, devem ter como propósito maior a preservação da vida. Isso só será possível se o niilismo for combatido com veemência.

Lembremos, a revolta não é passiva e desesperançada, é antes um se rebelar à violação. Todavia, é preciso ter claro que todo revoltado é um defensor da vida e traz intrínseco o compromisso de lutar contra qualquer tipo de servidão, por esse lado ele abandona o niilismo e valoriza a vida de um modo absoluto e responsável. Tanto que o mais coerente para Camus é entender se a vida vale a pena ser vivida. A filosofia camusiana assume um aspecto de enfrentamento, em que o homem, consciente da limitação que lhe é imposta, se coloca como um combatente. “A revolta seria assim uma ação, cuja temperança estaria num valor de solidariedade à dor humana e que nunca transige em fazer do assassinato uma norma” ²⁴³. Ademais, não se pode construir nenhum tipo de pensamento, defender nenhuma teoria, sem antes considerar a vida humana. E quando se adentra por esse raciocínio de Camus, percebe-se o quanto ele tem clareza da noção de alteridade.

²⁴³ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 188.

Camus afirma que a melhor alternativa para o homem revoltado será optar pela arte, ela que não se permite enganar, não tolera a minimização da condição humana, tampouco admite a morte. Na arte o homem se mantém na existência usando o recurso da criação. Desta forma, a produção artística vai permitir tanto a resistência quanto a sua perpetuação. Pois, sob a sua égide não há morte, há construção e criação, assim é possível a unificação da experiência humana. Por meio da criação artística é possível respeitar as diferenças, mas, sobretudo valorar e valorizar a condição humana. Na arte o homem deixa de ser criatura e torna-se criador. Podendo razoabilizar sua condição, ao mesmo tempo em que lhe é permitido criar, lhe é possível protestar, denunciar e unificar. Este é o melhor instrumento de resistência, pois a vida permanece dentro dos limites, mas extrapola em possibilidades. Na análise da revolta e na sua contiguidade com o absurdo, muitos caminhos podem ser seguidos. Contudo, é na análise da arte revoltada, na qual o homem/deus/artista/criador emerge e pode melhor visualizar a única criatura que se revolta contra sua própria condição, ou seja, contra a acomodação e mediocridade, que pretendem encerrá-lo em uma vida insignificante. Camus sustenta que a criação artística deve ser entendida como “exigência de unidade e recusa do mundo”²⁴⁴, pois o verdadeiro criador rejeita o mundo, justamente por perceber que nele há uma carência, isto é, lhe falta algo. Logo, consoante Amitrano, “cabe a estes operários das penas, brochuras e pincéis, dar-lhe um fim”²⁴⁵.

É a arte, assim como a revolta, fabricante de universos, capaz de idealizar um sentido maior à condição humana em meio à desrazão existente no mundo. Camus então nos afirma: “A bem dizer, a exigência da revolta é em parte uma exigência estética”²⁴⁶. A criação artística, assim, aparece como engajamento e revolta, ou pelo menos, como um questionamento em seu estado mais primitivo, de uma perspectiva última do conteúdo da revolta. A partir dela pode-se vislumbrar uma ética contextualizada no próprio ato de recusa a uma condição indigna que afirma a glória da existência de ser homem.

Essa possibilidade se apresenta com mais intensidade no romance, ou seja, há uma multiplicidade de vidas, ao mesmo tempo em que por meio da arte se vislumbra a perpetuidade da existência. Em outras palavras, na arte há um modo de resistência, uma

²⁴⁴ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 291.

²⁴⁵ AMITRANO, 2002, p.113.

²⁴⁶ CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, p. 293.

insubordinação frente ao absurdo; entretanto, Camus salienta que o artista e a obra de arte não se apresentam como fugas do absurdo e assegura que é por meio da verdadeira arte que o absurdo se mantém. Camus reforça com as palavras de Nietzsche que “a arte e só a arte” ²⁴⁷ pode evitar a morte de verdade e criar, isto se mostra como uma possibilidade de se viver duas vezes.

Trabalhar e criar para nada, esculpir na argila, saber que a nossa criação não tem futuro, ver nossa obra destruída num dia, sendo consciente de que, profundamente, tal não tem mais importância do que construir para séculos e séculos, eis a difícil sagesa que o pensamento absurdo autoriza ²⁴⁸.

A decisão pelo merecimento da vida é, justamente, a melhor resistência e, mais ainda, a vida vivida em sua integralidade é de fato um ato de heroísmo. Willian Faulkner salienta que “Camus dizia que o único e verdadeiro papel do homem, nascido em um mundo absurdo, era viver, ter consciência de sua vida, de sua revolta, de sua liberdade” ²⁴⁹. Donde o conceito de absurdo ser aquilo que abre a possibilidade de uma leitura acerca da ‘revolta’. Ora, o conceito de ‘revolta’ está diretamente ligado à busca inconsciente da felicidade, mas, sobretudo de uma ética. Isto posto, Camus entende que a revolta permite o aperfeiçoamento do homem, uma vez que ela se dá diante da dignidade da condição humana, ainda que o homem não tenha uma consciência clara desse fato.

Ora, a obra de Camus se manteve aberta, e concluir algo dentro dela, talvez, seja perigoso. Então, ficamos com as palavras de Sartre no obituário de nosso argelino,

Camus era uma aventura singular de nossa cultura, um movimento cujas fases e cujo termo final tratávamos de compreender. Representava neste século e contra a história, o herdeiro atual dessa longa fila de moralistas cujas obras constituem talvez o que há de mais original nas letras francesas. Seu humanismo obstinado, estreito e puro, austero e sensual, travava um combate duvidoso contra os

²⁴⁷ CAMUS, Albert *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, p. 118.

²⁴⁸ Ibid. p. 140.

²⁴⁹ TODD, Oliver. *Albert Camus: Uma Vida*. Tradução Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.

de nossa época, contra os maquiavélicos, contra o bezerro de ouro do realismo, a existência do fato moral. Era, por assim dizer, esta inquebrantável afirmação. Por pouco que se o lesse ou refletisse a respeito, chocávamos com os valores humanos que ele sustentava em seu punho fechado, pondo em julgamento o ato político.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS

ABREU, Caio Fernando. *O Ovo Apunhalado*. Porto Alegre: L & PM, 87 p. 2001. p 33-34. Disponível em: <www.lpm.com.br>, consultado em agosto de 2011.

ALTUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Tradução de Walter André Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 2ª edição.

AMITRANO, Georgia Cristina. Docente da UFRJ: *Camus e a Condição Humana*, 132 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. *Ecos de Razão e Recusa: Uma Filosofia da Revolta de Homens em Tempos Sombrios*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Filosofia, 2007, pp. 126-127.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 568 p. 1989.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem – Pneumotórax* – Editora Petrópolis, 19 p. 1925, p 03. Disponível em :< <http://ebookbrowse.com/poemas-libertinagem-manuel-bandeira-pdf-d379553869>>, acessado em setembro de 2011.

BARRETO, Vicente. *CAMUS: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Editado em Convênio com Instituto Nacional do Livro – MEC. 209 p. [S/D].

BARRIO, Artur. **A insubordinação de Artur Barrio**. Entrevista concedida ALZUGARAY, P. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1759,1.shl>. >, acessado em janeiro de 2013.

BRETON, André. *Manifesto do Surrealismo*. Tradução Sérgio Pachá. Rio de Janeiro. 395 p. 2001.

CAMUS, Albert. *A Morte Feliz*. Rio de Janeiro: RECORD, 1997, 123 p.

_____. *A Queda*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Bestbolso, 111p. 2007.

_____. *O avesso e o direito*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. *O Estrangeiro*. Tradução Antônio Quadros. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 154 p. 1972.

_____. *Núpcias, o verão*. Tradução Vera Queiroz da Costa e Silva. Editora Nova Fronteira. 132 p. 1979, Rio de Janeiro.

_____. *O Homem Revoltado*. Tradução Valerie Rumjanek. 8ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record. 351 p. 2010.

_____. *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Tradução Urbano Tavares Rodrigues; Ana de Freitas. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 237p.

CAMPANELLA, Tomamso. *A Cidade do sol*. Tradução Aristide Lobo. Coleção Universidade, Rio de Janeiro: Edições de Ouro. 157 p. [S/D].

CLÁUDIA DA SILVA, Ana; RAMOS VENTURA, Susana. *Ciranda de Escritas – Reflexões Sobre as*. São Paulo. Editora Biblioteca 24 horas. 290 p. 2010.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*; Tradução de Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 51 p. 2002.

_____. *Os Pensadores*, Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna Estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. Porto Alegre Editora: Vitor Civita, 591 p. 1985.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Editora Nova Aguilar, 876 p. 1994.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*: Minha Luta. Disponível em: <AdolfHitler.A.Minha.Luta.By.ColdFire_www.downgratis>, acessado em julho de 2012.

LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os cantos de Maldoror*. Tradução Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 203 p. 2005.

LEITE, Lourenço. *Albert Camus: ética do absurdo*. 2004. Disponível em: <Repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5582/1/ETICA%20DO%20ABSURDO-2012.pdf>, acessado em dezembro de 2012.

Marques de Sade. *Diálogo entre um Padre e um Moribundo: e outras diatribes e blasfêmias*. Tradução Alain François e Contador Borges. Ed. Iluminuras. 104 p. 2001.

MELO NETO, João Cabral. *Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*. Organização Antônio Calos Secchin. São Paulo: Editora Global, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Hecce Homo*. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala. 123 p. [S/D].

_____. *O Crepúsculo dos Ídolos, ou Como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 154 p. 2006.

_____. *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 177 p. 1992.

PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus: um elogio do ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial. 199 p. 1998.

PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido: no caminho de Swann, Combray*. Tradução Fernando Py. 197 p. 1913. Disponível em: <<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>, acessado em novembro de 2012.

TODD, Oliver. *Albert Camus: Uma Vida*. Tradução Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.

REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Editora Nova Cultural, Coleção Os Pensadores. Tradução Leonel Vallandro, 1973.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ESPÍNDOLA, M.C.O. *Albert Camus: para uma ética da solidariedade*. Londrina: Editora Universidade Estadual de Londrina. 152 p. 1998.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta, Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HEGEL, G.W.F. *Introdução à Filosofia da História*. São Paulo: Editora Emus. 264 p. 2005.

JEAN-FRANÇOIS REVEL. *Nem Marx nem Jesus*. Tradução Marçal Versiani. Editora Artenova. Rio de Janeiro, 1973.

LOTTMAN, Herbert r. *Albert Camus: A Biography*. Editora Corte Madera, California, 1997.

KONDER, Leandro. *Kafka: vida e obra*. José Alvaro Editor: Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1974.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradutora Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 280 p, 1993.

SPINDEL, Arnaldo. *O que é comunismo*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1980, pp. 7-86.

WEPMAN, Dennis. *Hitler*. Editora Nova Cultural. São Paulo, 1987.